

Defesa Nacional



ABRIL
1945

NÚMERO
371

CEL. RENATO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FIGUEIREDO

MAJOR JOSE SALLÉS

RIO DE JANEIRO

B R A S I L

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXII

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1945

1.371

SUMÁRIO:

	Pags.
Editorial	443
O Oficial Anti-Aéreo — Trad. do Ten. Cel. Armando Pereira de Vasconcelos	447
A "Estrela" do Luciano numa Patrulha de Reconhecimento — Cap. Nelson R. Carvalho	461
Aspectos do Brasil no Século XX — Palestra proferida pelo Maj. Emanuel Moraes	463
"O Trabalho das 2.ªs Seções dos Estados Maiores das Grandes Unidades em Campanha" — Um estudo do Maj. Paulo Enéas F. da Silva	475
Pontes de Pontões de Borracha em 1846! — Trad. de Lydio M. Souza	489
Compêndio das Obrigações do Soldado Católico — Apresentado pelo Gen. Silveira de Melo	503
VI — "Camouflage" Versus Observação Aérea — Cap. Tasso de Aquino	519
Seleção de Pessoal para Serviço em Além-mar na Força — Trad. e anotações do 1.º Ten. Otávio Alves Velho	525
Tiro Indireto de Metralhadoras — Cap. Rui de Alencar Nogueira	533
Como Vejo a Organização da Divisão Blindada — Maj. A. C. Muniz de Aragão	539
Excertos — Trad. do Cel. R. B. Nunes	547
Nova Concepção do Recrutamento — Ten. Cel. Olympio Mourão Filho	565
Metralhadora "Browning" — 1.º Ten. Nuno da Gama Lobo D'Eça	585
"Emprêgo Tático do Batalhão de Transmissões — Ten. Cel. Adalardo Fialho	603
Livros Novos	605
Revistas em Revista	609
Boletim	617
Noticiário & Legislação	621

EDITORIAL

Divisa-se nitidamente o epílogo vitorioso da guerra na Europa.

De etapa em etapa, os aliados primeiramente desfazendo as vantagens que a Alemanha havia obtido na primeira fase da luta, quando chegou a colocar-se tão perto da vitória às expensas da esmagadora superioridade material que desfrutava. Depois encetaram a desorganização sistemática do potencial militar germânico, representado pelas suas indústrias bélicas, suas fontes de abastecimentos e suas comunicações. Seguiu-se o derradeiro lance, inaugurado pela chamada "invasão", e que se destinava à destruição das próprias forças militares da Alemanha e consequente ocupação do seu território. E esse lance final chega, por sua vez, ao fim.

Comprimidos, cada vez mais violentamente, entre os russos que progridem do leste e os anglo-

americanos que avançam do oeste, os germânicos se encolhem para o interior do território nacional, em franco processo de decomposição militar, caracterizada pela incapacidade de estabelecer novas linhas defensivas estáveis e pelo esfacelamento das unidades orgânicas da Wehrmacht, que se entregam em massa.

E' o fim, não pode haver dúvida.

* * *

Parece, todavia, que nos encaminhamos para uma situação semelhante a que ocorreu com a guerra do Paaguai que, perdendo o caráter de campanha regular, ainda se prolongou por algum tempo em operações de caça ao ditador Lopez.

Agora o que se esboça na Europa é o mesmo. Atingidos uns tantos objetivos militares, já muito próximos, entre os quais está Berlim, já neutralizada no seu valor industrial e no seu papel de centro das comunicações germânicas, mas ainda, seguramente, detentora de uma grande importância política, superados esses objetivos essenciais, a guerra estará praticamente terminada, pois o que

restará, a caça a Hitler, constituirá uma fase secundária, tanto do ponto de vista das operações militares como dos desenvolvimentos políticos.

Isto, exatamente, o Gen. Eisenhower vem de fixar em conhecida carta ao Presidente Roosevelt, quando diz: "Quanto mais progride esta campanha, mais provável parece que não haverá uma bem definida rendição militar das forças da frente ocidental. A nossa experiência, até agora, é a de que, mesmo quando formações pequenas, como uma divisão, são destruídas, os seus fragmentos continuam a combater até serem cercados. Esta atitude, se continuar, provavelmente significará que o dia da vitória na Europa virá apenas por meio de proclamações de nossa parte, em vez de por meio de qualquer definitivo e decisivo colapso de rendição da resistência alemã".

* * *

Adverta-se que os retumbantes êxitos atuais das forças aliadas já se beneficiaram das combinações de Yalta. A coordenação estratégica das duas frentes tornou-se verdadeiramente objetiva com o auxílio da aviação anglo-ameicana às operações russas e a articulação das grandes ofensivas no Oriente e no Ocidente.

A conferência do México, colocada entre as combinações do "big three" e o próximo conclave das Nações Unidas, veiu reajustar a posição das Américas ante a evolução acelerada dos acontecimentos político-militares.

Depois que nesta guerra, em certo momento, se armou aquela situação perigosíssima para o continente americano, quando a plataforma de Dakar esteve ao facil alcance dos nazistas, ficou bem claro que as tempestades deflagradas na Europa representam riscos diretos e seríssimos para os povos da América. E no futuro, em função das conquistas da técnica, esses riscos só farão crescer, tornando-se cada vez mais numerosos e graves.

Dessa forma, a defesa das Américas há de organizar-se em bases de permanente e estreita colaboração.

A conferência dos chanceleres, na capital do México, marcou a concretização dessas disposições. Daí, na plena consciência dos interesses comuns, e articulados numa conduta coesa, machamos para as deliberações de S. Francisco, que riscarão os caminhos do mundo no plano da segurança coletiva, no campo econômico e na esfera política, ao próximo termo das operações de guerra na Europa.

O OFICIAL ANTÍ-AÉREO

Pelo Major ROLAND W. BOUGHTON JR., da General Staff School — Military Review, agosto de 1944. (Tradução do Ten. Cel. ARMANDO PEREIRA DE VASCONCELLOS).

A Artilharia Anti-Aérea (A.A.Ae.) não constitui força orgânica nas Grandes Unidades; daí ser considerada um elemento estranho, tanto ao Comando como ao respectivo Estado Maior. Ambos sabem que ela existe com a aptidão especial para atirar contra aeroplanos, mas ignoram o modo por que devem utilizar essas aptidões especiais em benefício de suas próprias necessidades.

Qualquer força militar constitui verdadeiramente uma equipe em que cada um dos elementos que a compõem tem uma tarefa determinada a cumprir no esforço combinado. Assim, nenhuma Grande Unidade poderá ter confiança numa ação eficiente se o Estado Maior do Comando não puder estabelecer um plano que assegure a completa utilização das aptidões especiais de cada um dos componentes no quadro da combinação das armas. O segredo para o êxito, no emprego particular da A.A.Ae. consiste em o Estado Maior da Grande Unidade saber utilizar plenamente os serviços e os conhecimentos especiais do OFICIAL ANTI AÉREO. Sem embargo, na maioria dos casos, o oficial anti-aéreo não constitui membro permanente do Estado Maior considerado. Ele só aparece esporadicamente, quando sua unidade passa a disposição da Grande Unidade. Daí ele não constituir um personagem familiar ao Estado Maior e com quem os outros oficiais estejam habituados a trabalhar. Torna-se, portanto, indispensável que os oficiais de Estado Maior não o percam de vista para que possam conseguir o máximo de sua colaboração, o que se caracteriza por uma perfeita e reci-

proca ligação, tendente a obter uma troca de esclarecimentos e conselhos. Para isso, cada oficial de Estado Maior deverá perguntar constantemente a si próprio: "Que posso eu fazer em seu favor?" "Que poderá ele retribuir em nosso benefício?"

Um Estado Maior só realiza trabalho meritório quando auxilia efetivamente seu comandante, exonerando-o das preocupações sobre inumeros pormenores de execução, conforme ficou revelado nos últimos exercícios de comando.

Para consegui-lo, o Estado Maior deve trabalhar metódicamente como uma *equipe perfeitamente coordenada*. Essa condição é primordial para que o oficial anti-aéreo possa exercer com propriedade suas atribuições e o comando auferir, no conjunto, os benefícios da A.A.Ae. posta a sua disposição.

A documentação sobre instrução não trata, em pormenores, das atribuições de Oficial Anti-aéreo no Estado Maior de uma Grande Unidade, nem prescreve suas relações de serviço, quando adido a êste órgão de comando.

A finalidade dêste artigo é pois, preencher esta lacuna, promovendo a discussão minuciosa daquelas atribuições, a fim de que o oficial anti-aéreo não permaneça no Estado Maior da Grande Unidade como um relegado, ou intruso.

Tomraemos a Divisão de Infantaria, como escalão básico de discussão, visto constituir um exemplo típico de Grande Unidade.

O COMANDO

Para o seu Cmt., o oficial anti-aéreo é considerado um perito no emprego dessa arma especial. O Comando pode não ser um profundo conhecedor do emprego desta nova arma e estar pouco familiarizado com ela, mas não tem o direito de ignorar os conhecimentos gerais a ela concernentes. Se é assim, o oficial anti-aéreo estará em condições de completar-lhe as deficiências, aconselhando-o. Ele poderá informar exatamente ao Comando *que poderá ou não fazer* a unidade, ou unidades postas a sua disposição. Ele poderá intervir na decisão como conse-

lheiro para esclarecer qualquer má concepção que o comando tenha tido sobre o emprego dessa arma.

Em situações particulares, o oficial anti-aéreo pôde auxiliar seu comandante na decisão sugerindo-lhe como a A.A.Aé. poderá adaptar-se melhor ao plano conjunto de manobra prevista. Mereé de seu relativamente completo conhecimento sobre a situação do inimigo aéreo, as possibilidades e intensidade de sua ação (tática) — o oficial anti-aéreo pôde proporcionar a seu Cmt. uma estimativa sobre a situação do inimigo no ar a qual poderá mesmo ser de valor diferente, sobretudo, da última estimativa. Ele pode ainda indicar se são suficientes ou não os meios disponíveis em A.A.Aé. para realizar uma defesa efetiva para as tropas e instalações da Grande Unidade. Caso negativo, ele pode indicar ao comando a quantidade e o tipo dos meios em A.A.Aé., completamente, a serem pedidos ao Comando superior. Graças ao seu conhecimento sobre a situação e as modalidades de ataque do inimigo aéreo, poderá também opinar, tecnicamente, sobre quais as tropas e instalações da força apoiada que oferecem alvos mais sedutores a atividade aérea do inimigo. Em vista dos pormenorizados estudos que realiza sobre os alvos correntes para proceder a seleção dos objetivos das forças áreas inimigas, ele pode prognosticar quais as instalações, dentro da área ocupada pela Grande Unidade, que serão preferentemente atacadas. Isto será útil para a tomada de uma decisão final sobre prioridades, no caso do Cmdo dispor de um largo tempo para julgar sobre a relativa importância de 2 ou mais objetivos. O oficial anti-aéreo, verificando a possibilidade ou não de ser exercido um efetivo controle centralizado das unidades de A.A.Aé. durante uma operação, pode e, em regra, faz recomendações ao comando no sentido dos meios a sua disposição, parcial ou totalmente passarem as ordens dos comandos subordinados mais indicados para esse fim.

Um assunto muito importante nas relações entre o oficial anti-aéreo e seu comandante é o relativo a natureza e tipo das instruções que deve expedir como Cmt. de tropa da A.A.Aé. Desde que uma Grande Unidade não tenha meios suficientes de

A.A.Ae. para promover uma defesa efetiva de *todas* as tropas e suas instalações, faz-se necessário selecionar as missões e adaptá-las a situação. Esta *decisão no atinente a prioridade*, embora precedida de recomendações feitas pelo oficial anti-aéreo, é sempre prerrogativa do Comando superior, o qual, em última instância, fica responsável pela segurança do conjunto de suas forças. A utilização adequada dos meios disponíveis da A.A.Ae., compete estritamente ao oficial anti-aéreo, como Cmt. subordinado, deverão indicar sempre a *ordem de prioridade* para as missões da defesa anti-aérea. De um modo geral, tais ordens consideram o subordinado com iniciativa ampla para executar sua missão, salvo as restrições para assegurar a coordenação do esforço. O tipo normal de ordem que as unidades anti-aéreas recebem, pois, fixam apenas a prioridade para defesa anti-aérea.

Ha um importante aspecto das relações entre o oficial anti-aéreo e seu comandante — a localização do tiro terrestre como missão primária. A A.A.Ae. possue grande capacidade para ser utilizada em várias tarefas auxiliares: tais como o tiro contra carros, tiro contra ninhos de metralhadoras e outras fortificações, complementando a A. de Campanha. A dispersão de meios seria muito grande se a A.A.Ae. não estiver preparada para fazer esse gênero de tiro (terrestre) como missão primária.

Normalmente, aliás, ele só é usado quando a ameaça aérea cessa de existir, ou desde que a missão do tiro terrestre assuma maior importância e o Comando não disponha de outros meios. Posto êste problema, o oficial anti-aéreo poderá prestar o maior auxílio ao seu comandante para solucioná-lo. A mudança da missão primária da A.A.Ae. para concorrer em tarefas auxiliares deve ser, de ordinário, uma *decisão do comando*. Para tanto, o oficial anti-aéreo pôde aconselhar seu Cmt. sobre se convém ou não abandonar a defesa contra a ameaça aérea inimiga. Tomada a decisão de empregar a A.A.Ae. no tiro terrestre, cabe a êste assistente do Comando dar-lhe os conselhos ténicos sobre o melhor modo de realizá-lo.

G — 3

As relações do oficial anti-aéreo com o G-3 têm muitos pontos de coincidência com as prescritas para cmo o seu Cmt. Com o G-3 o oficial anti-aéreo deve completar os elementos de decisão, preparando os pormenores táticos dos planos e ordens. Para o G-3 será muito útil que possa contar com esse auxílio, sob a forma de conselhos, sobre o emprego tático de uma arma com que em regra não está familiarizado. Reciprocamente, o oficial anti-aéreo pode fazer muito no sentido de prevenir o mau emprego da A.A.Ae. no desenvolvimento dos planos táticos e ordens decorrentes dos acontecimentos. O G-3 empenha-se para que o oficial anti-aéreo mantenha constante ligação com él. Como o G-3 encara seus planos "pari passu" com o evolver da situação, o oficial anti-aéreo deve estar ao par das previsões para apresentar suas proposições oportunas sobre o emprego da A.A.Ae. em tais planos. Sómente, através de estrita e continua ligação entre ambos, será possível manter plenamente eficiente e continua a defesa contra a ameaça aérea.

Nestas condições, o oficial anti-aéreo deverá estabelecer seu P. C. na vizinhança imediata do P. C. da unidade superior.

Ele deve assim consumir uma grande fração de seu tempo nas barracas do E. M. Geral, particularmente na do G-3. O comando direto e a supervisão das unidades de A.A.Ae. são exercidos pelo oficial anti-aéreo nos intervalos de tempo ou mediante delegado seu, o executivo. A chave para a eficiência e êxito no emprego da A.A.Ae. é anulação da "compartimentação" no trabalho de E. Maior; o oficial anti-aéreo deve estar, ao mesmo tempo, "mental e fisicamente" próximo as outras secções do E. Maior da Unidade superior.

Um assunto específico, em que o G-3 e o oficial anti-aéreo são particularmente responsáveis, consiste na coordenação de todos os meios ativos e passivos de defesa anti-aérea no âmbito da Grande Unidade. Nesse sentido, o G-3 pode valer-se

do oficial anti-aéreo como perito para elaborar e coordenar o importante *Plano de defesa anti-aérea*. Este plano inclue prescrições não só para a defesa ativa, realizada pela A.A.Ae., mas também prescrições sobre a defesa ativa e passiva a cargo das unidades de tropa subordinadas a Graned Unidade. Estas medidas referem-se: a informações para o Q.G. superior (relativas as restrições para o tiro e os processos de reconhecimento), facilitando a coordenação anti-aérea; *regras* para o ataque aos aviões inimigos pelas pequenas armas e outros armamentos; *restrições* do tiro e processos de reconhecimento para assegurar a proteção dos aviões amigos; medidas especiais de disfarce, desenfiamento e dispersão tão necessários em face da situação aérea corrente; *instruções para defesa contra ataques de forças aéro-transportadas* e medidas especiais de sigilo para evitar as investigações aéreas e reduzir as baias. O total de um tal plano constituiria o S.O.P. (Standing Operation Plan) no qual serão introduzidas instruções especiais ou transitórias exigidas para a situação de momento. O oficial anti-aéreo dispõe de especial treinamento e de conhecimentos capazes de permitirem o desenvolvimento, em pormenores, deste plano. Ele pode também desempenhar um grande papel no treinamento especial das tropas e na supervisão da execução do plano depois de aprovado e ter entrado em vigor.

Com relação aos planos gerais do G-3 em questões de tática, faz-se mistério que o oficial anti-aéreo forneça certos dados táticos e logísticos concernentes a sua unidade. O G-3 conhece a quantidade de Unidade orgânicas que representam sua força, mas pode não estar familiarizado com as características das unidades de A.A.Ae. O oficial anti-aéreo deve, então, fornecer-lhe informações tais como :

- 1 — *Possibilidades* — o número e o tamanho das áreas que podem ser protegidas, a natureza e extensão da proteção que pode ser fornecida tanto para as unidades estacionadas como em movimento, as condi-

ções em que a eficiência da defesa são falhas ou despresíveis.

- 2 — As estradas, com prioridades necessárias, para permitir que a A.A.Ae. possa fornecer a proteção suficiente durante os deslocamentos;
- 3 — Velocidades de marcha e duração de escoamento da coluna das unidades de A.A.Ae..
- 4 — Número e tipos de veículos integrantes das unidades.
- 5 — Número de viaturas utilizáveis para outros fins e as condições em que êssas viaturas podem ser reutilizadas.
- 6 — e designação de alguma A.A.Ae. para outras unidades em situações específicas.

O G-3 pode também recorrer ao oficial anti-aéreo para preparar o *item* das ordens de operações que contenha missões e instruções para as unidades de A.A.Ae..

G-2

Si bem que as ligações do oficial anti-aéreo com o G-2 não sejam tão intensas e variadas quanto com o G-3, aquele personagem pode prestar valiosas contribuições ao trabalho do G-2. Falando em tese, o oficial anti-aéreo pode constituir-se uma valiosa fonte de informações sobre a situação do inimigo aéreo e sua tática corrente, e um perito conselheiro sobre as possibilidades dêste inimigo em determinada situação. . . .

Por intermédio de sua ligação com as rôdes de transmissões da força aérea e de seu próprio serviço de informações (S. I. A. A. Ae.), o oficial anti-aéreo constitue uma fonte permanente e continua de informações a ser explorada pelo G-2.

Como perito na estimativa das possibilidades do inimigo aéreo, o oficial anti-aéreo pode avaliar: — a extensão e eficiência da observação aérea; o número e tipos dos aviões ini-

migos dentro do alcance da zona de operações; modalidades e importância dos ataques aéreos prováveis; montante e tipos de proteção fornecidas pelos elementos das forças aéreas amigas; quais as tropas e instalações que poderão ser principalmente visadas pelo ataque; natureza e extensão dos danos em perspectiva e qual o montante de meios a fazer interferência com êxito em nossa missão contra a ação aérea inimiga.

O G-2 tem uma outra dor de cabeça constante em que o oficial anti-aéreo pôde aliviar-lo — *o plano de contra-espionagem*. Nesse particular o oficial anti-aéreo pôde dizer ao G-2 quais os tipos de concentração de tropas, movimentos e outras atividades que podem ser vistas do ar; pôde recomendar a natureza e tipo de defesa passiva a serem adotados para despitar a observação aérea — ambos interessando as medidas do S.O.P. e as restrições especiais reclamadas pelas situações específicas. Ele pôde distinguir dentre essas medidas, a burla contra a observação de dia, da executada a noite. Quanto as restrições de sigilo para a defesa ativa, exclusivamente, o oficial anti-aéreo pôde fornecer conselhos visando quando e sob que condições as tropas poderiam ou não atuar contra os aviões inimigos. Pôde recomendar a natureza e o tipo de assistência que o G-2 pôde pedir para o apoio das unidades aéreas na área interessante para evitar eficazmente a observação aérea inimiga.

No treinamento das tropas para a execução das medidas de defesa passiva e na supervisão da execução das prescrições do plano de contra-espionagem (counter-intelligence) o oficial antiaéreo pôde também prestar assistência. O oficial de engenharia é de ordinário, o perito sobre os meios técnicos para o uso do disfarce, mas nas operações ativas estará provavelmente muito absorvido para supervisionar em pormenores a execução das medidas de defesa. Nesse caso, o oficial anti-aéreo pôde muito bem desempenhar-se, e exercer esta importante função.

G-1 e G-4

Em suas relações de E. Maior com o G-1 e G-4 as funções do oficial anti-aéreo são na maior parte limitadas aos assuntos relacionados com o plano de pessoal, administração e apoio logístico às unidades de A.A.Ae. atribuídas a G. U. O oficial anti-aéreo, a respeito da subordinação de sua unidade ao alto comando, deverá estar preparado a fornecer ao G-1: os efetivos previstos e atuais de sua unidade; necessidades de substituições pela seriada numeração de especialistas; e prováveis ritmos de perdas nas operações ativas.

Ao G-4 :

- Pedidos de suprimentos e manutenção peculiares às unidades de A.A.Ae postas à disposição, inclusive quantidades e tipos de munições especiais utilizadas por suas armas; unidades de fogo de suas várias armas e rapidez de consumos a serem previstos nos diferentes gêneros de operações.
- Características logísticas das unidades de A.A. Ae. atribuídas a Grandes Unidades — montante e tipos dos equipamentos e suprimentos constitutivos de suas dotações básicas, total e tipos de pessoal de administração e de transporte disponível para emprestar, quando tais transportes puderem ser retirados.

Em complemento, para fornecer a informação acima concernente às suas unidades, o oficial anti-aéreo pode fornecer ao G-4 tal auxílio nos planos finais para a segurança das tropas administrativas e instalações sujeitas aos ataques aéreos. Pode recomendar medidas especiais passivas, de desenfiamento, cobertura, dispersão e disciplina nos comboios e medidas ativas para permitir o pleno uso das armas orgânicas das tropas dos serviços (formações). Ele pode supervisionar a execução de tais planos por parte das tropas e dos serviços. Pode

manter o G-4 informado sobre quais as instalações administrativas que necessitam proteção da A.A.Ae.. Não obstante, deve manter constante ligação tanto com o G-1 como o G-4 no sentido de que seus planos para a proteção pela A.A.Ae. de suas instalações administrativas, sejam mantidos a salvo de limitações na localização e deslocamentos dessas instalações.

O Estado Maior Especial

Em complemento, as suas relações com o E.M. Geral afetando os planos da Unidade superior como um todo, o oficial anti-aéreo tem contactos diretos com os vários oficiais do E. M. especial nos assuntos específicos.

Com relação ao cmt da A., terá 2 assuntos principais para discutir: fornecimento de proteção anti-aérea para as unidades de A. de Campanha (duração dessa missão) e arranjos para a participação da A.A.Ae. nas missões da A. de Campanha. Em ambos os casos, deverá haver uma íntima ligação e uma coordenação pormenorizada dos planos. O oficial anti-aéreo precisa estar perfeitamente familiarizado com a organização e características das Unidades de campanha bem como com sua táctica e técnica. Ele deve conhecer o valor e as características das unidades de A. quando consideradas como objetivos dos ataques aéreos inimigos. Deve familiarizar-se com a maniera pela qual as unidades de A. de Campanha se deslocam para apoiar as outras armas. A coordenação dos planos deve assegurar que as unidades de A.A.Ae. estejam eficazmente articuladas com o plano de transmissões da A. de Campanha em condições de uma delas poder manter efetiva e continua proteção á outra nas situações de movimento. Os planos para os movimentos devem ser coordenados de tal forma que os incidentes de tráfego devam ser apartados e que a A. de campanha possa receber proteção durante o movimento como também em posição. Para utilizar-se eficazmente a A.A.Ae. nas tarefas da A. de Campanha preciso antes de tudo que a coordenação acima referida seja assegurada. Complementar-

niente, medidas especiais devem ser adotadas no sentido de manter a capacidade de fogo da A.A.Ae sob o controle eficiente da Central de tiro da A. de Campanha.

O oficial de transmissões também possui muitos interesses comuns com o oficial anti-aéreo. Quando uma unidade de A.A.Ae. é posta a disposição de um Comando superior cabe ao oficial de transmissões respectivo a responsabilidade do estabelecimento das redes de transmissão até o P.C. da unidade atribuída. Deverá também esclarecer ao oficial anti-aéreo quanto as adaptações especiais a fazer, no âmbito da unidade, em face do método normal de instalação das transmissões e de seu funcionamento, fornecendo-lhe uma cópia, logo que possível, das *Instruções para o funcionamento, das transmissões* (Signal Operativ Instructions).

Além das relações normais, mantidas com os Cmto. das unidades postos à disposição, o oficial das transmissões tem um interesse especial e muito importante, no sentido de que o oficial anti-aéreo entra em conexão com seu próprio plano para constituir o sistema de informações.

O oficial anti-aéreo traz consigo um importante reforço aos meios de informações já existentes na Grande Unidade — O S.I.A.Ae. (Serviço de Informações da A.A.Ae.). Este elemento compõem-se de meios próprios com que está dotada a A.A.Ae. para advertir da aproximação do inimigo aéreo. Deverá logo que possível entrosar-se no próprio sistema de alerta da Grande Unidade. O oficial anti-aéreo deve dizer ao oficial de transmissões quais os meios de alerta que possui sua unidade, descreve-lhe cuidadosamente suas características, possibilidades e o sistema normal de funcionamento, como também o modo de colher o melhor rendimento deste sistema de vigilância. Por meio de um confronto, podem ambos chegar a estabelecer planos que tornariam mais eficiente o emprego do S.I.A.Ae. e que assegurariam o mais eficiente enlace no sistema de vigilância conjunto.

Para com o oficial anti-carro (quando é designado) o oficial anti-aéreo presta um importante e altamente eficiente reforço aos meios anti-carros da Grande Unidade.

Normalmente, a artilharia anti-aérea será empregada em suas missões primárias. Mesmo assim constitui a unidade um valioso subsidio para o conjunto, no caso de ação contra carro; as armas podem atirar juntas de suas posições anti-aéreas ou posições alternadas ocupadas mediante ordem, quando a luta de carros é empreendida. A coordenação do plano, entre o oficial anti-carro e o oficial anti-aéreo, seria assegurada pelas possibilidades contra os engenhos mecanizados da A.A.Ae. que seriam utilizadas ulteriormente e, em concorrência com a execução de suas missões primárias. O oficial anti-aéreo pôde informar ao oficial anti-carro qual o número, tipo, e calibre das armas existentes em sua unidade, suas possibilidades e limitações para produzir o tiro com o fim de permitir os movimentos dos objetivos terrestres, sua velocidade inicial, rapidez de tiro, alcance eficás, eficiência do controle do tiro e características de penetração. O oficial anti-carro, a seu turno, pode prestar informações ao oficial anti-carro sobre as medidas de desenfiamento adotados e que permitem técnica especial de designar objetivos e dirigir o tiro contra os carros e sobre a escolha e designação das posições e campos de tiro para as unidades de A.A.Ae. em cooperação. Estes oficiais devem assegurar, mediante a coordenação dos planos, o máximo de possibilidades contra os elementos mecanizados a se prestar pela A.A.Ae. na ação combinada de um plano conjunto de defesa anti-carro da Grande Unidade.

O oficial de engenharia e o anti-aéreo têm interesses comuns sobre o importante assunto relacionado com a utilização do disfarce para obter o desenfiamento contra a observação aérea. O anti-aéreo é o oficial especialmente qualificado nos assuntos de coordenação de todas as medidas ativas e passivas de defesa aérea e o engenheiro é o perito nas questões atinentes a utilização dos recursos naturais e artificiais de disfarce. Estes 2 oficiais do E.M. coodenariam no plano de defesa

anti-aérea, os fins a cumprir visando o pleno uso das possibilidades especiais de cada uma. O oficial anti-aéreo, pois, planejaria e supervisionaria o conjunto de defesa anti-aérea; o engenheiro funcionaria como um perito técnico nas providências especiais de disfarce. A respeito das unidades de A.A.Ae., propriamente ditas, o oficial engenheiro pode auxiliar o oficial anti-aéreo sobre o particularmente difícil problema do disfarce das posições da A.A.Ae.

As relações entre o oficial de material bélico e o anti-aéreo gravitam principalmente em torno do problema dos suprimentos especiais para as unidades de A.A.Ae..

No sentido de assegurar o adequado apoio do material bélico para suas unidades, o oficial anti-aéreo proporciona ao oficial de material bélico, o mais cedo possível, informações sobre: tipos das munições especiais usadas por suas armas; unidade de fogo de cada arma; estimativos sobre a rapidez de consumo em munições nas diferentes modalidades de operações; tipos especiais de manutenção e recuperação necessários às unidades especiais de manutenção às ordens do Q.G. superior cujos serviços podem ser requisitados pelas unidades anti-aéreas. O oficial de material bélico, a seu turno, orientaria o oficial anti-aéreo sobre o sistema existente de suprimentos e manutenção da Grande Unidade e a experiência sobre a técnica especial necessária as condições locais.

Não há problemas especiais de coordenação entre o oficial anti-aéreo e o intendente e o médico. Estes dois últimos poriam o oficial anti-aéreo ao corrente dos processos existentes de subsistências e evacuações, de saída e condições em que as unidades anti-aéreas receberiam a assistência completa desses serviços. O oficial anti-aéreo pode auxiliar os outros com conselhos sobre as medidas de defesa passiva e ativa contra aviões a serem adotados por suas tropas e instalações.

Os parágrafos precedentes cogitam em largos traços dos assuntos que reclamam coordenação entre o oficial anti-aéreo e os vários outros oficiais do Estado Maior de uma Grande

Unidade terrestre. Há ainda outros problemas correntes que surgirão em situações particulares mas que não podem ser previstos com muita antecedência. Os limites dêste artigo, no entanto, não permitem fornecer uma lista completa dos assuntos normais por que outros oficiais do E. M. se interessam junto ao oficial anti-aéreo. Entretanto, se nada fôr dito a respeito por outrem, esta verdade pôde ser realçada: é absolutamente essencial que exista plena e completa cooperação anti-aérea, o Cmdo. e o Estado Maior — desde o 1.º instante em que a A.A.Ae. seja posta a sua disposição. Faltando êsse trabalho conjunto correr-se-á o risco de desastre para os elementos vitais sujeitos aos ataques aéreos inimigos. O efetivo emprego do oficial anti-aéreo na Grande Unidade constitue a chave do sucesso para a força que representa como para todo o seu conjunto.



A «Estrela» do Luciano numa Patrulha de Reconhecimento...

Cap. NELSON R. CARVALHO

O "pracinha" José Luciano Vieira viera das terras do interior do Brasil, a apresentar-se para seguir como voluntário da F.E.B. Queria também vingar nossos mortos. Consegiu alcançar o nosso 3.º escalão e foi par ao Depósito.

Um belo dia, veio ter ao nosso Regimento Sampáio; foi para o II Batalhão (Maj Syzeno) e 6.ª Cia. (Cap. Wolfrang) e na primeira patrulha que saiu, lá se foi o Luciano fazer a sua estréia...

A patrulha, toda de veteranos, progredia bem até que atingiu um espigão, enfiado, e fez alto, para um primeiro reconhecimento. O Luciano, porém, que já tinha perdido de vista os companheiros, por uma nesga desenfiada, prosseguiu, sózinho. Desgarrado, lá para as tantas, dá de cara com os fundos de uma casa e empurra a porta, de vagar. Surpresa! Com os cotovelos apoiados numa janela, o nosso Luciano vê um tedesco, de binóculo, espiando para o outro lado... Que fazer? O Luciano não sabia... Nunca tinha visto um soldado alemão e muito menos de costas... O boche, entretanto, farejando algo estranho, vai girando lentamente, larga o binóculo no parapeito e, surpreso também ele, dá com o "brasiliiano", ainda estatelado, de pé, a mirá-lo, do umbral da porta... O fritz, mais senhor de si, leva a mão ao cinturão e sacando dela um "martelo", atira-o contra o nosso homem. Luciano desvia e o

"martelo" passa... O alemão tira outro "martelo" da cintura (aqui o nosso homem "desconfia" do "martelo"; para que deus?) joga-o de novo e... há uma explosão, lá fora. E então o Luciano "acorda", raciocina e conclue que aquilo não era "martelo" mesmo, eram granadas... Volta a si do primeiro torpor e se lembra que também ele tem granadas no cinturão. Tira uma, arranca-lhe o grampo e, para certificar-se si ela "funcionava mesmo", levá-a antes ao ouvido. Funcionava, sim (o Luciano conta que ouviu um chiadinho dentro da granada...) Satisfeito, atira contra o boche. Explosão, fumaça, e quando por fim o Luciano pode ver alguma cousa, verifica que o tedesco estava esfacelado... Assustado de sua própria audácia, o nosso pracinha faz meia volta e desabala num carreirão para as nossas linhas. Uma "lurdinha", porém, o percebe e atira contra ele. Luciano corre sempre, saltando pr'aqui e pr'ali, e o "zíim, zíim zíim", a persegue teimosamente e a gritar: "cadê o Luciano", "cadê o Luciano?" (e uma delas o "achou" mesmo, ferindo-o de raspão no rosto...).

A história do Luciano é verídica e foi por ele mesmo simplicamente relatada quando por fim conseguiu chegar, são e salvo, ao P. C. do seu Capitão. E a seguir, embora ferido, ele mesmo pediu para servir de guia, quando scube que outra patrulha voltava ao mesmo lugar.

Muito bem, Luciano! E' assim que se forja a témpera dos bravos!

LABORATÓRIO KALMO
Secção de VICENTE AMATO SOBRINHO & CIA.

Especialidades Farmacêuticas

Consultores Científicos:

Prof. Dr. Rubião Neira e Prof. Dr. A. Maciel de Castro, da Universidade de S. Paulo

MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — São Paulo

Palestra proferida pelo Major Emanuel Moraes
NO 111/20º R. I.
EM ITAJAI — EST. SANTA CATARINA

Aspecto do Brasil no Século XX SOLDADOS DO BRASIL

I

Toda a vez que vos falo, soldados do Brasil, é com o mesmo entusiasmo, com a mesma crença, consciente do papel que representais na nossa formação histórica.

Habituado a palmilhar todo o território pátrio, servindo em várias guarnições, em climas diferentes, onde o homem difere pelas suas origens raciais que estimulam a miscigenação, ouvi um só anseio, uma só vontade — a de ser brasileiro.

O colorido da pigmentação, parece que nos une mais condicionando para melhor a combinação do louro e do moreno, numa edificante redenção de raças.

Toda a vez que vos falo, abro meu coração, fugindo do convencionalismo, certo de que é a voz cabocla que vai de quebrada em quebrada, cantando louvores à Pátria querida.

Os séculos nos ensinaram que os povos valem pela sua educação. Se são laboriosos, previdentes, as messes serão prodigiosas e viverão felizes. Se displicentes, imprudentes, serão relegados a um plano inferior, incapazes de qualquer reação viril. A natureza prendeu todas as regiões com riquezas exploráveis. Terras magníficas em todas as latitudes, bacias férteis e exuberantes, não deixam dúvida que nosso país está destinado a ser habitado por um grande povo.

Os antagonismos que a geografia acentuou em sulcos profundos e grandes relevos, são vencidos pelo gênio do Homem do Brasil que a tudo vem superando.

Povos que existiam há milênios passados, tiveram os maiores exploradores nascidos do ambiente cultural em que viviam.

(*) — A Redação não se responsabiliza pelas idéias expendidas pelos colaboradores.

Se desapareceram, uma réstea luminosa, um prolongamento ficou honrando os gloriosos antepassados.

Nós representamos uma afirmação patente da reação a um determinismo, bem antipossibilista.

Os sábios que por aqui mourejam em estudos meticulosos não contiveram sua admiração. Se a natureza é agressiva, o Homem sa-berá domá-la e tornar o vale propício à vida humana.

II

O Brasil surgiu há 4 séculos como prêmio aos esforços dos bra-vos lusitanos, "que entre gente remota edificaram, novo reino que sublimaram". As fases ciclopicas por que passou nosso povo, foram criadas pelos movimentos de idéias, que fermentavam as correntes de opiniões.

As eclosões eram precedidas pela motivação e à bonança sucediam as tempestades.

Nossas lutas intestinas sempre nos trouxeram dias amargos. Toda vez que nos enfraqueciamos com as lutas partidárias, perdíamos o que tínhamos conquistado.

A Cisplatina é um exemplo.

Os homens emergiam no cenário da política nacional e poucos foram os que se mantinham de pé. O Segundo Império foi mais feliz com seus estadistas.

Nossa preeminência na América Meridional data dessa época, em que nossos homens eram como estrelas de um rosário circundando um Continente inteiro. Se a República veio, o acontecimento pode ser atribuído ao próprio Imperador que era considerado o mais republi-cano de todos os monarcas. Magnânimo, filósofo, discípulo de Zenon, era mais um admirador de Péricles do que de Marco Aurélio. Os propagandistas venceram porque encontraram a terra amanhada para vicejarem as idéias de liberdade, igualdade e fraternidade.

O filósofo, profundo conhecedor da Política, não ignorava o poder catalítico das novas conquistas humanas.

E a historia canta em suas páginas douradas os maiores hinos ao sábio, filho daquela que foi a Arquiduquesa da Áustria.

A nossa República longe estava de assemelhar-se à idealizada pelos propagandistas. Platão, alguns séculos antes de Cristo, já afir-mava que todas as formas de governo tendem a morrer pela hiper-trofia do seu princípio básico; mas adiante ele declara que o povo não estando convenientemente preparado pela educação para escolher os melhores chefes de governo e os mais sábios métodos de governar, sempre descamba por veredas tortuosas e caóticas.

O filósofo tinha razão, nós nos antecipamos e fomos pagar caro, o entusiasmo prematuro.

O raiar de 1889 anuncjava a ação dinâmica dos revolucionários que incentivavam todas as fermentações, principalmente na classe militar que, de há muito, vinha sendo trabalhada. Em novembro de 1889, Deodoro derrubou um trono. Se balancearmos nos primeiros anos, as realizações republicanas não erraremos em afirmar do estado deficitário no programa das previsões dos propagandistas. Erros foram acumulados de tal modo que lançaram o Brasil num redemoinho que solapava os alicerces da nova construção republicana.

E o regime parecia naufragar no mar encapelado da anarquia.

O mui erudito ministro Marecondes Filho, em uma das suas últimas publicações, tecendo comentários em torno do nosso exagerado anseio pelo regime federativo que sacrificava o espírito unitário declarou: "A primeira República não se apercebeu do esforço territorial. Configurava, certamente, uma esplêndida arquitetura jurídica, padrão de cultura e de inteligência, mas no seu excesso federativo não examinou a marcha das bandeiras, não refletiu sobre a expulsão dos invasores, não se lembrou da ação construtiva de Caxias, de Tamandaré, do regente Feijó, não levantou o olhar para o Cruzeiro, não percebeu enfim, a rumorejante linguagem da natureza, traçando rios em todas as direções".

Indubitavelmente, o Império, procurou unir, todos os planos visavam a unidade nacional e a República parece que debilitou essa união, fragmentando o poder que passou a ser exercido pelos Estados mais beneficiados.

A segunda República, nascida no ocaso de 1930, quis firmar-se no decorrer de sete anos, e, não foi mais do que uma imitação exagerada da primeira.

Os mesmos males que corrompiam e empobreciam a Nação, a falta da unidade nacional, a tendência criminosa do regionalismo ratificada por um feudalismo disfarçado, as intrigas lançadas pelas casas do Congresso, onde os representantes do povo não encobriam segundas intenções, a rotina imperando em tudo, as lutas partidárias acesas improfícias, a penetração alienígena sorrateira e traíçoeira, representada pelos partidos exóticos, tudo estava provando o futuro teatro de operações, mais sangrento do que a velha Espanha em que os exércitos nipônicos, nazistas, fascistas e comunistas iam lutar pela preemnência, no seio do Continente Americano.

A História Continental registra os colapsos políticos por que passaram os países americanos.

O caldeamento iniciado sobre vulcões, levou-nos a admirar a tenacidade de Bolívar, Sucre, San Martin que libertaram todos os povos que estavam presos à legendaria Espanha.

Nosso Brasil, não se poude futar a essas comoções.

Nossos colapsos políticos sucediam a crises muito sérias, mas o organismo novo sempre se comportou bem nas reações apresentadas.

A massa sempre é conduzida, ela tem vida, alma, freme e faz surgir o condutor que vence pelas suas qualidades morais, fruto da inteligência, constância e valor. Nossas crises eclodem com entrechoques de idéias, mas vencem pela ideologia que restaura e constrói.

A segunda República caía como o fruto que amadureceu prematuramente, em condições de não ser aproveitado, isso significa em boa linguagem que a semente mais uma vez não foi bem plantada, houve a hipertrofia de que o filósofo falou.

SOLDADOS DO BRASIL

Em 1937, iniciamos uma nova fase na vida brasileira.

Tudo evoluía aceleradamente, num dinamismo invulgar. Os povos às portas de novos conflitos, aprestavam-se em proporções agigantadas. Os tratados de após guerra 1914-1918 eram denunciados, destruídos, os compromissos de hora eram menospresados e à luz meridiana nascia a política dos fortes, da auto-suficiência, das infiltrações columnistas, das reações a tudo que exaltava liberalismo, do combate ao individualismo, da guerra declarada ao liberalismo económico.

Era a intervenção do Estado em todos os negócios onde lideravam os povos fortes que mantinham vislumbres imperialistas. Sem desejar colocar todos num mesmo plano de igualdade, reconhecendo nuances que os distinguiam, a totalidade opinava pelas suas idéias planificadas. Tivemos notícias do New Deal como meio de evitar a situação abismal em que se encontravam os Estados Unidos com a absoluta teoria do liberalismo económico, da economia planificada da Rússia, dos planos económicos dos totalitários, enfim era uma nova ordem que imperava, recursos naturais dos países que evitavam debacles fantásticas.

Os regimes sofriam profundas modificações na sua estrutura. Voltamos à antiguidade, quando filósofos se empenhavam na obtenção de fórmulas ideais, nas lutas políticas em que foram vítimas, os imortais mestres da sabedoria. Os abalos que Atenas e Sparta tiveram pelas inovações de Sócrates, Platão, Aristóteles, até hoje perduram, revigorados por outros problemas vividos nos tempos modernos e contemporâneos. A História não silencia as lutas entre os aglomerados humanos que buscavam a doce alegria de viver.

Antes de 1937, ainda perguntavam: Democracia ou Aristocracia? Mergulhemos nos séculos passados e conversemos com os sabios. Platão define governar é uma ciência e uma arte, o governante deve dedicar a vida a esse fim, depois de longa preparação. Só um rei filósofo está apto a dirigir uma nação".

"Democracia significa perfeita igualdade de oportunidade especialmente em educação. Cada homem terá oportunidade de tornar-se apto para a complexa tarefa administrativa; mas somente os que deram prova da sua tempera e que demonstraram sua aptidão em todas as provas, podem ser eleitos por votos não por secretas camarilhas que puxam fios invisíveis da simulação democrática, mas por sua própria competência demonstrada na democracia fundamental de um povo de iguais".

Aristocracia significa ser governada pelos melhores. Convictamente, afirmo que os povos cultos sabem a forma de governo que lhes convém. Os estudiosos em cada página da História da América Meridional, têm belíssimos ensinamentos. Simão Bolívar escreveu com letras de ouro a Carta da Jamaica. Repeliu a imitação que não convinha aos povos que havia libertado. Dizia "que um governo puramente representativo não se adapta ao nosso caráter, aos nossos costumes e condições presentes".... Bolívar defendia uma forma de república centralizada. Profetisava: "o mais perfeito sistema de governo é o que produz maior escala a alegria, segurança social e a estabilidade política do povo".

Thomaz Rourke fez suas as palavras do Libertador: "Solon nos ensinou quanto é difícil dirigir os homens apenas com leis.... Toda a experiência da história prova que os homens se submetem às leis que os legisladores capazes lhes dão, mas só enquanto uma magistratura forte as aplica. Declarava com energia sua oposição a um sistema federal amplo e sua crença na Centralização firme. Nossa lema deveria ser: Unidade, unidade, unidade. O sangue dos nossos concidadãos é diferente; misturemo-lo para o unir. Nossas constituições tiveram divisão de poderes; concentremo-los para unir"....

Bolívar tinha razão, mas a perseverança faltou aos seus discípulos que preferiram a rotina, a imitação franca e dissolvente.

SOLDADOS DO BRASIL

I

Voltemos ao nosso século e ao nosso meio.

O Brasil cresceu, progrediu e vive a hora presente.

O povo pela voz dos seus representantes mais inteligentes e patriotas reclamou um governo forte que não lhe permitisse desaparecer na voragem que estava por vir. Como toda Nação que tem consciência dos seus direitos e do seu glorioso destino, clamou por um chefe.

E' mais uma lição da História. Se rememorarmos os fatos históricos que tiveram como prólogo tragédias que nos enfraqueceram e crises que faziam periclitar nossa vida de povo livre, o epílogo sem-

pre representava a síntese dos poderes enfeixados num sistema de governo único, central, forte e construtivo de Tomé de Souza, e o feudalismo republicano que teve sua solução na alvorada de 30, e depois no advento do Estado Novo.

SOLDADOS DO BRASIL

11

Estamos presos a uma ideologia que nos tornou coesos e fortes. Um homem, com consciência de sábio, talhado para o momento, dirige os nossos destinos e nos inspira nessa grandiosa obra de fazer o Brasil, uma das maiores nações do mundo. Estabelecendo sempre paralelos, podemos afirmar sem receio de errar que esse homem é um dos mais completos estadistas que nasceram sob o Cruzeiro do Sul. Filho da terra de Castilhos, manancial de centauros, rebento de uma geração de fortes, cresceu sob a tradição do Brasil guerreiro, palmilhou todo o Rio Grande que representa para nós, glória impercetível de ter sido berço dos nossos grandes soldados.

Iniciou sua vida militar na Escola Militar do Rio Pardo como cadete e depois como graduado, nas fileiras do Exército. Desde esse tempo, começou a conhecer nossas necessidades, sofrendo as mesmas dores, sentindo as mesmas alegrias, consciente do valor do espírito das armas brasileiras. Ao ingressar na política, seguiu à risca a cartilha dos velhos republicanos, sem entretanto olvidar as lições do Império.

Nascido em uma região que é acobertada pelos nossos vizinhos hispano-americanos, tornou-se um habil calculista da matemática da amizade Continental.

Longe estou de desejar fazer um exame psicológico do grande homem que nos dirige e mais distante ainda de formular um juízo crítico da sua obra que é reconhecidamente genial. E' o criador do Estado Nacional. Errareis se pensardes que essa concepção brotou sem uma causa justa e humana! Não! O Estado Novo foi um imperativo, uma reação ao aviltamento da nossa honra, foi uma solução para os males que começavam a corromper e enfraquecer a nação como um efeito das influências alienígenas, verdadeiras penetrações que criaram frentes internas e externas.

Pretendemos unir e pensar como Tomé de Souza e Caxias: Unidade, unidade, unidade.

Se estudarmos a política em todas suas formas da crato-política e eco-política, perguntaremos:

— Quais são as credenciais do Estado Nacional?

No domínio das comunicações, transportes e obras públicas.

Estradas de ferro. — Eis um dos pontos mais interessantes. Construir ferrovias é unir, distribuir a produção, facilitar o consumo. Se não fomos muito longe, tenhamos paciência porque só agora estamos ferrando o Brasil.

O Estado Novo já tem 3.000 quilômetros construídos. Quase um milhão de contos foi empregado na construção dos 3.000 quilômetros e no reparo das redes existentes. É insignificante o que possuímos, mas é muito grande o nosso esforço para dotar o Brasil do sistema ferroviário que preencha seus fins, como prevê o plano geral de viação nacional.

Perto de 40.000 quilômetros, que servirão de estímulo ao dóbro se prosseguirmos nessa política. Se meditarmos sobre a ligação das pontas dos nossos trilhos à rede boliviana, teremos a prova da visão do atual Governo.

Estradas de rodagem — Progredimos muito. Um estadista que também dirigiu nossos destinos, acertadamente definiu: governar, é abrir estradas. E nós abrimos, levamos nossas máquinas para rasgar florestas, campos, na ânsia de unir cada vez mais.

Sob a atual orientação dobraram a extensão das nossas estradas de rodagem e já contamos com mais de 200.000 kms.

Nosso Plano Geral de Viação Nacional resolve todos nossos problemas de transporte. Ele compreende, em resumo:

	Kms.
Parte fluvial	11.180
Parte terrestre	17.775
Parte terrestre a construir	22.121
 Total	 51.076

E' constituído de transportes mistos, isto é, ferroviários, rodoviários e fluviais, atendendo à complexidade morfológica do nosso solo.

As realizações portuárias, compreendendo restaurações e construções dos novos portos, foram e são levadas a sério como complemento à política dos transportes.

A navegação tomou outro incentivo. As Companhias tiveram suas frotas acrescidas com unidades novas e modernas. Os Correios e Telegrafos, modernizados passaram a arrecadar Cr\$ 148.637.124,00 em 1939, contra 77.157.735,00 em 1930.

O saneamento da baixada fluminense que era um problema do Império e da República, foi seriamente encarado e está em vias de conclusão. Trata-se de recuperar 18.000 quilômetros quadrados, cujos mangues e alagadiços afrontavam a cultura e o progresso da Capital da República e inutilizavam 2/3 do território fluminense.

As obras contra a seca, no nordeste brasileiro, interessando 8 Estados da União. Os planos adotados pelo Estado Nacional, que com-

portam construções de ações gigantescas e de estradas federais, são dignos de menção. Foi empenhada nesse trabalho fabulosa soma, maior de um bilhão de cruzeiros.

A naveabilidade dos nossos rios, principalmente o S. Francisco pela sobrecarga que recebe, e importância no plano de viação, está sendo cuidado pelo Estado Novo.

A exploração do carvão, é outro empreendimento notabilíssimo. Já produzimos perto de um milhão e meio de toneladas ou seja metade do nosso consumo. Respondendo a todos os argumentos nós diremos: não é bom, mas é nosso.

A Siderurgia, tão desejada pelas Forças Armadas, já não é um sonho. Caminhamos para a fabricação dos grandes perfis. Navios, locomotivas, trilhos, canhões, aviões, motores, máquinas agrícolas, serão construídos com nosso ferro e mãos dos nossos operários.

E a aurora do Brasil como potência. Começamos a ferrar o Brasil.

Sobre Economia e Finanças o progresso é notado, como vulgarmente dizem a olho nú. Aceitamos a economia dirigida.

Nossos problemas foram estudados e hoje têm suas soluções planejadas. Não podemos fugir à regra. Lucramos como os ianques com o seu New Deal. Se há 10 anos nossa produção montava a 10 milhões de contos, hoje ultrapassa de 32 milhões de contos. Nossa produção industrial é maior do que a agrícola.

Já consumimos 80% das utilidades que produzimos, e que prova nossa emancipação econômica. Nossa comércio interestadual elevou-se a mais de 8 milhões de contos e que traduz quanto nos temos adiantado no sentido de uma política objetiva de diversificação de produção.

Já começamos a fazer do Brasil, um mercado para o próprio Brasil. Sobre finanças convém citar "que o papel-moeda que recebemos da velha República, não tinha a lastrear-lhe a circulação nem uma grama de ouro, nem uma divisa no estrangeiro; era papel e descoberto no Exterior. Hoje dispomos de (59) cinquenta e nove toneladas de ouro e a situação cambial é compensadora. "Ludendorf, ao tratar da guerra total considerou o equilíbrio das finanças públicas condições indispensáveis da vitória".

O Estado Novo criou a nossa legislação social, colocada entre as mais avançadas do mundo. Criou o Ministério do Trabalho, começou a libertar da escravidão e da miséria o operariado nacional, deu-lhe a dignidade de vida a que tem direito, harmonizou os seus direitos com os dos empregadores, garantindo-lhes emprego, salário mínimo, limitação das horas de trabalho, assistência sobre diversas formas, seguro contra acidentes e aposentadoria. Foi mais além. O Estado Novo colocou a família sob sua imediata proteção, criando-lhe padrões de vida em que a dignidade humana se expande vitoriosa e eficiente para a sa-

grada missão dos lares. Amparou a educação criando normas para facilitar o ensino dos bancos primários aos institutos científicos e técnicos.

Ele é realmente o fomentador de uma política que pode ser duradoura porque é democrática.

Nós sentimos que nosso país é uma república de feição eminentemente popular. Somos a união indissolúvel das unidades da Federação com um único Hino e com uma única Bandeira.

O criador do Estado Novo é como Simão Bolívar, ardoroso, partidário do Pan-Americanismo. Interpretou com muita sabedoria a doutrina de Monroe. Afirmou em magistral discurso para todo nosso povo: "a unidade continental deve basear-se no mútuo respeito das soberanias nacionais e na liberdade de nos organizarmos politicamente, segundo as próprias tendências, interesses e necessidades. O nosso pan-americanismo nunca teve em vista a destruição de regimes políticos, pois isso seria atentar contra o direito que tem cada povo de dirigir sua vida e governar-se".

A política da Unidade Americana gira hoje em torno de um triângulo, a Doutrina de Monroe, a conceção boliviana de governo forte e o direito da auto-determinação dos povos, fixado pelo nosso Presidente".

Para nossa felicidade, estamos a ver a política do Rio Branco, o imortal chanceler que tanto admirou o Exército.

O Estado Nacional é a vitória das armas brasileiras, que forjou um ambiente de excitamento cívico onde a militância vicejará gloriosamente, realizando seu admirável trabalho. O vultoso número de realizações dos ministérios militares materializou a vontade férrea dos nossos dirigentes, no firme propósito de fazer do nosso querido Brasil uma potência econômica militar.

SOLDADOS DO BRASIL!

1

Estamos enfrentando uma das mais tormentosas crises da nossa vida política. O mundo não agonisa, ele facilita essas fermentações para sanear, para demolir os fracos, para permitir que outros avancem em suas conquistas e obtenham os lugares que lhes são de direito.

Para o Brasil, isso é vital.

A prova da nossa vitalidade está no progresso vertiginoso das nossas indústrias, quando países imperialistas estão empenhados na defesa de suas frentes, e resolvem pedir nosso tão valioso auxílio. A prova da nossa vitalidade está no aumento da nossa população, da nossa produção, no gênio inventivo dos nossos homens e na afirmação categórica da nossa soberania.

A prova da nossa vitalidade está na mobilização espiritual que iniciamos para declarar nossa vontade de colaborar com todos os países que nos respeitam de igual para igual, numa perfeita comunhão de interesses.

A prova da nossa vitalidade está no Estado Novo que nacionalizou o solo, o trabalho, e criou a mística da Pátria; a prova da nossa vitalidade está na nossa juventude ardorosa e patriótica que atendeu à chamada heróica dos nossos antepassados: *o Brasil em perigo!*

Soldados da República!

Vossa vida hoje, pertence ao Brasil. Nosso povo sabe os dias amargurados que lhe estão reservados. Devemos atender várias frentes, em extensões consideráveis. Nossa labuta será minorada se nos unirmos em um só bloco para vencer a batalha.

Cinquenta milhões de brasileiros, confiam na vossa convicção de soldados, dispostos a dar vosso sangue em qualquer contingência da luta. Há muitos anos que não temos sossego nos nossos lares, nas nossas cidades, porque os ventres dos povos fortes estão sempre ávidos de presas.

Devemos contar com nossos recursos e jamais implorar, mendigar proteção. Sigamos as lições da História. Nos Guararapes, no Paraguai, só contamos com a nossa estrela.

Soldados da República!

Toda América vos admira como uma grande nação!

Sois disciplinados por índole, criastes um ambiente de civismo com vossos exemplos, vossas atitudes, dignas de menção. Sois resignados pela compreensão que tendes de ver mantido nosso prestígio Continental.

Sois crentes, porque vossos pais, no lar que tanto amais vos ensinaram a amar o Brasil e o vosso Exército.

Sois livres, porque pertenceis a um Exército conquistador de liberdade, que veio da Independência ao Estado Novo, multiplicando suas forças para libertar o homem do analfabetismo, da escravidão, da ignorância, das enfermidades constantes. Sois varões, porque o Exército vos ensinou a viver numa escola de dignidade e de honra.

Estamos certos de que a guerra jamais vos atemorizou. Aceitámos o desafio dos nossos inimigos e preparamo-nos cada vez mais para o entrevero que perdurará por muito tempo.

Vibrar, pensai na Pátria querida que precisará eternamente do vosso sangue, só assim o Brasil terá o seu verdadeiro lugar no mundo e daremos aos nossos filhos uma nação livre, gloriosa e soberana.

Soldados do Brasil!

Sois descendentes de Caxias e de Osório, dentro do Exército, representais a garantia do nosso passado, de nosso presente e de nosso valioso porvir.

Por todos os séculos não sereis esquecidos porque conduzis na ponta da vossa baioneta, a Bandeira da Liberdade, Bandeira da República que é a Bandeira do Brasil!

Companhia Ferro Brasileiro S. A.

Tubos de ferro fundido centrífugado para água, gás, saneamento

Connexões, Registros, Válvulas e peças fundidas em geral

Ferro gusa de primeira qualidade para fundição

Seede Social em Caeté — Minas Gerais

Estação José Brandão — E. F. T. B.

Tel. Caeté 2 — Telegr. Ferrobrasil Caeté

Escritório administrativo e comercial

Avenida Nilo Peçanha, 26

Tel. 42-6652 e 42-5678

RIO DE JANEIRO

AVICOLA MEYER



Aves e ovos, galolas de todos os tipos, vasos para jardins,
ração平衡ada para aves de raça e ovos de incubação

A. BRITO

PINTOS E AVES DE DIVERSAS RAÇAS

RUA LUCÍDIO LAGO, 18

TEL. 29-5890

RIO DE JANEIRO — MEYER

«O Trabalho das 2.ª Seções dos Estados Maiores das Grandes Unidades em Campanha»

Um estudo do Major PAULO ENÉAS F. DA SILVA, Instrutor da E. E. M.

I — SUMÁRIO

- Pequeno esboço histórico (guerra de 1914-18 para cá).
- Finalidade das 2.ªs Seções.
- Como devem ser as 2.ªs Seções.
- A confiança que devem inspirar ao Comando.
- As diretivas recebidas.
- O que pode fazer uma 2.ª Seção:
 - Como órgão centralizador de informações.
 - As conclusões a que chega.
 - Seu trabalho e as fórmulas da guerra.
- Organização, instalação e funcionamento das 2.ªs Seções.
- O arquivo da Seção.

II — DESENVOLVIMENTO

A) — Pequeno esboço histórico.

Ao ser declarada a ultima grande guerra (1914-18), a organização das 2.ªs Seções nos C. Ex. era ainda embrionária. As suas congêneres no Exército já dispunham de uma documentação e meios suficientes (desde Fevereiro desse ano havia saído um Aide Memoire do Oficial de 2.ª Seção num E. M.

de Exército. O correspondente no C. Ex. e oficial de informações no E. M. de C. Ex. —, só apareceu em 1915.).

Até o fim de 1914 parece que o arquivo das 2.^{as} Seções possuía somente o pequeno fascículo "O que é preciso saber a respeito do Ex. Alemão" e algumas notas sobre como fazer os interregatórios de prisioneiros e como transmitir as informações.

Uma circular, datada de Julho de 1911, havia decidido que os oficiais porventura designados para as funções de Chefs de 2.^a Seção de C. Ex., seriam retirados dos E. M. do Ex. Uma instrução completa, entretanto, não lhes tinha sido possível ministrar. Na verdade, esses oficiais foram muito precariamente orientados no papel que iam desempenhar. Via de regra, limitavam-se a *recolher* e *transmitir* as informações recebidas. A 2.^a Seção dos Exércitos cabia, então, *explorar* essas informações.

Foi no período de estabilização demorada, unicamente, que melhor puderam compreender a importância de seu papel e a ele consagraram todos os esforços.

Os acontecimentos foram fazendo evoluir o trabalho das 2.^{as} Seções. A dificuldade de se fazer prisioneiros, a *melhor fonte* então de informações, desviou a atenção para outros meios.

A aviação desenvolvia-se; a foto aérea começava a dar os primeiros resultados. Passou-se a acompanhar a atividade diária do inimigo. Todos os meios pôstos por ele em ação eram estudados. Criaram-se as seções topográficas. Os Regimentos receberam material telefônico (escutas telefônicas). Idem quanto ao material de observação. As 2.^{as} Seções tornaram-se logo verdadeiros órgãos táticos. Passaram a *procurar o inimigo, conhecê-lo, em sua organização, valor e projetos*.

Em 1916 aparece, então, uma verdadeira documentação, uma doutrina, ao ser engajada a batalha do SOMME (Julho).

No escalão C. Ex., foi a 2.^a Seção do II Ex. em VERDUN, depois a do VI Ex., no SOMME, quem trabalharam realmente durante longos meses num ambiente de batalha e em condições todas novas.

A experiência adquirida nessa guerra não se perdeu. Surgiu uma Instrução para o funcionamento das 2.^{as} Seções. Um regulamento sobre o funcionamento do serviço de informações em campanha.

B) — *A finalidade das 2.^{as} Secções.*

O objetivo principal das 2.^{as} Seções é informar o Comando sobre o inimigo. E, para que, realmente, os oficiais de 2.^a Seção possam atingir esse desideratum, é necessário que se dediquem inteiramente à sua tarefa, a nenhuma outra que não tenha por escopo o conhecimento do adversário, como se deu na guerra passada, em que esses oficiais eram solicitados em outras regiões, prejudicando-lhes a eficiência em suas funções normais.

O treinamento em tempo de paz é o melhor fator de êxito no momento de fazer a guerra. *Não se faz ra guerra senão aquilo que muito bem se aprendeu na paz.*

C) — *Como devem ser as 2.^{as} Seções*

Conhecer o inimigo, no que ele é, no que faz,, no que quer, tal deve ser as preocupações únicas da 2.^a Seção. Isso implica, com efeito, em um trabalho quotidiano, constante, de atenção desvelada. Como base desse trabalho, subtende-se uma documentação completa sobre o caráter, as tendências, organização do adversário e da nossa. Antes de mais nada, porém, o oficial de 2.^a Seção deve ser um *convicto* e *conscencioso*.

Outras qualidades mais devem nele existir. Julgamento firme, imaginação fértil, grande iniciativa.

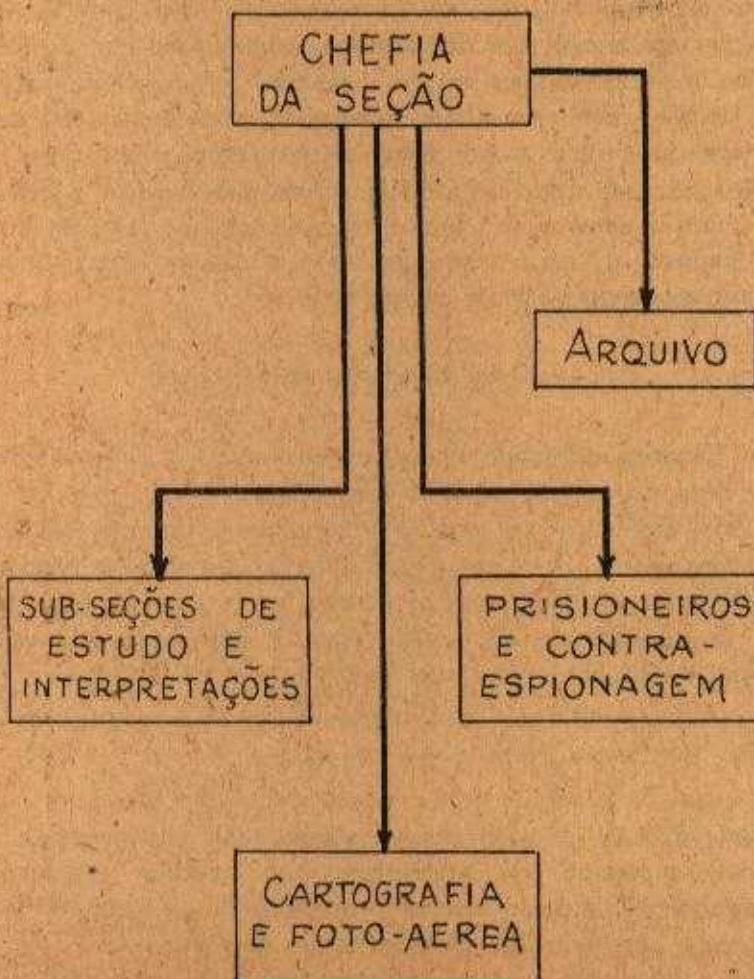
Um Chefe de 2.^a Seção deve poder fazer prova de sua imaginação, ou antes, de suas possibilidades de concepção. A grande quantidade de informações sua extrema variedade, obrigam-no à intuições muitas vezes delicadas, de cunho absolutamente pessoal. Sua personalidade manifesta-se pois na busca e interpretação dessas informações. Particularmente com

relação á interpretação, não deve hesitar em assumir a inteira responsabilidade das conclusões a que chegar.

D) — *A confiança que deve inspirar ao Comando*

O Comando, para tomar uma decisão, pedirá, inicialmente, á 2.^a Seção, a documentação existente sobre o inimigo e as

ESQUEMA nº 1



provas das conclusões a que ela chegou. Desejará, antes de tudo, uma opinião rasoável, lógica, cuja veracidade dos fatos apontados não possa ser discutível. Para isso, o Chefe da 2.^a Seção deve poder dar livremente sua opinião. Deve estar em condições de defendê-la e, mesmo, *conduzir o Comando a compartilhar de suas concórcias*. É preciso, entretanto, que haja um acordo perfeito entre ambos. Que o Comando deposite confiança em seu chefe de seção. Isto é indispensável.

E) — As diretivas que a Secção recebe

Cabe ao Comando dá-las, tomando por base o plano de manobra que concebeu. As diretivas são indispensáveis ao trabalho na Seção. Elas definem a vontade do Comando e sua responsabilidade na assinatura das ordens de busca. Em uma palavra: os órgãos encarregados da busca vão trabalhar de acordo com as necessidades do Comando.

O chefe da 2.^a Seção deve, pois, ser orientado no sentido da manobra a realizar e do que se espera que ele faça. Deve receber, enfim, uma missão particular para cada operação.

Para quem sabe querer, a cousa é fácil. As 2.^as Seções poderão, então, trabalhar bem orientadas, chegando mesmo, algumas vezes, a intervir nas decisões do Comando, dando-lhe certas indicações.

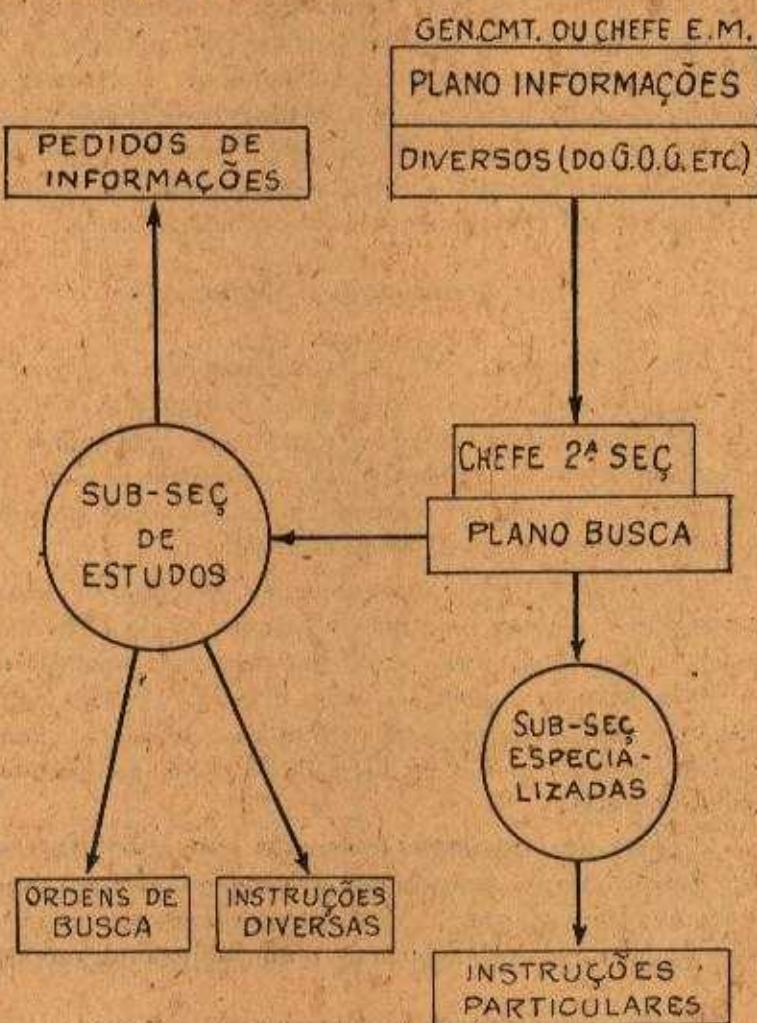
O Plano de Informações concretiza essas diretivas. Dele a 2.^a Seção retira os dados para o seu plano de Busca, assinando depois pelo chefe do E. M.. Os dois planos são tão necessários quanto o plano de manobra e o de emprego dos serviços.

F) — O que pode fazer uma 2.^a Seção :

1) — Como órgão centralizador de informações :

A própria condição de órgão coletor e centralizador de informações permite à 2.^a Seção ter outras possibilidades que em regra não dispõem os meios diversos de busca.

ESQUEMÁ n° 2



E' evidente que o Comando da Aeronáutica representa o meio mais qualificado para dizer sobre a aviação inimiga, suas atividades e métodos de combate. Entretanto, todas essas manifestações tem suas causas. A relação de causa e efeitos só a 2.ª Seção tem recursos para definir. Nem por isso deixará de

estudar o problema em acordo com a aeronáutica. Ambas se entrozarão, completando-se, em reuniões tão diárias quanto possível.

Da mesma forma se passará o problema da Artilharia. Esta estará sempre em melhores condições de dizer da atividade da arma. A 2.^a Seção entretanto, é o órgão indicado para esclarecer a relação entre a composição da artilharia inimiga, sua repartição no terreno, sua ordem de batalha enfim, pois conhece a idéia do Comando e tem outras informações.

Acompanhar dia a dia a atividade do inimigo, rebuscar as informações e tirar daí um *índicio* qualquer; del concluir uma *idéia*, pressupor uma intenção e pela força de conclusões novas chegar á uma convicção transformando-a depois numa *probabilidade* e finalmente numa *certeza* eis os diferentes lances de trabalho da Seção, que exige paciência, método e raciocínio.

2) — *As conclusões a que chega.*

De posse das informações é preciso estudá-las e *concluir*. Mas o que valem estas conclusões? Evidentemente, nada, se um controle não puder ser feito. Essas conclusões nem sempre podem ser taxadas de seguras. Às vezes, meros *diagnósticos*. Entretanto, mesmo assim, o chefe da Seção deve saber assumir sua inteira responsabilidade. Terá então que *arriscar*. Os erros nem sempre tem repercussão imediata. Ter-se-á tempo de corrigir. *O que urge é decidir*. E, de qualquer modo, as conclusões tem o seu valor. A história confirma isso.

3) — *Seu trabalho e as fórmas da guerra*

A atividade da 2.^a Seção é função incontestável da fórmula da guerra. Os períodos de estabilização exigem muito trabalho; os de movimento, ainda mais. Entretanto, sempre o que se trata é:

- quem é o inimigo ?
- que faz ele ?
- que quer ele ?

Na verdade, os períodos de estabilização permitem mais conforto e mesmo segurança para os trabalhos da seção. De outro lado, as fases de movimentação da guerra, com as suas flutuações constantes, vão exigir grande flexibilidade e imaginação dos chefes das 2.^as seções. As informações terão sempre o cunho de urgência na sua exploração o que implica uma ordem de urgência na busca.

G) — Organização, instalação e funcionamento das 2.^as Seções.

1) — Organização :

a) — Suas bases.

E' do próprio atribuído á Seção que podemos tirar essas bases. Com efeito: cabe á 2.^a Seção :

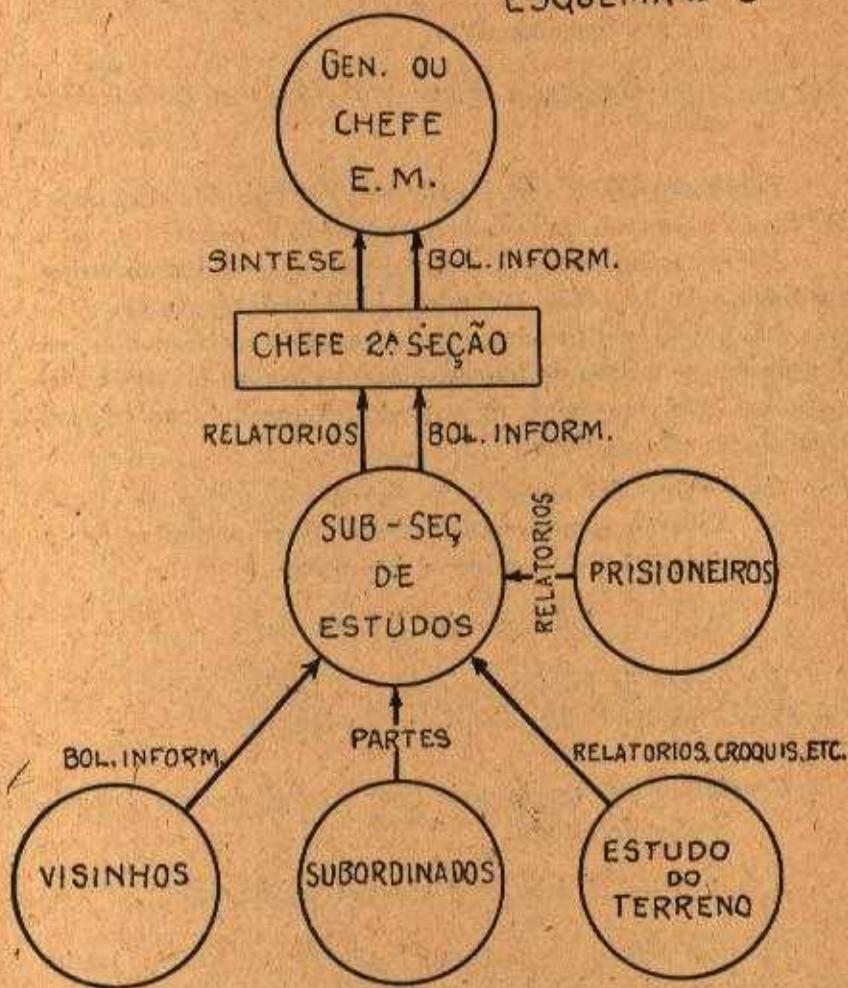
- buscar informações,
- recebê-las, examiná-las e interpretá-las,
- difundi-las.

Além disso, referente ás informações, incumbe-lhe, conforme o escalão considerado :

- todas as questões concernentes ao inimigo :
 - interrogatório de prisioneiros
 - a contra espionagem.
- as relações com as autoridades civis ou militares,
- o estudo do terreno onde se encontra o adversário,
- a interpretação das fotos aéreas.

Para que a 2.^a Seção possa, então, desobrigar-se dessas inúmeras tarefas, é preciso organizar-se adequadamente. Vamos, pois, como, em tese, se poderia dar essa organização :

ESQUEMA N° 3



1.º) — a busca de informações :

Já sabemos que a busca é consequência do plano de informações estabelecido pelo Chefe do E.M., de acordo com a manobra concebida pelo Comando. Ora, quem diz busca, diz um plano organizado. Isto implica numa direção. Então :

Conclusão: deve haver um chefe de seção, a quem cabe orientar o serviço, assumir inteira responsabilidade do seu funcionamento.

2.º) — o recebimento, o exame e a interpretação das informações

Sabemos também que a gama das informações chegadas à 2.ª Seção é enorme. A variedade delas não é menor.

Há certas informações que resultam de pedidos ou ordens emitidas pela 2.ª seção. Atendem às necessidades suas. Outras, há, porém que provém seja dos escalões subordinados, em função dessas ordens de busca, seja dos vizinhos ou mesmo superiores. São, em regra, de natureza diversa. Como tal, exigem observação particular.

Conclusão: há necessidade de subseções que se encarregão respectivamente dessas duas naturezas de informações a examinar e interpretar.

3.º) — A difusão das informações.

A corrente de informações tem um tríplice sentido. Apesar disso é possível centralizar seu movimento.

Conclusão: esta tarefa pode ficar a cargo de uma das subseções de estudo.

4.º) — O interrogatório dos prisioneiros.

Eis uma tarefa de particular interesse na seção. Tarefa que exige grande habilidade, verdadeira especialização.

Conclusão: uma nova sub-seção.

5.º) — A contra espionagem. As relações com as autoridades civis ou militares.

Essas duas necessidades são mais da algada do escalão C. Q. G..

6.º) — *O estudo do terreno e a interpretação das fotos aéreas.*

Este trabalho exige não só pessoal como material especializado, em larga escala. Exige também uma certa estabilidade e conforto.

Conclusão: uma nova subdivisão da seção se impõe.

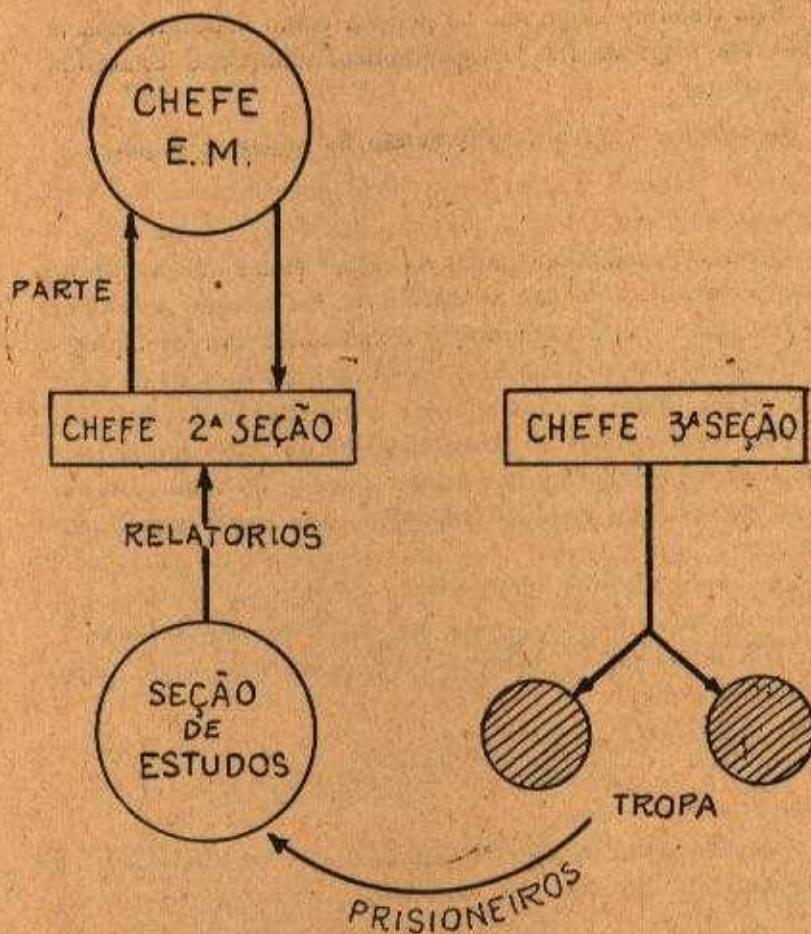
* * *

Quando tratamos do papel da Seção vimos que *as tarefas variam com o escalão que se considera*. Eis porque nem todas as 2.ªs Seções tem a organização semelhante. Por exemplo: o interrogatório dos prisioneiros, em princípio, é feito no escalão Exército, salvo os casos em que a exploração das informações é de caráter imediato (caso do golpe de mão que já focalizamos atrás). Lógicamente, na 2.ª Seção de uma Divisão não há necessidade de uma sub-seção para isso organizada. Pode haver, no máximo, um oficial credenciado para fazer aqueles interrogatórios. Da mesma maneira, a sub-seção de difusão das informações poderá ser englobada na de estudos. De modo esquemático podemos ver assim uma organização (ver esquema n.º 1).

2) — *Instalação da Seção.*

A instalação material da seção não é indiferente quanto ao rendimento do trabalho. A experiência demonstrou que ela deve ficar junto á 3.ª. Muitas vantagens disso decorrerão. Na frente italiana, por exemplo, viu-se um caminhão adaptado, contendo em seu bojo uma 2.ª e uma 3.ª Seção, que funcionavam perfeitamente entrozadas. É fácil de se provar essa necessidade. Basta recordar que as operações (a cargo da 3.ª seção) exigem sempre informações para sua realização (trabalho da 2.ª). Há operações mesmo, que se fazem á base de informação exclusivamente.

ESQUEMA N° 4

3) — *O funcionamento.*a) — *Intrno :*

Se acompanhamos os esquemas n.º 2 e 3, podemos verifilar como se passam as cousas na seção. De um lado, o funcionamento da seção no tocante á organização da busca de in-

formações; de outro, no que diz respeito á sua elaboração, isto é, ás conclusões para o Comando.

b) — *Nas suas relações com o mundo exterior:*

Particularmente com a 3.^a Seção (de operações) o trabalho da 2.^a Seção se entroza muito de perto. Para tornar bem claro essa afirmativa, focalizemos o caso do golpe de mão. Olhemos, para isso, o esquema n.^o 4.

H) — *O arquivo da seção.*

Constitue o arquivo toda a documentação recebida ou expedida pela Seção. Para a boa ordem do serviço é preciso uma organização minuciosa. Em todo caso, como se trata mais de uma questão material, em que o feitio pessoal muito influe, não se pode dizer que haja um tipo único de arquivo. Há vários na verdade. Um arquivo é bom desde que atenda ás necessidades várias da Seção.

De modo geral há as seguintes espécies de documentos:

- de serviço corrente
- básicos para o trabalho da seção.
- quadros e mapas nominativos.
- um protocolo.

O que ha de mais moderno em matéria de arquivo é o *fi-chário*. Torna muito práctico o manuseio e facilita o acréscimo de outros documentos. Na Itália, na frente do V Exército Norte Americano alguém viu uma simples caixa de madeira, com folhas esparsas, contendo tudo que interessava ao trabalho da

2.^a Seção. Tudo muito rudimentar mas que atendia de modo completo e perfeito às necessidades diversas.

III — *Documentos que serviram de base ao presente trabalho :*

- Etude sur le fonctionnement interne d'un 2e. bureau en campagne, do Ch. Paquet, Chef. de Btl. Breveté.
- Regulamento para o Serviço de E. M. em campanha.
- Curso de Tática Geral e Estado Maior, da Gen. LA VALADE.
- Essai sur le renseignement a la guerre, da Cel. BERNIS.

**Espadas que protegem
- precisam também
de Proteção!**

Brasso
dá brilho
aos metais!

BRASSO

PONTES DE PONTÕES DE BORRACHA... EM 1846!

DR. IVOR D. SPENCER

Professor Assistente de História da Universidade "The Citadel".

(Traduzido do THE MILITARY ENGINEER,
por Lydio M. Souza).

Estamos em 1846. O General Zachary Taylor está invadindo o México através da bacia do Rio Grande, e o General Winfield Scott, em Washington, prepara-se para desfechar um grande assalto sobre a própria capital mexicana. Em Nova-York e nas proximidades de Boston há um movimento febril nas fábricas de beneficiamento de borracha, cuja indústria ainda está em sua infância. Seus técnicos preparam um novo equipamento de guerra: — PONTÕES DE BORRACHA — cuidadosamente elaborados para a travessia de rios ou para serem usados como barcaças para o cruzamento de cursos d'água... Porem, isto não é um quadro imaginário. E' um "Blitzkrieg" estilo 1846!

Na guerra mexicana de 1846-1848, o Exército dos Estados Unidos possuía composições regulares de pontões manufaturados de borracha. Este material foi enviado ao campo de batalha e acompanhou nossos exércitos atacantes. Após a guerra permaneceu ele em uso durante alguns anos, tipo padrão do nosso equipamento militar de pontagem.

PRIMÓRDIOS HISTÓRICOS

O pontão é, indiscutivelmente, um material antiquíssimo integrante do equipamento militar, tendo sido já empregado pelos persas e romanos além de outros povos das éras passa-

das. Mesmo o nosso tão familiar tipo de bote de madeira data do século XVII. (1) A confecção de tecidos à prova d'água, com utilização de borracha, também não é de prática recente. Já no tempo de Carlos I era concedido monopólio para a fabricação dessa espécie de material. Entretanto, não foi senão depois do primeiro quartel do século XIX que o uso da borracha se tornou generalizado, graças aos melhoramentos introduzidos na sua manufatura pelo famoso James Macintosh e outros. Contudo, pelos fins de 1820, o nosso problema da construção de botes de borracha foi praticamente abordado, pois na expedição artica do Cap. John Franklin os botes eram aparelhados como coberturas e salva-vidas de borracha — o que veio significar um passo profético. Por fim, o importan-
tissimo processo de vulcanização de Charles Goodyear, des-
coberto em 1839, colocou essa já crescente indústria sobre
uma base bastante sólida. Em 1845, o envólucro de pneuma-
ticos, o revestimento, as câmaras de ar e os pneumáticos de
borracha encontravam-se entre os diversos artigos de comér-
cio. (2).

Os primeiros ensaios com pontões de borracha tiveram inicio muito antes da época em que Goodyear descobriu o seu processo. Em 1834, dois americanos (3) construiram um barco de pesca — "consistindo de dois cilindros de lona ligados entre si e cobertos de borracha dissolvida em terebentina". Alguns anos mais tarde, as embarcações denominadas "barcos de trutas", assim chamadas em virtude do feitio que apresentavam, foram postas à venda em Boston. A primeira prova militar teve lugar em 1836, quando o Cap. John Lane, do Exército dos Estados Unidos, lançou uma ponte experimental de 350 pés de comprimento sobre o profundo e turbulento rio Tallapoosa, em Alabama, utilizando 16 pontões. Nesse mesmo ano, o próprio Cap. Lane construiu um arco de 40 pontões através do Chattahoochee em Fort Michigan. Em ambas as provas, o material flutuante era composto de simples cilindros de lona cobertos com borracha ordinária. Foi igualmen-
te nesse ano de desenvolvimento que apareceu o primeiro por-

tão feito com três cilindros, construído por H. Harlow, de Roxbury, Massachussets; (4) provavelmente este pontão provou ser muito mais estável do que o flutuador construído por Lane.

As experiências efetuadas em 1836, quanto obtivessem imediata aprovação das altas autoridades militares, não foram postas logo na prática, porque, nesse tempo, o exército não possuía fundos para a dotação de regulares companhias de pontões. Para não fugir à verdade é necessário que se diga, que, nesse tempo, um congresso ultra-econômico não concedia fundos para o Corpo de Engenheiros. (5).

NOVA CONCESSÃO PARA O CORPO DE ENGENHEIROS E EMPREGO MILITAR DOS PONTÕES DE BORRACHA

Quando, em 1845 e 1846, surgiu a crise militar com a Grã Bretanha e o México sobre as questões do Oregon e do Texas, o Presidente Polk e o Secretário da Guerra, William L. Marcy (6) solicitaram autorização ao Congresso para a formação de um corpo de engenharia como parte imprescindível de uma boa organização militar.

Nesse tempo, também, o General Zachary Taylor, comandando o exército que fôra enviado ao Texas, em carta (de 26 de agosto de 1845) solicitou fosse-lhe enviada "uma quantidade moderada" de pontões e viaturas de pontões. (7). Alguns dias mais tarde, um oficial intendente, de nome G. H. Crosman, que servia junto às forças de Taylor em Corpus Christi, fazendo eco ao pedido do general para urgência na remessa de material, declarou com ênfase: "Acreditamos que a equipagem solicitada pode ser obtida o mais breve possível, na companhia de borracha INDIA, em Boston". Tecendo comentários sobre as vantagens que a borracha oferecia na confecção desse material, Crosman afirmou que a leveza do equipamento contribuia para a rapidez na remessa. (8). O pedido, contudo, não foi atendido, em virtude de não haver nenhuma autorização do congresso para esse fim e a administração Polk, estrictamente

construtiva, não se sentia disposta a lançar mão do orçamento para outros objetivos. (9).

A solicitação do governo para a organização de um corpo de "sapadores, mineiros e pontoneiros" ainda permanecia no rôl das cousas esquecidas do Congresso, quando na manhã de 9 de maio de 1864 chegaram as novas do rompimento das hostilidades na área situada entre o Nueces e o Rio Grande, dando início à guerra mexicana de 1846 a 1848. (10). E nessa mesma manhã, na região situada próximo ao Rio Grande, por coincidência, o "Velho Zach" Taylor, que esperava pacientemente pelas vitaturas de pontões, sentiu fugir-lhe a oportunidade dourada para cruzar o grande rio e destruir o Exército Mexicano em Matamoras. (11) Entretanto, coagido a entrar em ação em virtude do derramamento de sangue americano, o congresso autorizou finalmente a organização de uma companhia de engenharia de acordo com as normas estabelecidas pelo chefe do Corpo de Engenheiros. Juntamente com a autorização foi concedida uma verba para o equipamento de pontagem (12).

A fabricação do equipamento teve então início com toda a rapidez. Parte do trabalho foi feito em Nova York porém a maior percentagem coube a Boston, naquela época o principal distrito de manufatura de borracha dos Estados Unidos. A primeira tarefa era construir uma composição com capacidade para 40 pontões para ser enviada ao General Taylor. O esquema de Harlow, em 1836, foi, com toda certeza, adotado para a confecção da seção de pontões de Taylor como também para a de Scott, embora a dêste comportasse menor número, e o trabalho ficou concluído vinte dias após ter sido iniciado. (13) Na manufatura de uma terceira seção, esta destinada a West Point para fins de demonstração, foram introduzidas muitas inovações. Essas mudanças foram fruto dos trabalhos de oficiais do corpo de engenheiros, particularmente do Cap. George W. Cullum. Das alterações, a mais notável foi a divisão dos cilindros em três compartimentos afim de torná-los menos vulneráveis. Em todos os pontões que compunham os três dife-

rentes tipos de seções foi utilizada a nova borracha vulcanizada. (14).

Nas campanhas posteriores, o Corpo de Engenheiros, enviado aos campos de batalha após treinos intensivos em West Point, cumpriu suas missões esplendidamente. Por outro lado é desagradável ter de admitir-se não ter sido ampliado o emprego dos pontões, mas na campanha do México, os únicos rios que nossas forças foram obrigadas a cruzar eram relativamente estreitos, sendo que em alguns as tropas americanas atravessaram pelas pontes já existentes as quais, de um modo geral, não tinham sido destruídas pelo inimigo. (15).

ESQUEMA E ORGANIZAÇÃO DA SEÇÃO DE PONTÕES DE BORRACHA

A experiência com pontões de lona e borracha deu resultados satisfatórios, pelo menos sob um aspecto, sendo o principal responsável por esse fato o Cap. Cullum, um emérito historiador. George W. Cullum (1809-1892), é conhecido entre os graduados de West Point como o criador do "Registo Biográfico dos Oficiais e Graduados" e o patrono da sala que tem seu nome. (16) Aliás, parece ser este o único prêmio que ele obteve quase exclusivamente em sua pioneira aventura com um novo tipo de material militar e no desenvolvimento do esforço dispendido na sua construção sob as ordens do Coronel Totten. (17) O livro de Cullum sobre o assunto, o lúcido e científico "DESCRICAÇÃO DE UM SISTEMA DE PONTES MILITARES, COM PONTÕES DE BORRACHA", (18) é um trabalho admirável. Conquanto seja um livro técnico (elaborado, a propósito, como um compêndio para uso do exército) e escrito com o maior cuidado e bom senso, suas páginas ainda transpiram o entusiasmo com que Cullum estava possuído quando as redigiu.

A principal unidade no "sistema" de Cullum, o pontão flutuante de três cilindros, está indicada na primeira das ilus-

trações que acompanham o presente artigo, reproduzida de seu livro. E' descrita pelo Autor como segue:

— Os pontões são feitos com um duplo tecido de borracha, consistindo, cada um deles, de uma série de três cilindros adaptados paralelamente uns aos outros, apresentando as extremidades ponteagudas e semelhantes à proa de um barco e ligadas entre si por duas fortes barras de borracha de uma das quais parte uma tela que os envolve de ponta à ponta — formando o seu todo um simples bote de 20 pés de comprimento por 5 de largura...

Cada cilindro apresentava a embocadura de inflação em locais diferentes e eram divididos em três compartimentos. A parte central sustentava a metade do taboleiro e apresentava uma superfície mais ampla afim de preservá-la de avarias, "especialmente das ocasionadas pelo fogo de fuzil", exceto em raros casos. O entumescimento dos cilindros naqueles dias em que o ar comprimido não era ainda conhecido, era feito por meio de foles manuais.

O esquema de uma seção típica, de acordo com o que foi exposto anteriormente, era traçado de modo a fazê-la transportar 30 unidades, podendo, quando se lhe adaptavam os cavaletes nas extremidades, comportar 33 pontões que cobriam uma distância de 200 jardas. Essa extensão era, provavelmente, a julgada máxima nos cursos d'água da América do Norte (fora dos Estados Unidos, é claro), na região em que então operavam ou que deveriam combater os nossos exércitos. Quanto à sua disposição náuica, os pontões eram ancorados a 8 pés de distância de centro a centro, enquanto o taboleiro da ponte contava de largura 11 pés e 8 polegadas e meia, tomando por base os trilhos laterais nos quais estava apoiado. Cada vagão regular de seção carregava um pontão vazio, acondicionado num envólucro especial para protegê-lo das avarias, e também, barrotes, pranchas para taboleiro e trilhos, formando um conjunto necessário para uma nave completa. Ao mesmo tempo adaptavam-se ligaduras especiais nas extremidades dos pontões podendo-se assim, juntar dois ou mais flutuadores, convertendo-os em barcaças adequadas para travessias. Estava, desta forma, em estado

embrionário o que hoje possuímos em matéria de botes de borracha. (19).

De muito interesse é o cuidado que era revelado na manutenção e no reparo dos pontões. Os pequenos orifícios eram obturados temporariamente pela compressão de pedaços de borracha no local da avaria por um nó feito na amarra que era por seu turno, adaptada ao centro da emenda. Os sargentos das unidades de engenharia conduziam apreciável quantidade dessas amarras de emenda dentro dos bolsos. Por outro lado, os reparos permanentes eram feitos por meio de ferramentas empregadas na manufatura da borracha, as quais eram acondicionadas em uma mochila especial. Cada uma dessas mochilas comportava pequenos pedaços de tecido de borracha, goma de borracha, escovas, cilindros de costura, facas e pontadeiras. (20).

As seções construídas em 1846 constituiram o equipamento padrão do nosso exército durante uma década. (21) Suas vantagens óbvias consistiam na solidez e na leveza. Cullum ponderava que, enquanto uma ponte de pontões, modelo francês, de 200 metros de comprimento, necessitava de 70 viaturas para transportá-la, a americana, da mesma extensão, requeria apenas 35 apresentando, além disso, menor peso. Por outro lado, se o taboleiro da ponte da seção de reserva era adaptado à seção de vanguarda assim de permitir a passagem da artilharia de sítio, a carga era ainda muito mais leve do que a transportada pela seção de vanguarda do tipo francês, a qual não permitia, além disso, o emprêgo de tais canhões. (22) Os méritos potenciais do esquema americano foram reconhecidos na França, pois em 1849 e 1860, o Sena e o Reno foram palco de três provas com pontes militares de borracha pelo exército gaulês. (23).

SUBSTITUIÇÃO POR OUTROS TIPOS

Nas muitas sentenças com que Cullum enalteceu a "solidez, leveza e facilidade de manobra e transporte" dos seus

flutuadores, ao mesmo tempo ponderava judiciosamente que se êles necessitavam de "longas experiências através das quais determinasse se apresentavam ou não grandes defeitos". (24) As provas efetuadas durante as campanhas de então não revelaram falhas, porém nos anos seguintes um defeito tornou-se aparente. O enxôfre, utilizado na vulcanização da borracha, gerava ácido sulfúrico que em pouco tempo corroia a lona dos pontões. Desta forma, por volta de 1858, ou mesmo antes, os flutuadores construídos em 1846 tornaram-se quase impraticáveis. Como resposta lógica a êsse problema podia-se afirmar que a verba destinada ao corpo de engenheiros não permitia uma substituição periódica do material e, por sua vez, as autoridades do congresso não se sentiam animadas a usar de generosidade nesse ponto de vista. Um outro defeito, segundo relatórios feitos anos mais tarde, era ocasionado pela extrema elasticidade dos pontões dando-lhes "tal balanço e uma oscilação tão violenta que tornava perigosa a passagem de animais por sobre êles. "A grande vulnerabilidade residia porém na suscetibilidade dos flutuadores à avaria, quer pelo simples choque quando lançados à uma praia pedregosa, ou então, com maior gravidade, quando atingidos pelo fogo de armas automáticas. Segundo se argumentou em um relatório, um simples atirador postado na margem inimiga podia destruir os pontões "tão depressa quanto fossem êles lançados à água". Esta afirmação parece encerrar um pouco de exagero, porém não resta dúvida de que o problema era sério.

Em vista dos defeitos esperados e dos que surgiram no decurso das experiências, Cullum e seus superiores imediatos chegaram à conclusão de que os pontões de borracha deviam ser abandonados. No outono de 1858, entretanto, certo número de tipos de pontões europeus foram postos à prova e os suportes dos botes eram constituidos de uma nova espécie de ferro ondulado. A escolha recaiu no bote de madeira, modelo francês, para a seção de reserva e no pontão revestido de lona para a de vanguarda. O bote de madeira tornou-se, desta forma, o verdadeiro tipo-padrão, o equipamento tradicional de nosso

exército até ser substituído, em parte, por outros meios de cruzamento na atual conflagração. (25).

Assim encerrou-se a experiência de 1846. (26) Um registo digno de nota foi a utilização de um material, principalmente borracha vulcanizada, na confecção dos pontões que uma indústria recém-organizada, tinha desenvolvido há apenas seis ou sete anos atrás. O fato marcante, no que se refere à questão, foi, naturalmente, aquele que, embora se verificasse o fracasso no emprêgo dos pontões de borracha, foram êles adotados permanentemente até cerca de um século mais tarde. Que a experiência não resultou infrutífera já foi cabalmente demonstrado. Todos os esforços foram dispendidos na confecção do material, logo após as provas feitas com os primeiros flutuadores surgidos alguns anos antes, e, embora o novo equipamento não era empregado realmente na guerra, foi utilizado na prática de manobras durante uma década.

Em vista do limitado progresso de nossa indústria técnica, naquele tempo, o fracasso era quase inevitável, independente de quaisquer melhoramentos que fossem introduzidos posteriormente. Em todo o caso, esse episódio foi um capítulo honroso da engenhosidade mecânica com a qual os americanos já nutriam tanto orgulho há cem anos atrás.

NOTAS DO AUTOR

1. — **George W. Cullum**: "Descrição de um Sistema de Pontes Militares com Pontões de Borracha. Elaborado para uso do Exército dos Estados Unidos" — Nova York, 1849, página 10; também seu "Sistema de Pontes Militares em uso no Exército dos Estados Unidos, adotados pelas Grandes Potências Europeias e tais como são empregados na Índia Britânica. Com Diretrizes para a Preservação, Destrução e Reconstrução de Pontes" — Nova York, 1863, página 170.

2. — "No Mundo da Borracha" — 1936, Livraria Pública de Nova York; páginas 1 a 8; "Correio de Boston", 3 de dezembro de 1842, citado por R. F. Wolf em "O Homem da Borracha. A História de Charles Goodyear"; Caldwell — Idaho, 1939, página 126.

3. — **Wilhelm B. Millard e James Brown**.

4. — Cullum: "Descrição de um Sistema...", página 11 e "Correio de Boston", já citados acima.

5. — Nas campanhas de 1775 e 1812 já existia o Corpo de Engenheiros, porém, em 1821, essa organização foi extinta por uma lei

que previa a redução do Exército. Nos anos posteriores foi constituído um "estado-maior de engenharia" por um grupo de oficiais que, no dizer do Coronel Joseph G. Totten, o Chefe dos Engenheiros, em 1845, não passavam êles de "marinheiros teóricos", devido à falta de tropas para efetuar a prática de operações. Os Secretários da Guerra e as Comissões Militares do Senado e da Câmara pleitearam inúmeras vezes a reorganização do Corpo de Engenheiros, encontrando apoio unânime por parte do Estado Maior do Exército. Vários projetos de lei, atinentes à questão, foram aprovados pelo Senado mas não entraram em execução. — Relatório do Chefe dos Engenheiros ao Secretário da Guerra, 31 de outubro de 1845 — "Documentos do Executivo n.º 2", de 29 de outubro de 1845, 1.ª seção do Congresso, páginas 277 a 288: — relatório do Comandante em Chefe ao Secretário da Guerra, 29 de novembro de 1845, página 210.

5. — O Autor está preparando uma biografia de William L. Marcy.

7. — Relatório do Secretário da Guerra, 29 de novembro de 1845, páginas 193 a 210 e 277 a 288; mensagem de Polk ao Senado, 24 de março de 1846 — "Trabalhos", de James Buchanan (Philadelphia e Londres, 1908 a 1911) volume VI, páginas 428 a 430.

8. — Carta ao Coronel H. Stanton, Assistente Geral de Intendência, 4 de setembro de 1845, "Documentos do Executivo n.º 60", 1.ª seção do Congresso, páginas 638 a 639.

9. — Conforme pareceres sobre a carta supra citada, páginas 639 a 640.

10. — "Diário de James K. Polk", Sociedade Histórica de Chicago — Coleções, editada por M. M. Quaife, Chicago, 1910, volume I, pág. 386.

1. — Taylor ao General Adjunto, 18 de maio de 1846, "Documento n.º 60", citado anteriormente, páginas 297 a 298. Pelo menos era aquela a afirmação de Taylor. Atualmente, existe um obstáculo muito maior; J. H. Smith, "A guerra com o México", 2 volumes, Nova York, 1919, volume I, páginas 175 a 177.

12. — Os oficiais designados eram em número de 100 e foram mandados reunir-se aos que já se encontravam no Exército afim de formarem um Corpo de Engenheiros. Em tempo de paz essa organização auxiliaria no programa de instrução em West Point e alguns dos seus oficiais podiam ser destacados para supervisionar os trabalhos de fortificações costeiras. Até 1861, o Corpo de Engenheiros não passava de uma simples Companhia. Capítulo 21, 15 de maio de 1846, página 369 e notas no "Leis Militares dos Estados Unidos para o ano de 1863", de John F. Callan, Philadelphia, 1863.

13. — Os pontões foram construídos pela S. T. Armstrong, de Nova York e pela Cheever e McBurney, de Boston; os carros e os arreios foram também construídos em ou próximo a Boston. (Cullum — "Descrição de um Sistema...", página 9 de notas). Uma carta de T. S. Jesup, Intendente Geral, ao Cap. D. H. Vinton, 25 de julho de 1846, indica que os pontões destinados a Taylor vieram de Boston. (Documento n.º 60, página 609).

14. — "Descrição de um Sistema...", página 11.

15. — Em virtude do alto treino a que foram submetidas as tropas e seu excelente trabalho no México, segundo relatórios de Totten, 10 de novembro de 1846, 18 de novembro de 1848, "Documentos

tos do Senado n.º 1", 1.ª seção do Congresso, página 137 e páginas 627 a 628, e "Documentos da Câmara n.º 1", 2.ª seção do Congresso, páginas 279 a 281. Conforme J. H. Smith.

6. — "Dicionário Biográfico Americano", Nova York e Boston, 1891). Cullum escreveu inúmeros livros e notabilizou-se também pelos seus trabalhos científicos e filantrópicos.

17. — "Descrição de um Sistema..." página 6; segundo o seu ensaio autobiográfico, citado anteriormente.

18. — Publicado pelo Departamento de Engenharia em 1849, sendo depois transcrita em seu "Sistema de Pontes Militares", em 1863.

19. — "Descrição de um Sistema, página 13 a 47 e 83 a 88. A descrição do processo de manufatura dos pontões que Cullum fez com o auxílio de técnicos da indústria, dá-nos um belo vislumbre dos métodos empregados naquela época para a confecção dos trabalhos de borracha. Páginas 15 a 18.

20. — Regulamentos, páginas 19 a 29, 31 a 32, 46 a 47.

21. — "Encargos profissionais do Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos, n.º 3". "Manual de Pontões", Washington, 1915, página 5.

22. — "Descrição de um Sistema..." páginas 10 a 11.

23. — "Sistema de Pontes Militares" (1863), página 24, nota citando os trabalhos efetuados pelo Cap. Meurdra. As autoridades russas utilizaram borracha em combinação com outros materiais, como parte de um composto para calafetar seus botes.

24. — "Descrição de um Sistema..." páginas 10 a 11.

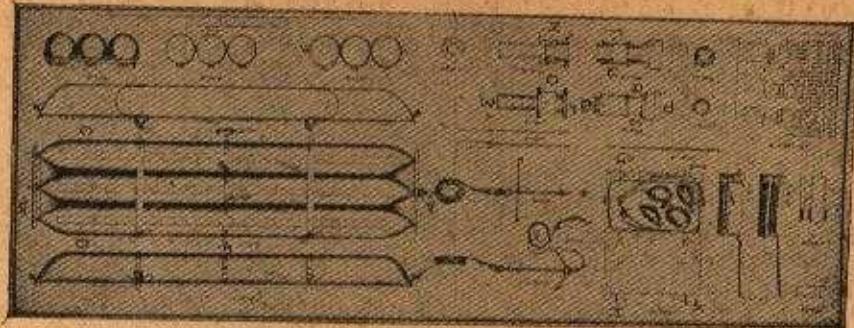
25. — Na guerra Civil, os pontões de madeira prestaram excelentes serviços. Através do Chickahominy inferior, por exemplo, foi lançada uma ponte de cerca de 2.000 pés de comprimento que comportou quase todo o Exército do Potomac. Quando os pontões dessa ponte foram severamente castigados pela fúria das águas próximo a Harpers Ferry, e tiveram de ser reparados, foi empregada madeira de caixotes surgindo assim a idéia de se lhes adaptarem suportes para facilitar a conservação. ("Encargos profissionais...", citado acima, páginas 5 a 10; Cullum, "Sistema de Pontes Militares", páginas 150 a 151 e 170 a 172).

26. — Uma outra experiência que foi sugerida e talvez mesmo efetuada, indicava o emprego de sacos de borracha para o acondicionamento de víveres e outros artigos afim de preservá-los da ação das águas. Essa prova foi solicitada pelo Major General Thomas S. Jesup, Intendente Geral, em carta ao Secretário da Guerra, Marcy, quando aquele se encontrava no acampamento de Brazos Santiago, a 1 de janeiro de 1847; "Documentos n.º 60", página 569.

DETALHES DO PONTÃO DE BORRACHA DE 1846

Transcrição das legendas:

1. — Elevação do Pontão.
2. — Esquema do Pontão.
3. — Elevação da extremidade do Pontão.
4. — Seção em A-B.
5. — Seção em C-D.
6. — Seção em E-F.



7. — Elevação lateral da ancora.
8. — Esquema da ancora.
9. — Esquema da boia.
10. — Esquema do envólucro de pontões acondicionado.
11. — Seção em G-H.
12. — Seção em I-K.
13. — Esquema e elevação do rémo.
14. — Elevação do arpão (bicheiro).
15. — Esquema da alça do pontão.
16. — Esquema da embocadura de inflação.
17. — Seção em R-S.
18. — Seção em L-M.
19. — Seções em P-Q.
20. — Seção em N-O.
21. — Seção em T-U.
22. — Elevações do "Colar de Prateleira".
23. — Curvhas para o "Colar de Prateleira".

DETALHES DA VIATURA DE PONTOES

Transcrição das legendas:

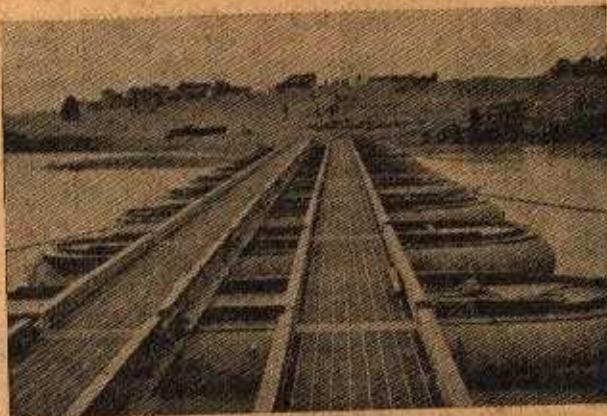
1. — Elevação lateral da viatura de pontões carregada.
2. — Esquema da viatura de pontões sem as rodas.
3. — Elevação traseira da viatura de pontões.
4. — Elevação do travão.
5. — Esquemas do travão.
6. — Elevação da nave sem os eixos.



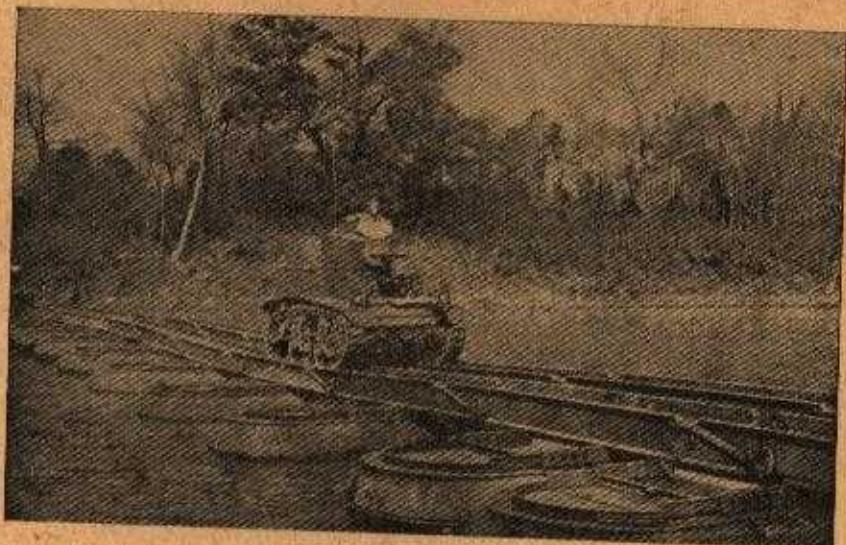
A HODIERRNA EQUIPAGEM DA PONTE DE PONTOES DE BORRACHA



Montagem da balsa



Detalhes do taboleiro da ponte



"Tanks" experimentando uma ponte de pontões de borracha



FERRO LAMINADO de Diversas Bitolas

A capacidade produtiva de nossos fornos e o aparelhamento moderno de nossa organização, permitem-nos oferecer aos industriais, engenheiros, construtores e comerciantes, ferro laminado nas diversas bitolas e para os mais variados fins, com especialidade para construções. Produzimos ferro de via líquida pelo processo "Siemens-Martin", de grande resistência, assim como arame para os diversos fins industriais.

Cia. Brasileira de Mineração e Metalurgia

AV. MUNICIPAL, 49 — SÃO CAETANO, SÃO PAULO — FONE 100

Compêndio das Obrigações do Soldado Católico

(Raridade bibliográfica)

Apresentado pelo *Gen. Silveira de Melo*

Este esplêndido "Compêndio das Obrigações do Soldado Católico" constitui a 2.^a Parte de um livro raro, de que o Cel. J. B. Magalhães talvez seja o único detentor entre nós. O título dêste livro consta de sua 1.^a página na seguinte forma:

ARTE DA GUERRA.
POEMA
DO
GRANDE FEDERICO,
REI DE PRUSSIA,
TRADUZIDO EM VERSO
POR
MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE.
SEGUNDA EDIÇÃO.

Augmentada com o Compendio das Obrigações do Soldado Catholico, tanto no silencio da Paz, como no estrepito da Guerra; desde Soldado raso até ao Posto de General.

LISBOA,
NA TYPGRAPHIA ROLLANDIANA.
1814.

Com Licença do Desembargo do Fisco.

O Cel. Magalhães descobrindo essa raridade bibliográfica teve a atenção voltada para a 1.^a Parte — “Arte da Guerra”, que resolveu reeditar, para gáudio, não só dos homens de farda, mas de todos os homens de cultura. E’ natural que assim procedesse. Foi professor de Tática Geral e Estratégia da E. E. M. e essa publicação traz as credenciais de seu notável autor, o grande Frederico, um dos maiores mestres da guerra. Ademais, esse trabalho é apresentado sob a forma de poema, em versos do tradutor, o que lhe empresta sabor especial.

Ao reeditor não interessava a 2.^a Parte. Eu, porém, que tive em mãos o livro, entusiasmei-me tanto pela 1.^a como por esta 2.^a Parte, e comprehendi que uma e outra se completam: a *primeira* concerne à arte, como formação técnica, a *segunda* à formação moral do artista. Nenhum soldado pode dispensá-las.

Eis por que, valendo-me da gentileza daquele antigo companheiro e amigo, venho trazer aos camaradas do Exército e ao S. A. R. uma reprodução do magnífico “Compêndio”.

O autor dêste trabalho não vem referido no livro. Seria de Pedegache, o tradutor português da “Arte da Guerra”? Não parece, antes é de crer seja de escritor francês, sem dúvida um Capelão Militar do século XVIII, pois mostra-se versado nos assuntos da caserna e da guerra daqueles tempos.

A minha contribuição foi pequena, mas o meu empenho foi grande em propiciá-lo aos nossos camaradas. Está vasado na pura doutrina católica, cuja fé acompanhou sempre o nosso povo e as nossas armas na formação de nossa nacionalidade e nos embates que travamos para repressão de adventícios e agressores.

Limitei-me a atualizar-lhe a erografia e anotar os termos antiquados e históricos para melhor compreensão dos homens da tropa. Conservei, porém, inalterados, os dizeres e a forma originais. Creio poderá servir de preâmbulo aos livros que se

editarem sobre a União Católica dos Militares e o Serviço de Assistência Religiosa à tropa.

G. Silveira de Melo....

PRÓLOGO

Este acanhado Epítome abrange em resumo todas as obrigações do CRISTÃO, do CAVALHEIRO, do SOLDADO, e lhes aponta meios para viver neste mundo com honra, e merecer no outro a glória. E inegável que entre os Soldados há muitos de virtude sólida, de vida exemplar, mas também é certo que nem sempre anda a Piedade em companhia com todos que compõem o Exército, devendo todos estar capacitados que nesta gloriosa profissão é a virtude quem unicamente sustenta, e dá lustre à constância, à perícia militar, e ao verdadeiro valor.



C O M P E N D I O

*Das Obrigações do Soldado Católico;
tanto no socego da Paz como no estrepito da Guerra. Já cumprindo o encargo da Sentinella, já tendo o mando de General.*

PRIMEIRA OBRIGAÇÃO.

O Animo, e valor he a Diana dos Soldados, a quem todos desde o General, até ao Soldado razo, ou Sentinella privada rendem homenagem, e quasi

A vida de um Soldado tanto na Campanha como no Quartel deve ser de bom CRISTÃO TIMORATO: a PIEDADE nunca desfalece o ÂNIMO; a impiedade é a que inquieta com sustos o coração dos DISSOLUTOS. Pelo contrário o que está no Campo sem remorsos DE CONSCIÊNCIA portar-se-á qual outro ANIBAL, (1) que sendo o primeiro que entrava na BATALHA era o último que se recolhia.

O que vive bem não pode merrer mal, pois a morte de qualquer sujeito é um RETRATO da sua vida perfeitamente parecido ao ORIGINAL. A natureza imprimiu no rosto do vício a sua deformidade e horror; com especiosos nomes se costumam disfarçar estas feições horrorosas, escondendo-se o pecado debaixo de um agradável exterior; por isso deve pôr-se muito cuidado em não baralhar as IDEIAS dando INOCENTES nomes a cousas pecaminosas. Eu lhes patenteio aos olhos o mais importante da sua profissão, e obrigações tanto para com Deus, como para com os homens, os enganos do mundo, os ardis do Demônio, a ocasião de errar, e um método seguro para evitar, e corrigir o erro; para não fazer consistir a virtude na HIPOCONDRIA, nem confundir a piedade com a ASPEREZA, denegando-se entre nós honestos divertimentos que recreiam o ânimo, sem ferir a consciência. Quem lê com reflexão este Livrinho, há de tirar dele utilidade, e prazer, pois é uma recopilação de quanto pode instruir, e aperfeiçoar o ânimo de um Militar moço.

COMPÊNDIO

Das obrigações do soldado católico; tanto no socêgo da Paz como no estrépito da guerra. Já cumprindo o encargo da sentinel, já tendo o mando de general.

PRIMEIRA OBRIGAÇÃO

O Ânimo, e valor é a Diana dos Soldados, a quem todos desde o General, até ao Soldado raso, ou Sentinel privada

rendem homenagem, e quase adoração: mas o que é na realidade alentado, e valente, não se deixa arrastar de idéias armadas do capricho, e reforçadas pelo erro: uma virtude nunca é oposta à outra, antes tôdas conservam entre si uma pasmosa concórdia, e correspondência; e mais facilmente se poderá desentranhar fogo do gêlo, do que valor da impiedade. O pecado só sabe encher de terror na morte quando a inocência a desafia, e a tem em pouco; por quanto a morte não pode privar aos bons Cristãos mais do que de uma vida, que devem render à natureza, e todo o seu império pôm termo com o nosso último suspiro; do que se conclui que o que anela à glória de excelente Soldado deve firmar-se, e fazer primeiro fundamento na virtude. O valor nunca se há de estribar em um temperamento fogoso que sobe, e se deprime como o Barômetro: o coração que anda com as Estações está sujeito a baixezas, e nele se deve pôr igual confiança à que se tem nos ventos: este com mais frequência se encontra entre os banquetes do que entre as espadas, e olha mais intrépido para o inimigo pelas costas, do que pelo rosto.

Faça o Soldado o seu primeiro fundamento no temor de Deus, na observância da sua Santa Lei, na tranquilidade da sua consciência, em ser Cristão, porque abrindo mão de obras de este caráter não o salvará o ser **SOLDADO**. Será miserável o **CORONEL**, se fôr condenado como **CRISTÃO**, e os mais esforçados de seu **REGIMENTO** não poderão reparar-lhe a desgraça; por isso deve andar sempre vigilante, e nada menos disposto para encarar com a morte do que com o inimigo; pois que aquela é sagaz em estratagemas, e ardis, assaltando muitas vezes de súbito sem dar primeiro sinal de si. Além disso não admite pactos, e ajustes, não dá ouvidos a Capitulações, não faz distinção entre o **General**, e o mais ínfimo Soldado do Exército, de sorte que sem ter respeito às dignidades, e às pessoas tudo leva por uma medida, nem ao **DUQUE**, nem ao **GENERAL** será concedido tomar **MADRI**, **LONDRES** ou **PARIS** sob a sua palavra. Uma vez caído em suas mãos não te resta mais do que um Céu, ou Inferno, e ambos eternos.

Desta incerteza da morte nos quiz o Redentor do mundo dar aviso, e nos repete a miudo que nos acautelemos, andando sempre vigilantes, e dispostos contra um inimigo tão astuto, ousado, e atraíçado.

Ora se êste aviso compete a todos os homens, muito mais toca aos Soldados; pois êstes não somente andam expostos aos perigos ordinários, mas também aos que andam anexos à sua profissão, levando em si mesmos a causa de muitas enfermidades, tropeçando a cada passo com novos perigos não previdos, e raras vezes evitados; de sorte que ou o Soldado acometa, ou seja acometido, é igual o risco, pois todo aquele que trilha o caminho das balas e das bombas, não o acompanha seguro algum; mas o que tem a consciência socegada, e sem culpa combaterá como um Herói; pelo contrário se os pecados lhe gravam a alma, ao tempo que a artilharia fuzila, e despede os seus raícs contra o corpo, experimentará um desalento de coração, pois quem há que dê um vigoroso assalto ao inimigo por entre fumo, e balas, receando cair por momentos no fogo eterno? Para que o bom Soldado se haja com valor nas batalhas deve resolver-se a viver bem em quanto tem tempo, e fazer uma boa provisão para além do Sepúlcro.

SEGUNDA OBRIGAÇÃO

O bom Soldado não há de viver no Campo como um JANÍZARO da PORTA OTOMANA, com a mira unicamente em ganhar honra, e dinheiro; êstes motivos pagãos são muito abatidos para a dignidade de um Cavalheiro Cristão: o alvo, e pretensões do Soldado valoroso hão-de assestar-se não a estas baixezas, mas sim a objetos nobres e sublimes, e tirar vantagem da fadiga, e serviços. Servir bem ao PRÍNCIPE, (21) beneficiar a PÁTRIA, ter o respeito da posteridade, merecer o aplauso do mundo, e o galardão do Céu, são cousas muito compatíveis: o vosso soldo não será mais tênué porque espereis de Deus o prêmio eterno, nem menos gloriosas as vossas ações recebendo o lustre da virtude.

Pelo contrário, é rematada loucura cansar-se como escravos nas minas, ceder dos incômodos da vida, aventurar-se a perigos continuados para lograr unicamente um lugar na GAZETA, ou um VIVA AÉREO; com tudo isto estas idéias fantásticas encantam aos Soldados, e os arremessam a mil perigos. O aplauso é um certo NÃO SEI QUE muito pobre, mas de tal calibre que nos deixa onde nos encontra, sem reparar, dano algum; arma belas perspectivas na imaginação, e com a mente de pensamentos amenos. Levanta pois a tua ambição a alvo mais ilustre e a mais nobres vistas dignas das tuas fatigas, e proporcionadas ao caráter cristão.

Suponho que não aspirarás a superar em valor, e prudência aos incomparáveis LUXEMBURG, (2) e TURENA (3); mas é certo que estes dois famosos Heróis dormem nos seus Sepúlcros. O famoso Panegírico de LA RUE (4) não pode resuscitar ao DUQUE, nem a harmonia dos períodos de FLECHIER (5) dar alentos ao VISCONDE; as suas ações valentes que ocuparão as Gazetas do último século, talvez, se se antojam (6) aos Poetas; aparecerão nos fins dêste no Teatro, não para levarem aplausos, mas críticas. Acaso os mortos são maiores pelos elogios dos vivos, ou mais pequenos pelas suas desapiedades censuras? Se as emprêssas dêstes celebrados Generais foram alentadas de virtuoso motivo, já receberam o prêmio, se foi vicioso o motivo, o devido castigo.

Peleja pois por causa justa, e com consciência pura, com motivo santo, como Cavalheiro Cristão. Adorna tua alma de virtudes que Deus terá cuidado da tua vida, da tua honra, e adiantamento, e bem que o teu nome ande esquecido nos anais do tempo, fará uma nobre figura nos da eternidade. Aqueles esquadriões de Mártires alentados que viveram despresados, e morreram com ignomínia, que foram açoitados como escravos, e instigados por malfeitores, se acham agora coroados de imortal glória no Céu; a sua memória exala grandíssima flagrância na terra, ao tempo que os seus perseguidores estão gemendo no Iego eterno, cujos nomes parece ter Deus conservado à posteridade para seu castigo, e nessa instrução.

TERCEIRA INSTRUÇÃO

E' obrigado o Vassalo a defender o seu PRÍNCIPE (21) legítimo, e a sua PÁTRIA contra os acometimentos do inimigo sem examinar, nem esquadriñhar o merecimento da causa, pois nos casos duvidosos deve sempre presumir em favor do Governo, e devemos indispensavelmente êste respeito à autoridade, aliás o SUPREMO MAGISTRADO não poderia manter a quietação do Estado.

Não deves pelejar como os TÁRTAROS, (22), ou como os CANIBALES (23); a tua Patente só te dá poder contra os culpados, e não contra os inocentes; os Soldados podem ser réus de homicídio como o são os assassinos, ou de furtos como os ladrões; os preceitos NÃO MATARÁS, NÃO FURTARÁS, compreendem igualmente o campo, e a Cidade, e não obrigam menos nas trincheiras do que nos Quarteis de inverno. Quero dizer que os Soldados se devem conter nos limites da boa ordem, e DISCIPLINA MILITAR; assim como se lhes deve premiar o valor, também se devem punir os delitos; os roubos, os estrupos, (7) e outros excessos que são a ruina do Campo, e desonra da milícia não hão de merecer indulgência alguma dos Cabos.

O GRANDE BELIZÁRIO deixou aos Generais, e Oficiais um nobre modelo da DISCIPLINA MILITAR, e um curto, e seguro caminho para a vitória. "Sabeis, camaradas meus (disse êle aos Soldados) que eu venho pelejar mais com as armas da justiça, e Religião, do que com as de ferro; e sem aquelas que vitória podemos esperar, nem bom sucesso? O meu campo não será profanado com roubos, nem as vossas espadas com crueldade; sem a justiça, é mal seguro o valor, e o Herói ímpio voltará as costas ao cobarde inocente". Esta curta fala inspirou um sumo respeito nos Soldados, e assim exaltou a estima do General do Exército, que é difícil decidir qual assombrou mais o seu valoroso proceder, ou a sua disciplina militar. Os próprios cidadãos prezavam aos Soldados como irmãos, e quase que adoravam ao GENERAL como uma DEIDADE TUTELAR: no

mundo nunca houve homem que empreendesse causas maiores do que BEÁZÁRIO, com menos corpo de gente com minguados exércitos, nem que conseguisse mais estrondosas Vitórias. Tendo apenas doze mil homens resgatou a África de tiranos, e quase toda a ITÁLIA limpou dos GODOS, e não somente recobrou ROMA, mas abateu a WITICES (9) na frente de cem mil homens, e o trouxe prisioneiro a CONSTANTINÓPIA. Assim vemos oeu a vitória, mais frequentemente milita de baixo das BANDEIRAS de um Exército bem disciplinado do que do ESTUDANTE do Exército numeroso, mas falto de disciplina, e que a virtude ajudada de poucos oprime o vício apaniguado de muitos.

QUARTA OBRIGAÇÃO

A vida do Soldado é tão honrada, como trabalhosa; separa-se dos amigos, despede-se da própria casa, desafia a morte, e a uma multidão de perigos, na esperança de se adiantar, mas todos êstes trabalhos adoçam os OFICIAIS tendo bem paga a tropa, e tratando-a com amor, pois na verdade qual há de ser o homem que há de querer cansar-se, e fatigar-se por golpe de espada, e vida penosa somente? Isto é sobre maneira incômodo, nem aqueles que o fazem são honrados, nem agradecidos.

Além disso é necessário penetrar a pouca compreensão de alguns Soldados, e que a sua razão é como o ouro quando se saca da mina, RÚSTICA, e GROSSEIRA, e que não há causa que melhor os contenha do que o bom exemplo: que a残酷 pode quebrar ossos, mas não emenda erros, e que muitas vezes desperta pensamentos da vingança em vez de propósitos de emenda. Isto não quer dizer que se deixem impunidos severamente os excessos, quando o pede o enorme dos delitos, e a menor falta de subordinação se há de castigar com inexorável rigor.

Degrade-se inteiramente do campo o costume de blasfemar, como também dos Quarteis, pois é um vício muito infame, que ofende gravíssimamente ao Altíssimo, e da péssimo exem-

plo ao próximo. Há grande diferença entre o Soldado, e Oficial, porém sendo ambos da mesma espécie herdam igualmente as prerrogativas do mesmo gênero, e têm a mesma relação para com Deus, para com a razão, e para com a imortalidade, e sendo dignos de vitupério em um Soldado os termos injuriosos, e as palavras maléficas, muito maior desar causa semelhante estilo de falar em um Cabo, em um Sargento, ou Oficial.

O Oficial cortez, generoso, afável, e nem muito familiar, nem muito reservado, ANIMOSO NO CAMPO, COMEDIDO NA CONVERSAÇÃO, acaréa (10) a estimação, e respeito de todos: Castiguem os superiores os criminosos, mas antes disso persuadam ao REGIMENTO de que a justiça foi que proferiu a sentença, e não a paixão. Ao Réu de morte dê-se-lhe tempo para se dispôr, e aparelhar para o futuro, para que seja feliz no outro mundo, bem que êste o despeça no patíbulo; o homem que pela misericórdia de Deus não perdeu a fé de que há outro mundo, que não tem a consciência empedernida, deve, vendo a morte diante dos olhos, temer, e espantar-se de mil pecados de que o acusa a consciência, de um Juiz Supremo disposto a pronunciar a sentença, dos seus Ministros igualmente prontos a pô-la em execução. O caritativo Teólogo poderá tirar-lhe êstes sustos, persuadí-lo ao arrependimento, patenteado-lhe as portas da divina misericórdia, e os imensos tesouros daquela bondade infinita.

QUINTA OBRIGAÇÃO

Proveja o Corenel o seu Regimento de um Capelão de boa instruções, e exemplo; não admita aqueles (24) que buscam guarida no Campo para fugirem dos Bispos; pois êstes (24) regularmente mais merecem o aljube (11), do que despacho. Trabalhai por alcançar um sujeito (25) de abonada virtude, que pegue bem, e cobre melhor, que inspire, e indusa os Soldados a viverem bem. O Soldado que põe em prática estas máximas cristãs é capaz de qualquer empreza, porque se atreve

a encarar com o outro mundo, investirá com o inimigo por entre todos os terrores neste.

Quando os superiores te mandarem executar alguma emprêsa, recebe as suas ordens com submissão, e executa-as com valor. Olha menos para a dificuldade da ação, do que para o cumprimento do teu dever, e quando tiveres bem cumprido o que te compete deixa o sucesso à Providência; dispõe com acerto os teus designios, prossegue-os com resolução, e constância, fugindo da temeridade, e assim cumprirás com a tua obrigação. Não recuses posto temendo o perigo, pois a um Cavalheiro é mais glorioso acabar na batalha do que retirar-se dela com desar.

As balas distinguem entre a multidão os imprudentes voluntários, e parece que a Providência retira dos temerários a sua proteção, e deixa-os ao império das outras causas. O nosso Criador deu-nos a vida para um fim nobre, e não a devemos aventurar sem motivo justo, e prudente, nem sacrificá-la com temeridade. Porém se se oferece boa ocasião, aprovada de prudência, e com vantagem, não a deixes perder, aproveita-a com alegria, e dá muitas graças ao General. Emparelhe a tua resolução com a dificuldade, e executa com valor quanto merece a emprêsa: não dês mostras que inculque vileza, de nada que argúa temor, precipício ou presunção, mas com grande tranquilidade de ânimo mostre mais desejo de ir para diante, do que voltar atras, e pugne mais bela honra, do que pela vida.

No Exército costumam ser frequentes êstas ocasiões, e abrem caminho ao adiantamento, dando motivos de mostrar o valor, e grangear merecimento: ainda que perca o Soldado a vida perde-a cumprindo com a sua obrigação, adquirindo muita glória neste mundo, e o que é mais no outro, se o não embraçam as culpas: é honroso aos olhos dos homens, e também aos de Deus acabar em defesa do posto, pois se morre disputando ao inimigo o terreno por obrigação. Há também nesta morte outra consolação, e é que o trânsito, bem que violento é fácil passagem, pois uma bala, ou uma espada matam mais depressa.

sa do que uma malina (12). Se o teu merecimento te sobe ao alto gráu de GENERAL, eleva também o teu zélo à grandeza de teu posto. Os favores pedem gratidão, e o Vassalo deve pagar ao seu MONARCA (21) este natural tributo, fazendo-lhe um serviço muito apurado. Primeiramente te deves recordar de que deves obrar como homem público, sem que as tuas ações sejam conduzidas por interesse particular. Tu sim podes aproveitar a honra da ação valorosa; porém o proveito deve desfrutá-lo o PRÍNCIPE. (21).

Os postos muito elevados de ordinário embriagam o coração do homem, e muitas vezes desconcertam a cabeça, riscam da memória a condição de que saíram, e persuadem que não são homens que são nomeados superiores dos demais. Bem que os primeiros emprêgos nos façam grandes, este errado conceito nos faz pequenos, e é prova evidente de que o nosso juizo não emparelha com a nossa dignidade. Esta distinção, e elevação sobre os demais não troca os metais, nem lhes dá valor algum intrínseco, mas só supõe mérito, ou favor; o mais acertado proceder de um GENERAL será lucrar primeiro o coração dos seus Oficiais; e sendo assim não tenha susto que se malogrem nas suas mãos os sucessos.

SEXTA OBRIGAÇÃO

O Morte do General é TEMERIDADE que muitas vezes tem aparências de valor, mas na verdade é de outra casta, nem com elle tem finalidade alguma. O valor descende em linha direita da prudência, e a temeridade da loucura, e presunção; estas raras vezes acompanha bom sucesso, e ainda que eu encontre duas vezes triunfante uma na ÁSIA, nas bandeiras de ALEXANDRE MAGNO (13), outra em ALEMANHA nas de AURÉLIO (14); aquele, porque como adverte Q. Cúrcio (15), venceu um império, êste porque pelo seu esteve à pique de o perder, com tudo, como êstes exemplos são muito raros, e o General que se porta conforme estas regras, governa-se pelo acaso, provavelmente não terá à seu favor a fortuna.

Segue pois os meios mais seguros, que te pode sugerir a prudência e não deixes nada ao acaso. É verdade que por este modo não te empenharás tantas vezes, mas raras vezes serias vencido. Parece que é mais prudência conservar a terra própria, do que perdê-la por presunção: lance pois também as suas medidas como se desconfiasse do seu valor; este pode ser vencido, porém favorecido da precaução é invencível. Se o número é sobre maneira excessivo, repentino, e não esperado, se o caso ilude a prudência, se a multidão sufoca o valor, ultimamente se te vês precisado de largar o campo, e deixar atraç a vitória, ao menos levarás intacta a honra, e poderás sem corar sofrer os golpes da sátira, e da calúnia.

A fortuna é inconstante, até é variável com os amigos, e não é implacável com os inimigos; nunca dura no mesmo lugar, nem sempre se inclina a igual interesse, umas vezes está deste lado, outras daquele; a todos é SUSPEITOSA, a ninguém fiel; e assim se deve esperar um alternado de sucessos. Umas vezes militará a Vitória pelos teus Estandartes, outras tomará praça nos dos teus inimigos, marchando aturadamente em um círculo de desgraça, e prosperidade: nem as primeiras devem abater o ânimo, nem as segundas fazer-nos demasiadamente confiados. Nem é bom presumir, nem confiar, em um estado que espera vencer, em outro teme ser vencido. Uma vitória que adormece o VENCEDOR é mais arrisada, do que uma batalha perdida; porque a vigilância inspira descuido, entorpece o braço com traídora segurança. O que segue este errado sistema anda aventureado a descrição do inimigo, porque ainda na frente de um exército de LEÕES, pode ser derrotado por outro de CERVOS.

Por outra parte o General em nenhuma desgraça deve perder o acôrdo, supôr tudo perdido é caminho feito para se perder de todo; quando a fortuna é adversa, esperai que mil cêdo se torne propícia; o valente Duque WEIMAR (16) sofreu grande golpe dos Imperiais, e bem que as suas tropas fossem derrotadas, não lhe ficou quebrantado o ânimo, antes muito mais esforçado, e vigoroso com o sentimento da passada derrota,

assentou lavar ao seguinte dia a nódoa com o sangue do vencedor, manteve a palavra, venceu a Batalha, e ganhou BRISAC (17) por prêmio bem merecido da sua resolução; de modo que as novas da sua vitória quase alcançaram as da sua desgraca.

ÚLTIMA OBRIGAÇÃO

E' um compêndio das obrigações do SOLDADO: se êstes fizerem sobre elas alguma reflexão estão certos que pugnarão com mais valor, e morrerão com mais consciênciâ.

Amigos, a farda a ninguém isenta dos preceitos Divinos: apertam-nos as Leis Civis, e Canônicas, chamam as Divinas, as Naturais instam pela sua observânciâ; o campo não é terra privilegiada, nem isenta delas. Se no tempo da paz te achas na Corte requerendo o teu aumento, trabalha com que sejam cristãs as tuas pretensões, justas as tuas medidas: propõe-nas com honra, prossegue-as com ingenuidade. Nunca maquines em segredo contra o teu rival, não o tomes descuidado com meios indignos de perfidia, ou detração; é prova de que temos o seu mérito, e talento o desconfiar do teu. O Grande ALEXANDRE avaliou em menos vencer os seus INIMIGOS por ESTRATEGEMA ou CILADA; quiz disputar a vitória com a espada em punho ao meio-dia, e antes aventurar um Império ao luzir do Sol, do que subjugar vencidos com o escuro da noite, em suma QUIZ que o SEU valor levasse a coroa, e não a cobardia, e recusou ser maior do que DÁRIO (18) não o merecendo mais do que êle.

• Esta emulação era nobre, nela nada se descobre baixo, e insidioso tudo é valor, tudo limpeza, e na verdade que êste era um jogo assaz limpo. Contém as tuas pretensões nos termos licitos; pois se soltas as rédeas à ambição, ela te levará tanto acima, e depois te despenhará em algum precipício. Proporciona os teus intentos, e desígnios ao teu talento, porque realmente parece muito mal que um homem que não sabe contar vinte pretenda um cargo na tesouraria, ou um ignorante no escrever um lugar na Secretaria.

Obtido o emprêgo proporcionado à tua capacidade, trabalhe pelo desempenhar, e servir com honra, tendo maior cuidado no interesse do PRÍNCIPE (2) do que no teu. O posto mediano é melhor por ser mais seguro, distingue bastante mente os homens dentre a multidão, concilia respeito, subministra o necessário para o decente, e cômodo passadio. Os homens em tódas as suas empresas aspiram à felicidade, mas geralmente se enganam na eleição dos meios, que conduzem a ela. Se me dessem tal cargo na Corte, diz um, ou tal posto do Exército, exclama outro, passaria como um Rei, e largava tódas as pretensões. Estes discursos me recordam o famoso Diálogo entre El-Rei PYRRO (19), e seu valido CINEAC (20). "Ousarei, eu, Senhor, lhe diz o Filósofo, perguntar-vos qual fim levais em tódas as vossas empresas? Quando assentais dar-lhe fim? Ou se acaso vós mesmo sabeis de ITÁLIA, dali é fácil o trânsito à SICÍLIA e a ÁFRICA é o caminho por onde me hei de recolher à casa. Conseguídos êstes designios viveremos contentes. Mas por que razão, replicou o Filósofo, quereis comprar à custa de tantos homens, e cabedal uma vida alegre, que podeis conseguir com muito menor dispêndio? Enfreai a corrente dos vossos desejos, servi-vos com o que tendes, e tendes tudo conseguido!"

Muitos desejam a vida alegre como fruto das suas fadigas, imitando êste Rei Pagão, e melhor fizeram se abraçassem o conselho do Filósofo. A felicidade começa uma vez que acabam os desejos, e por isso nunca a desfruta quem não acaba de desejar. Regularmente os que desejam o que não têm perdem o gozar do que possuem, porque desejando muito esperam conseguí-lo muito cêdo, e continuadamente muito agitados de temores, que lhes tiram a complacência do mesmo que desfrutam.

Concluamos admoestando ao Soldado que tanto na paz, como na guerra não perca da memória que foi criado não para a Corte, honras, e conveniências do mundo, mas sim para o Céu: que êste seja o alvo dos seus desejos, e o Evangelho a regra das suas ações, que a estas deve regular a justiça, e não a conve-

niência; que seja afável o seu trato, inocente a sua vida, e a sua piedade sincera.

NOTAS EXPLICATIVAS

- (1) — **Aníbal**, general cartaginês, um dos grandes capitães da antiguidade, notável por seu gênio militar (247-183 a.C.).
- (2) — **Luxemburgo**, Duque de, intrépido marechal de França, no século XVII.
- (3) — **Turenne**, Visconde de, marechal de França, no século XVII, um dos maiores táticos de seu tempo, dotado de talento militar e de grandes virtudes particulares. Nasceu protestante e foi convertido ao catolicismo por Bossué.
- (4) — **La Rue**, célebre pregador, pronunciou a oração fúnebre de Luxemburgo.
- (5) — **Flechier**, célebre pregador, fez o elogio fúnebre de Turenne.
- (6) — **antojar** (ou antolhar), representar na imaginação, figurar.
- (7) — **estrupo**, o mesmo que estrupício, desordem, barulho.
- (8) — **Belízario**, notável General romano (490-565), empreendeu com bom êxito, durante o reinado de Justiniano, muitas campanhas na África, Ásia Menor, Balcans e Itália.
- (9) — **Witiges**, Vitiges, valente general de Teodórico I, tornou-se rei dos ostrogodos. Foi vencido por Belízario.
- (10) — **acaréa**, de acarrear, acariciar.
- (11) — **aljube**, prisão.
- (12) — **malina**, febre maligna.
- (13) — **Alexandre Magno**, discípulo de Aristóteles, grande príncipe, grande general, rei da Macedônia, um dos grandes Capitães da antiguidade (356-323 a.C.).
- (14) — **Marco Aurélio**, imperador e general romano, (212-275), chamado "o filósofo", por seu apurado gosto ao estudo.
- (15) — **Q. Curtiis**, Quintus Curtius, historiador latino do 1.^o século, escreveu a "Vida de Alexandre".
- (16) — **Briissac**, última praça forte conquistada pelo Duque de Saxe.
- (17) — **Dario**, último rei da Pérsia, vencido por Alexandre; depois de morto foi honrado por este.
- (18) — **Pirro**, rei do Epiro no século III a. C., general ambicioso e inconstante, não soube tirar proveito de suas vitórias e foi vencido afinal pelos romanos. Uma de suas vitórias lhe custou tais perdas que ele declarou: "se eu ganhar mais uma vitória como esta, estarei perdido". Daí o conhecido rifão: "vitória de Pirro".
- (19) — **Cineas**, sábio Ministro e conselheiro de Pirro, dotado de prodigiosa memória e grande prudência.
- (20) — **Príncipe**, ou Monarca, significa o Soberano dos governos imperiais. Nos governos eleitivos e temporários deve-se dizer Chefe do Governo ou do Estado, ou simplesmente a Pátria que ele representa.
- (21) — **Tártaros**, antigos povos bárbaros da Ásia.
- (22) — **Canibais**, povos selvagens.
- (23) — **Maus capelões**.
- (24) — **Sujeito**, refere-se aqui a sacerdote.

VI—«Camouflage» Versus Observação Aérea

*Capitão Tasso de Aquino
Cavalaria*

A participação cada vez maior da Aviação como uma poderosa arma de guerra e os extraordinários progressos da fotografia aérea, têm tornado a "camouflage" uma necessidade imperiosa como o meio mais eficaz de proteção contra a observação.

Os parques industriais encontram nela uma preciosa aliada contra os bombardeios aéreos de precisão, e os exércitos uma poderosa arma, não só de defesa, como também de ataque.

Seja contra a observação direta, isto é, a levada a cabo diretamente pela vista apenas, ou com o auxílio de aparêlhos de observação; seja contra a indireta, pelo estudo e interpretação de fotografias aéreas, a "camouflage" fornece sempre meios de anular-lhes, ou, pelo menos, dificultar-lhes a ação.

Para isso, entretanto, como base de sucesso no seu emprêgo, uma instrução intensa, progressiva e cuidadosa deverá ser ministrada nas escolas de preparação militar e nos corpos de tropa.

Duas são as condições indispensáveis para os bons resultados dessa instrução:

- 1) — que o instrutor conheça os extraordinários progressos introduzidos na arte fotográfica em suas aplicações na guerra, e de que é capaz o técnico, interpretando e convertendo detalhes aparentemente insignificantes de fotografias aéreas em importantes informações militares;

2) — que esteja absolutamente seguro e convencido da eficácia das medidas que ensina para neutralizar ou diminuir a ação da observação aérea. Esta condição é fundamental. O estudo apenas de livros e regulamentos sobre o assunto não dará aos instrutores a convicção necessária para transmitir aos seus instruendos tais conhecimentos, com entusiasmo e firmeza, de maneira a criar neles o hábito da "camouflage".

E' absolutamente necessário que aos seus conhecimentos teóricos alie o conhecimento prático, dado pela realização de vôos, com o objetivo de observar como são vistos de um avião os acidentes do terreno; a proteção que poderão assegurar, ou as sombras que êles projetam, quando inteligentemente aproveitadas, contra a observação aérea; as vantagens da imobilidade para se furtar a essa observação, os males que poderão causar uma lata, olofote de automóvel, cantil e demais objetos brilhantes, refletindo a luz do sol, etc.

A observação indireta, baseada na interpretação de fotografias aéreas, é a mais temível inimiga da "camouflage". Qualquer descuido na preparação e continuidade dos trabalhos de "camouflage" trará ao perito importantes informações das quais tirará o maior proveito.

Na comparação de fotografias tiradas de uma região suspeita em diferentes dias, os peritos fotográficos terão as informações que procuram nos vestígios deixados pelos movimentos de pessoas, animais e veículos, não apagados, ou nas mudanças de tonalidade de côn na "camouflage", apanhados pela fotografia.

Tenho tido ocasião de visitar, em vários campos de aviação do exército norte-americano, as respectivas seções fotográficas e constatado a assustadora eficiência da fotografia aérea e a rapidez não menos assustadora como é ela revelada e interpretada pelos peritos.

São de três espécies as fotografias aéreas:

Pancromáticas
Infra-vermelhas
Coloridas.

Os filmes pancromáticos são sensíveis a quasi todas as cores, sendo os objetos registrados em branco, cinza ou preto, conforme a quantidade de luz que refletem.

Os infra-vermelhos são filmes especiais, particularmente sensíveis aos raios infra-vermelhos. Nas fotografias tiradas com êsses filmes os objetos são também registrados em branco, cinza e preto, mas em relação à quantidade de luz infra-vermelha que refletem.

Há, entretanto, uma sensível diferença entre a tonalidade cinza dos objetos nas fotografias obtidas com filmes infra-vermelhos e pancromáticos.

Os dois filmes citados acima registram em branco os objetos que apresentam uma superfície regular, isto é, aqueles que refletem uniformemente a luz, como estradas, caminhos, campos de pouso, cursos d'água, etc., e em escuro os que refletem a luz desuniformemente, pela natureza irregular de suas superfícies, como as vegetações de toda sorte.

Os filmes coloridos são filmes especiais e os objetos aparecem nas fotografias com as suas cores mais ou menos naturais.

Os métodos empregados para fugir à ação dessa observação, como da direta, são de três naturezas e visam ocultar totalmente, mascarar ou disfarçar os objetivos.

No primeiro êles são completamente ocultos sob tétos ou cobertas; no segundo são quebrados a forma, o contorno e, consequentemente, a sombra dos objetos, tornando-se irreconhecíveis; no terceiro procura-se iludir a observação aérea com a criação de falsos objetivos ou falsas posições, ou fazendo êsses objetos parecer outros absolutamente distintos.

Por várias vezes tenho presenciado, nos Estados Unidos, grandes montes de feno e telhados de casas que se abrem au-

tomaticamente descobrindo gigantescos canhões de longo alcance; ou pistas nos campos de pouso, engenhosamente pintadas de maneira a darem a impressão de terreno natural, quando vistas de cima.

O material empregado na execução dos trabalhos de "camouflage" é de duas espécies: natural e artificial.

Ambos com as suas vantagens e desvantagens, sendo o emprego de um ou de outro e de suas combinações, determinado pela natureza do terreno e do material a camoufliar; disponibilidade do material de "camouflage"; do tempo disponível e do que deve durar a "camouflage".

Na utilização da "camouflage" natural, como, por exemplo, galhos verdes de árvores, deve-se ter todo cuidado para que os galhos sejam colocados na posição normal que têm no terreno, porque a simples inversão das folhas será notada na fotografia aérea pela maneira distinta de refletir a luz; como também para que sejam constantemente substituídos, porque com o tempo elas vão perdendo a cor natural e refletindo diferentemente a luz.

Por aí se pode julgar do cuidado extraordinário que deve ser dispensado aos trabalhos de continuidade da "camouflage" natural.

Qualquer entretanto, que seja o método empregado e o material utilizado, quatro são as condições para uma "camouflage" bem sucedida:

- 1) — Escolha apropriada da posição,
- 2) — Rigorosa disciplina de "camouflage",
- 3) — Disposição inteligente do material de "camouflage" e
- 4) — Escolha racional desse material.

Uma posição será considerada apropriada quando, além de satisfazer às condições de ordem tática, isto é, facilidade para o cumprimento da missão dada; fácil acesso; coberta e desenfiada, apresenta ainda a vantagem de um terreno de forma irregular e confusa, dificultando a observação aérea e interpretação das fotografias.

A disciplina tem por fim a obediência rigorosa às instruções de "camouflage" de forma a conservar o terreno sem modificações e assegurar a continuidade da "camouflage" pelo tempo necessário.

O material deve ser inteligentemente disposto, de maneira a quebrar a forma, o contorno, a sombra e a côr, que são os meios pelos quais são identificados os objetos.

Além disso, esse material deve ser racionalmente escondido, de forma a facilitar o mais possível o mascaramento da região e a continuidade dos trabalhos de "camouflage".

Em contradição com as condições acima, são causas de insucesso:

- a falta de continuada fiscalização por parte do chefe;
- a preguiça;
- o descuido;
- a rotina, isto é, a realização dos trabalhos sem um plano de execução inteligente, adequado e caprichoso.

Washington, setembro de 1944.

Banco do Estado de São Paulo S.A.

MATRIZ: São Paulo — Rua 15 de Novembro n.º 251 — Caixa Postal, 789 — End. telegráfico, BANESPA

AGÊNCIAS: Amparo — Araçatuba — Atibaia Avaré — Barretos — Batatais — Bauru — Botucatú — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — Franca — Ibitinga — Itapetininga — Jaboticabal — Jaú — Jundiaí — Limeira — Marília — Miracel — Novo Horizonte — Olímpia — Ourinhos — Palmital — Pirajuí — Piraísununga — Pres. Prudente — Quatá — Ribeirão Preto — Rio Preto — St.º Anastácio — S. Carlos — S. Joaquim — S. José do Rio Pardo — Santos — Tanabi — Tupan.

Depósitos — Empréstimos — Câmbio — Cobranças — Transferências — Títulos — As melhores Taxas — As melhores condições — Serviço rápido e eficiente.

SELEÇÃO DE PESSOAL PARA SERVIÇO EM ALEM-MAR NA FORÇA AÉREA DO EXÉRCITO

Pelo Tenente-Coronel MILTON E. GODFREY, Chefe da Divisão de Pessoal do Gabinete do Chefe do E. M. da Fôrça Aérea do Exército dos Estados Unidos.

Publicado pela "Military Review", órgão oficial da "Command and General Staff School", Fort Leavenworth, Kansas, U.S.A. (setembro de 1944).

Tradução e anotações do 1.º Tenente OTAVIO ALVES VELHO.

N. do T. — Em artigo publicado na "Revista Militar Brasileira" (1.º semestre de 1944), focalizamos alguns aspectos de uma renovação, que julgamos urgente e inadiável, das nossas disposições regulamentares sobre seleção, recrutamento e instrução dos quadros e da tropa, à luz dos modernos preceitos da Psicologia e da Pedagogia.

Não existem distrações possíveis em matéria de conhecimentos científicos quanto à sua origem e proveniência, sejam de classe ou de nacionalidade. É lógico, pois, que para não permanecer fora da época, rotineiro e incapaz de desenvolver toda a eficiência de que é susceptível, deva o nosso Exército colher e aproveitar as boas lições dos técnicos e estudiosos, sejam eles do nosso próprio meio civil, sejam das Fôrças Armadas de outros países.

Assim pensando é que nos propusemos a publicar, nestas páginas, a presente tradução, pois envolve um dos mais interessantes ângulos dos problemas complexos com que se viram a braços os nossos grandes e valentes aliados.

* * *

"As melhores homens são para o serviço em além-mar" é um estribilho corrente na Fôrça Aérea do Exército.

No verão de 1940 a Fôrça Aérea defrontou-se com um programa de expansão que conduziu, após constantes e progressivas revisões, ao aumento dos 50000 oficiais e praças daquela época para os mais de 2 milhões de homens que hoje a constituem. Este desenvolvimento, contudo, não significou apenas a adição de mais de 2 milhões de homens à Fôrça, mas também o seu adestramento especializado.

Para obter o número necessário de indivíduos selecionados capazes de rapidamente assimilar tal treinamento, certas concessões foram feitas à Fôrça Aérea :

- 1 — Permitiu-se a propaganda destinada a despertar a paixão pela aviação entre os jovens, a fim de facilitar o recrutamento de pilotos, navegadores e bombardeadores;
- 2 — Foi autorizado o imediato comissionamento, como oficiais, de certos civis que preenchessem os necessários requisitos;
- 3 — A Fôrça teve consentimento para recrutar, em larga escala, entre os oficiais da Reserva do Exército, aqueles que houvessem praticado em funções administrativas no Corpo de Conservação Civil (1);
- 4 — Foi permitido o recrutamento de diversos artífices no meio civil;
- 5 — Estabeleceu-se que 75 % dos recrutas destinados à Fôrça Aérea deveriam ter conseguido pelo menos 100 pontos no teste de classificação geral do Exército (2).

(1) — Organização destinada a diversos trabalhos de campo, criada antes da guerra atual, para solucionar o problema do desemprego.

(2) — Conjunto de testes, destinados à determinação do "quotiente de inteligência" e dos traços principais da personalidade individual, a que são submetidos todos os conscritos americanos, logo após ao exame médico.

Aos recrutas incluídos na Fôrça Aérea foi dado um período médio de instrução de 4 meses nas escolas Técnicas, de Pilotagem, de Formação de Oficiais, e em outras que foram organizadas. O pessoal graduado por essas escolas possuia os conhecimentos básicos exigidos para as respectivas funções, mas semanas e meses de treinamento em pleno serviço normal eram necessários at que pudessem executar suas tarefas com um mínimo de controle.

O objetivo principal dêste programa de intenso planejamento, seleção e instrução, com sua consequente tremenda despesa, era colocar na linha de frente da Fôrça Aérea os melhores técnicos e especialistas do mundo.

Para salvaguardar os fundos nacionais invertidos em favor de sua corporação, o Comando Geral da Fôrça desenvolveu um programa de modo a assegurar que os elementos ou unidades dessa Fôrça escolhidos para serviço em além-mar, representassem, em tôda sua plenitude, o excelente pessoal que a integrava.

Assim, elaborou-se um programa de inspeção das unidades antes de sua partida dos portos de embarque, por representantes do Inspetor da Aeronáutica. Rigorosa verificação dos elementos chegados aos Depósitos de Pessoal em além-mar foi também levada a termo por representantes do Gabinete do Inspetor da Aeronáutica.

Por ocasião da conferência dos chefes das 1.^as Secções de tôdas as Zonas Aéreas e Comandos continentais (3) que teve lugar na primeira quinzena de setembro de 1943, foi nomeada uma comissão para estudar o assunto, com o fito de dar-lhe a necessária publicidade em tôdas as unidades continentais da Fôrça Aérea. Recebeu ainda, essa comissão, a incumbência de elaborar novos processos para garantir uma perfeita seleção dos homens melhores e mais bem instruídos, destinando-os ao

(3) — A expressão "continentais" é empregada nos Estados Unidos para distinguir as fôrças do Interior das que se acham nos teatros de operações.

serviço em além-mar. Foram as seguintes as recomendações feitas por essa Comissão e imediatamente transformadas em ordens pelo Comando Geral da Fôrça :

- 1 — O Cmt. da Base Aérea é diretamente responsável pela seleção de todo pessoal escolhido para serviço em além-mar dentre as unidades estacionadas em sua Base;
- 2 — Nenhum homem será enviado para Depósitos de Pessoal em além-mar ou para portos de embarque, sem que figure na respectiva carteira de identidade, um atestado de que preenche os requisitos físicos regulamentares para serviço em além-mar. Esse atestado deve ser assinado por um oficial médico representando o Chefe da Formação Sanitária da Base;
- 3 — Nenhum homem, quer isoladamente quer integrando uma unidade, será enviado para Depósitos de Pessoal em além-mar ou para portos de embarque, sem que um certificado, colocado na respectiva carteira de identidade, ateste que ele se encontra exercendo funções correspondentes à sua categoria mental e habilitações. Esse certificado deve ser assinado por um oficial classificador (4);
- 4 — O Cmt. da Base ou Unidade, ao selecionar o pessoal para serviço em além-mar, só deve escolher os que tenham praticado em suas funções, pelo menos trinta dias;
- 5 — Por outro lado, os homens escolhidos devem ser os de maior experiência possível dentre o pessoal da unidade em que forem selecionados;
- 6 — Na seleção de conjuntos de homens deve-se dar grande importância à distribuição equitativa dos ní-

(4) — Oficial especializado do Serviço de Seleção e Recrutamento, e à cuja atuação os norte-americanos atribuem grande parte de seu êxito.

veis de inteligência determinados pelos testes mentais do Exército, de forma que tais conjuntos fiquem enquadrados nos grupos I, II, III, IV, e V (5), conforme o seu nível mental médio;

- 7 — Deve ser constantemente frizado, por todos os meios disponíveis, aos oficiais de todos os escalões em funções de comando, no território continental do país, que *o primeiro dever das Zonas Aéreas e Comandos é fornecer pessoal perfeitamente apto para o serviço nas frentes de combate* (6).

* * *

Como corolário dêste programa observou-se, nos meses imediatos, um notável melhoramento no padrão dos homens e unidades embarcados para os teatros da guerra. Entretanto, na *conferência semestral* dos chefes das 1.ªs Secções de tôdas as Zonas Aéreas e Comandos, levada a efeito na primeira quinzena de fevereiro de 1944, foi nomeada outr acomissão para estudar êsse assunto e apresentar novas sugestões para o aperfeiçoamento futuro do programa em curso.

Eis a seguir as suas conclusões, posteriormente adotadas:

- 1 — O Comando Geral da Fôrça Aérea, sempre que possível, enviará aos oficiais-comandantes encarregados da seleção de pessoal para serviço em além-mar, uma relação da ordem de substituições, de modo a permitir-lhes realizar estas, sempre que não se obter o número previsto de especialistas de determinada categoria;

(5) — Grupos de valor mental, constantes de regulamentos especiais do Serviço de Seleção e Recrutamento.

(6) — Os grifos são nossos.

- 2 — Adotar um programa justo e gradativo para o rebaixamento de praças que tenham atingido postos superiores aos previstos nos Quadros de Organização e Efetivos para as respectivas especialidades, de maneira a tornar viável sua ida para além-mar;
- 3 — Os Depósitos de Pessoal da Fôrça Aérea em além-mar devem recambiar imediatamente, para as unidades de origem, todos os homens que aí cheguem a se apresentar sem serem aptos, física ou profissionalmente, para o serviço em além-mar, comunicando a ocorrência, por menorizadamente, à autoridade superior. Esta comunicação também deverá ser feita no caso de se tratar de homens com notas disciplinares desabonadoras;
- 4 — A aceitação final de um oficial para o serviço em além-mar nos escalões, inferiores, só deve ser efetuada, pelas Zonas Aéreas cu Comandos, depois de cuidadosamente conferido o Registro de Qualificação do Oficial com os documentos referentes ao mesmo existentes no arquivo do respectivo Q. G.

* * *

Postas em prática as recomendações acima, juntamente com as que já haviam sido antes adotadas, passou-se a conseguir, na maioria dos casos, os homens mais aptos, sob todos os aspectos, para o serviço em além-mar.

Não obstante, em 1.º de junho de 1944, deu-se outro passo no sentido de incrementar a eficiência na seleção e distribuição do pessoal da Fôrça Aérea, tanto nos Estados Unidos

(7) — É uma ficha que contém o resumo da fé de ofício do oficial, assinalando todas e quaisquer habilitações ou deficiências.

como em além-mar. Consistiu na entrada em ação, naquela data, do "Comando de Distribuição do Pessoal da Fôrça Aérea", a cargo de um oficial-general, responsável perante o Comandante Geral da Fôrça. E justamente o Chefe da Divisão de Pessoal do Gabinete do Chefe do E. M. da Fôrça Aérea (8) é o oficial do Estado-Maior mais diretamente interessado no funcionamento do novo Comando. A missão dêste é supervisionar e acionar o sistema de recompletamento em além-mar da Fôrça, bem como os Depósitos de Pessoal subordinados, o Centro de Recompletamento de Oficiais, os Campos de Repouso e os Centros de Convalescência (9).

Sociedade Carbonifera Prospera S/A.

Mina sem Crescíuma — SANTA CATARINA

Fornecedores de:

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
 COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL — Volta Redonda.
 MINISTÉRIO DA MARINHA
 LOIDE BRASILEIRO — Patrimônio Nacional
 COMPANHIA COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO
 SOCIETÉ ANONYME DU GAZ COMPANY LIMITED
 SOCIEDADE PAULISTA DE NAVEGAÇÃO MATARAZZO
 LTDA.
 COMPANHIA VIDRARIA SANTA MARINA

C A R A C T E R I S T I C A S

Humidade	1, ½	a	2%
Matérias voláteis	28	a	30%
Carbono fixo	48	a	50%
Cinzas	20	a	22%

PODER CALORÍFICO: 6.200 a 6.500 calorias

CARVÃO GRAUDO BENEFICIADO

MOINHA LAVADA PARA GÁS

ESCRITÓRIO CENTRAL:

AVENIDA RIO BRANCO, 26-A — 2.º andar

RIO DE JANEIRO

Endereço telegráfico: "PRÓSPERA"

Telefones: 23-5060 e 43.2937

HENRIQUE LAGE, O GRANDE REALIZADOR

Ha datas que o Brasil não pode esquecer, por que elas evocam as grandes figuras que operaram, com a sua energia e o arrojo de suas iniciativas, a transfiguração do país.

14 de Março é um desses dias.

Passava o aniversário de Henrique Lage o formidável realizador cuja biografia ainda não foi escrita e cuja decisiva influência na evolução da nossa economia ainda não se estudou para que ela venha a servir de estímulo e a tornar-se exemplo.

Henrique Lage em toda a sua vida e nos desdobramentos de sua obra só tinha uma preocupação, uma crença e uma finalidade — o grande Brasil. O contato demorado com os países líderes do mundo, notadamente com a Inglaterra e os Estados Unidos a observação inteligente dos empreendimentos que deram potencialidade a essas nações o conhecimento dos valores brasileiros, forneceram-lhe elementos para traçar o grande programa que executou e foi sem dúvida o maior já fixado e conduzido pela iniciativa particular brasileira. Desde as demonstrações definitivas de construção naval aos ensaios felizes da produção aeronáutica da racionalização dos serviços ed cabotagem às tentativas siderúrgicas coroadas de êxito, tudo o que Henrique Lage estudou e mostrou é lição prática de patriotismo e afirmação corajosa de uma vontade disposta a desconhecer obstáculos.

Henrique Lage morreu em pleno vigor e quando o seu sonho atingia a integral materialização. Desapareceu quando o Brasil mais necessitava o seu conselho; o seu exemplo e o seu esforço. Mas muito ficou, como ensinamento e realidade fecunda. Deve-lhe gratidão a nossa terra e é preciso que a sua figura se popularise mais, para melhor se lhe compreender a amplidão do sonho.

TIRO INDIRETO DE METRALHADORAS

*Rui de Alencar Nogueira
Cap. da Inf.*

Iniciando-se a instrução técnica de Armamento e Tiro dos Aspirantes da Reserva Estagiários no 4.^o R. I., mais uma vez veio à baila um assunto que há muito nos deixava indeciso: — o emprego das metralhadoras no tiro indireto.

No entanto o momento não comportava uma maior dúvida e, por este motivo resolvemos meter mãos à obra e fazer o estudo que abaixo apresentamos aos camaradas da Arma.

Naturalmente nenhum princípio doutrinário poderá haver. Apenas damos opinião sincera sobre o assunto e mesmo estando cívada de erros tem a vantagem de suscitar discussão sobre o caso, o que só poderá trazer benefícios a todos os que pelejam na caserna e comandam sub-unidades de metralhadoras.

Abrindo a 2.^ª Parte das "Instruções Provisórias das Unidades de Metralhadoras" lemos a definição de tiro indireto: "... é um tiro destinado a bater um objetivo situado a grandes ou muito grandes distâncias que não é visto do local das peças".

Mais adiante encontramos: "Condições gerais de emprego — o tiro indireto torna possível estender o campo de ação da metralhadora mediante a utilização de processo especial de pontaria; permite aproveitar o grande alcance da arma. Exige meticulosa preparação (colocação da peça, organização das ligações, cálculos etc.) meios poderosos, munições e canos sobressalentes em grande quantidade.

A necessidade de satisfazer estas condições em tempo oportuno, todas estas condições dificulta o seu emprego.

O efeitos do tiro indireto não podem em geral, ser observados; os resultados são geralmente aleatórios e é preciso considerá-lo como um processo dispendioso e só se justifica o seu emprego quando for possível um grande consumo de munição.(1).

Pelo que podemos, vêr as próprias Instruções não consideram o tiro indireto das metralhadoras como sendo compensador de cujos

efeitos possamos tirar o máximo resultado — justamente o que mais desejamos dos tiros dessas armas.

E tão fraco é o resultado a esperar que a unidade de tiro indireto é a Cia. de Metralhadoras (n.º 280 — Cap. I — Título VI das I. Prov. para Un. de Mtrs.) o que importa dizer — emprêgo total de todos os elementos da sub-unidade — obrigando a um consumo de munição espantoso.

Ora, quem fala em consumo de munição pensa imediatamente em remuniciamento. E todos nós sabemos o que é, ainda, o problema do remuniciamento e o que isso significa para um país como o nosso.

Poucas são as vantagens do tiro indireto. São citadas, apenas as seguintes:

- permite bater tropas colocadas em contra vertentes.
- permite atirar por cima de tropas amigas.
- permite dissimular melhor as metralhadoras.
- dificulta a localização das peças pela Artilharia ou Infantaria inimigas.

Ninguém poderá em absoluto, contestar a desvantagem de empregar toda a Cia. de Mtrs. de uma só vez para realização desta espécie de tiro.

As próprias Instruções a que temos aludido fazem menção deste fato e, como medida conciliatória, provêm a possibilidade de tomarmos como unidade de tiro meia Companhia, deixando o restante do material para as missões de tiro mascarado.

Ademais, sabemos realizar, em ótimas condições, o tiro por cima de tropas amigas, sem necessidade de utilização do processo de pontaria indireta tudo dentro de uma perfeita segurança, segundo processos rápidos e fáceis de pormos em execução e em explêndidas condições.

As exigências para o tiro indireto são enormes. Senão vejamos:

- emprêgo entre 1.500 e 3.500 metros.
- proibição do tiro por cima de tropas amigas que se achem paradas ou em movimento, no eixo do tiro.
- proibição do tiro a menos de 100 milésimos do flanco de um elemento, respeitando-se ainda, a altura de segurança mínima.
- emprêgo somente contra objetivos importantes.
- em virtude da dispersão só deve ser empregado sobre zonas de limitada extensão.

Com relação às exigências acima citadas ocorre-nos uma pergunta: — Que devemos entender, no caso, por objetivos importantes?

A resposta variará com o parecer de cada chefe que poderá pedir tiros indiretos de metralhadoras sobre objetivos A ou B e venha a julgar importantes, embora até o não sejam.

São os seguintes, os inconvenientes que achamos para o emprego do tiro indireto:

- 1) — Grande consumo de munição.
- 2) — Desgaste do material, porquanto após serem disparados 8.000 tiros em *regime normal*, o cano não mais deve ser empregado.
- 3) — Preparação do tiro demorada comportando:
 - a) — reconhecimento do terreno.
 - b) — resolução do problema do estacionamento.
 - c) — resolução do problema da orientação.
 - d) — instalação das peças.
 - e) — determinação dos elementos de tiro.
 - f) — pontaria das peças.

Somente para o reconhecimento o Capitão necessita de pessoal e material, tais como:

- um sargento chefe da turma para realização do paralelismo com o duplo decâmetro.
- dois soldados para a equipe do paralelismo.
- um soldado para condução da prancheta.
- um duplo decâmetro e um jogo de estacas.
- 16 balisas e 16 estacas.
- uma prancheta com tripé.

4) — Utilização de tabelas, ábacos, tábuas, etc., coisa que só vem trazer complicação no campo de batalha uma vez que, na guerra, "somente o que é simples dá bom resultado".

5) — Observação imperfeita do tiro ou melhor dos efeitos do tiro.

6) — Necessidade de ter o Capitão cartas topográficas do terreno o que nem sempre é possível.

7) — Habituar o infante-metralhador a se manter em posições afastadas, com diminuição da capacidade e espírito ofensivos — uma das qualidades mantidas com mais denodo pela Infantaria em todos os tempos e que atualmente, revive nos campos de batalha da Europa.

8) — Necessidade de maior quantidade de aparelhos tais como: sito-goniometro luneta-alça, etc., afóra pranchetas balisas e outros pertences.

9) — Impossibilidade de aplicação para os casos de apoio a uma tropa que progride porquanto esta sempre só poderá estar no eixo de tiro de uma sub-unidade de metralhadoras.

O estacionamento está, por outro lado ligado aos clássicos problemas da Topografia: colocada a peça no terreno localisá-la na carta ou vice-versa.

Implica esta operação no emprego de cartas e resolução de problemas pelos métodos conhecidos do levantamento planimétrico de

um ponto, isto tudo naturalmente em situação pouco favorável, já sob o fogo da Artilharia inimiga.

A orientação ou o balisamento do eixo de tiro também vai comportar em primeira mão, um trabalho na carta com auxílio da aliadade níveladora e depois, a colocação das balisas no terreno seguindo-se o traçado feito naquela o que normalmente gasta um tempo não pequeno.

A instalação das peças embora seja uma operação consequente da que acima aludimos, exige certas medidas acauteladoras como balisamento da direção de tiro colocação e fixação das peças preparo do terreno ancoragem pontaria e verificação da pontaria.

Também estes trabalhos exigem cuidados especiais dos comandantes de Pelotão e Seção de Metralhadoras e consomem bastante tempo.

Para a determinação dos elementos da pontaria as "Instruções" dizem ser necessário efetuar duas séries de operações, quais sejam:

- determinação do ângulo de transporte ou de convergência que formam o eixo de tiro e o objetivo.
- determinação do ângulo de elevação.

Em ambos os casos e para os cálculos entram elementos constantes como por exemplo frente da Unidade, direção, distâncias e sítio do objetivo e elementos variáveis, decorrentes das condições atmosféricas (vento temperatura, pressão, etc.).

Não vamos entrar nestes detalhes porquanto não é nosso objetivo estudar a maneira de realizar o tiro indireto senão ao contrário, queremos demonstrar a sua quasi impraticabilidade na guerra moderna e a sua diminuta eficiência.

A pontaria das peças por seu turno, obriga-nos a realizar duas outras operações já não tão difíceis como as outras, porque são puramente materiais: — pontaria em direção e pontaria em altura — causa em que em ultima análise, se resumem todos os problemas de tiro.

A pontaria em direção exige do comandante do agrupamento o cálculo do ângulo de transporte e de cada comandante de Pelotão o do ângulo de transporte para cada peça.

A pontaria em altura está subordinada à utilização do nível ou da luneta alça.

Tudo isto ao que notamos logo requer muito cuidado e demanda o gasto de muito tempo.

Ao que temos notícia na presente guerra, até a própria Artilharia de acompanhamento da Infantaria faz o tiro direto, sempre que é possível.

As metralhadoras em situação ofensiva estão ligadas diretamente às Cias. de Fuzileiros, dando-lhes o apoio de fogo necessário à progressão do "escalão de ataque" e com ele se deslocando de posição de tiro em posição de tiro, por lanços e por escalões.

Nestas condições as metralhadoras têm hoje largo emprego no tiro direto e, quando muito utilizam o tiro mascarado porquanto acompanham de perto o "escalão de ataque" e com ele, sentem as emoções das arrancadas fulminantes.

O tiro indireto não tem, consequentemente, nenhuma aplicação, porquanto é destinado exclusivamente a bater objetivos situados a grandes e muito grandes distâncias quando não existem tropas amigas em movimento.

Nas ações defensivas a organização dos modernos "centros de resistência", contendo armas leves da Infantaria, metralhadoras, canhões anti-tanques, morteiros, lança-chamas canhões de campanha, não dão lugar ao emprego desse processo de pontaria para o tiro das metralhadoras.

De algum modo a mecanização e a motorização dos Exércitos limitaram as ações, subordinando-se às estradas cujos cruzamentos sempre se fazem nas vila e cidade. Daí a necessidade que tem a Infantaria de estar treinada suficientemente neste gênero de combate, ou seja no estabelecimento de centros de resistência que englobem vilas e cidades.

"O plano de fogos da posição defendida pelos centros de resistência é baseado em três princípios. Primeiro cada centro deve poder defender-se com todo o seu fogo em todas as direções. Em segundo lugar os fogos de dois, três ou quatro centros de resistência, devem cruzar-se nos espaços entre si, de modo que possam cobrir estes espaços e, especialmente quaisquer obstáculos contra tanques existentes entre eles, com uma forte potência de fogo. Em terceiro lugar cada um dos centros de resistência deve ser capaz de proteger um ou mais dos centros de resistência vizinhos com o seu fogo.

As metralhadoras leves são empregadas principalmente para a proteção dos centros de resistência onde são colocadas; a proteção dos centros vizinhos constitui, apenas uma missão secundária destas armas."

Podemos verificar, pela farta documentação publicada em revistas e jornais técnicos e pelo noticiário oriundo das diversas frentes de batalha que as metralhadoras estão progredindo, tanto quanto possível coladas ao escalão de ataque, assegurando-lhe apoio de fogo irrestrito e imediato.

Em situações defensivas, as metralhadoras vêm tendo largo emprego nas missões em contra vertente.

Achamos justo, portanto, que não nos preocupemos mais com o

estudo detalhado do tiro indireto de metralhadoras que aliás, digamos de passagem nunca vimos realizado praticamente.

Tudo isto decorre não da nossa incapacidade técnico profissional mas devido, tão somente às dificuldades com que sempre lutamos para o perfeito desenvolvimento dos programas de instrução, na parte relativa ao tiro principalmente graças à precariedade dos meios e com pouca quantidade de munição mínima e indispensável para que se façam os tiros previstos como limites a atingir, nos diversos períodos e estabelecidos no R.I.Q.T.

Entendemos que ao envez da perda de tempo gasto em instruções teóricas sobre este assunto, melhor será que aprendamos a perfeita execução teórica e praticamente do tiro por cima de tropa amiga ou por cima de um obstáculo e pelos intervalos.

Estes últimos assuntos sim devem ser conhecidos muito bem indo os conhecimentos da verificação das possibilidades do tiro, no terreno, com o material em posição de tiro, até aos cabos chefes de peça.

Neste sentido devemos orientar a nossa instrução e quando os elementos das sub-unidades de metralhadoras concios das suas responsabilidades em todas as fases do combate, souberem executar, com toda a segurança os tiros, das suas armas, teremos conseguido o limite máximo dos objetivos da nossa instrução.

Além dos tiros mascarado por cima de tropa amiga e por cima de obstáculo fácil será estabelecer outros exercícios de tiro contra avião ou contar objetivos terrestres em movimento.

O tiro contra avião executado sobre painéis e aviões de exercício previstos nas próprias Instruções dará bom resultado permitindo maior flexibilidade por parte do pessoal.

O tiro contra objetivos terrestres em movimento feito sobre painéis em deslocamento sobre rodas e representando engenhos blindados em movimento do mesmo modo se torna útil acostumando o pessoal a visar a seteira de observação dos mesmos de maneira mais rápida.

Ambos os exercícios, contudo, carecem do emprêgo da bala traçante, a qual poderá entrar como parte integrante da dotação de munição anual das sub-unidades de metralhadoras.

Ainda podemos realizar outros tiros com as Metralhadoras Madsen, todos bastante interessantes e úteis, como por exemplo, o tiro com a Luneta 22-A, quer de dia quer à noite e, mais simples ainda, o tiro com o periscópio.

Tudo isto é mais simples do que se pensa, mas é preciso ser feito.

Seria o caso de introduzirmos tais exercícios no nove R.T.A.P.

Eis, em linhas gerais, as razões pelas quais achamos que em benefício de outros exercícios de tiro, no momento muito úteis, simples e realizáveis, devemos por de lado o estudo do tiro indireto das metralhadoras.

Como vejo a organização da Divisão Blindada (1)

Pelo Major A. C. MONIZDE ARAGÃO

I — O aproveitamento e a adaptação dos progressos realizados pela indústria automobilística ampliaram sobremodo as possibilidades dos exércitos. Aumentaram sua mobilidade e potência.

O Alto-Comando passou, desde então, a contar com um instrumento de manobra suscetível de intervir fulminantemente na batalha, ofensiva ou defensiva.

Consequentemente, surgiu a necessidade de alargar consideravelmente o raio de sua segurança, estratégica e tática, bem como levar mais longe a exploração e o aproveitamento do bom êxito.

Dentro dessa ordem de idéias, a Cavalaria, para bem cumprir as suas clássicas missões, teve necessidade de "moto-mecanizar", parcial ou totalmente, as suas grandes unidades.

2 — A *Divisão Blindada*, grande unidade de Cavalaria, deve constituir, nas mãos do Alto-Comando, uma força eminentemente móvel e de grande raio de ação, em condições de atuar em benefício dos exércitos:

- exercendo a Exploração e a Segurança;
- cooperando no Aproveitamento do Bom Êxito;
- executando a Perseguição;
- eventualmente, intervindo na batalha.

(1) — Nota da Redação — Sobre este palpitante assunto o Exército já firmou doutrina.

Assim posto, equipada para a busca longínqua das informações, capaz de garantir a sua própria segurança e a das grandes unidades à frente das quais trabalha, deve poder :

- *na defensiva*, interdizer a progressão do adversário em uma frente extensa;
- *na defensiva*, produzir intervenções rápidas e brutais contra o inimigo surpreendido ou em movimento;
- *particularmente*, realizar, em proveito das grandes unidades motorizadas, missões análogas às desempenhadas pela divisão de cavalaria em prol das grandes unidades de infantaria.

3 — Assim, a *Divisão Blindada* deve possuir :

a — Um *Quartel General* e um *Estado Maior*, fortemente dotados em pessoal, que permitam ao Comando intervir, eficiente e rapidamente, em benefício de sua manobra e enquadrar reforços.

b — *Tropa*, comportando elementos que :

- 1.^o) — graças à sua invulnerabilidade relativa, sejam susceptíveis de levar o fogo às posições adversas e, mesmo, de penetrá-las mediante ações ofensivas violentas e inopinadas;
- 2.^o) — deslocando-se rapidamente nas estradas, ricamente dotados de armas automáticas e contra-carro, munidas de morteiros, sejam capazes de :
 - *ocupar o terreno*, estabelecendo com rapidez cortinas de fogo;
 - *apoiar com os seus fôgos* o ataque dos meios blindados e *guarnecer* os objetivos por estes conquistados;
 - *eventualmente, atacar* apoiados pela artilharia e engenhos mecanizados;

- 3.º) — com seus fógos poderosos, possam anular ou, pelo menos, neutralizar as dificuldades devidas à configuração do terreno, os perigos de correntes da atuação da artilharia contrária e os danos oriundos da ação das armas contra-carro;
- 4.º) — bastante móveis e potentes, sejam capazes de assegurar a *liberdade de ação do comandante da divisão*;
- 5.º) — possuam características, que permitam a busca das informações afastadas, indispensáveis à conduta da manobra da grande unidade;
- 6.º) — possibilitem o exercício do comando e assegurem a coordenação dos esforços.

c — *Serviços*, velozes e de grande ráio de ação. Eficientes para satisfazer as exigências táticas e estratégicas da divisão. Em situação de fazer face à constante evolução dos acontecimentos, mediante larga previsão, grande elasticidade e acentuado espírito de iniciativa.

4 — *Em síntese*, todos os elementos, que compõem a Divisão, devem ser motorizados ou mecanizados. De fato, *ela compreende* (ver quadro anexo):

- um Quartel General e um Estado Maior;
- Tropas;
- Serviços.

As armas que a constituem são :

a — *A Cavalaria*, abrangendo :

- 1 Brigada de Cavalaria Mecanizada, com dois Regimentos;

- 1 Brigada de Cavalaria Motorizada, com dois Regimentos;
 - 1 Grupo de Reconhecimento;
 - 1 Esquadrão de Engenhos Contra-Avião;
 - 1 Esquadrão de Auto-canhões de Cavalaria.
- b — *A Artilharia*, constituída por um Regimento com dois grupos de 105 c. e um grupo 105 l., todos auto-suficientes.
- c — *A Engenharia*, composta de um Batalhão com uma Cia. de Pontoneiros, outra de Sapadores Mineiros e de uma Equipagem de Ponte.
- d — *As Transmissões*, a cargo de um Batalhão de Transmissões com duas Cias..
- e — *A Aeronáutica*, representada por um comando, com elementos adidos, de C. Ex. e uma Esquadrilha de Observação, que passam à disposição da Divisão, assim que esta recebe missão.

5 — Cumpre ressaltar que a *potência da Divisão Motorizada reside na Brigada Blindada*, elemento dinâmico por excelência.

Graças à sua relativa invulnerabilidade, as formações motorizadas são susceptíveis de esmagar pelo fogo o adversário e, mesmo, de penetrar no interior de seu dispositivo defensivo. *Atuam*, em princípio, ofensivamente.

Entretanto, o modelado do terreno, os perigos originados pelos fogos da artilharia e das armas contra-carro inimigas, como também as dificuldades de observação, comando e ligações, impõem-lhes a necessidade da cooperação dos outros meios componentes da Divisão.

6 — A execução de determinadas missões exige, muitas vezes, a constituição de *destacamentos mixtos* (descoberta e segurança) ou de *agrupamentos táticos* com elementos, que go-

zam de propriedades diversas, retirados das unidades divisoriais.

O General Comandante, ao organizá-los, respeitará os laços orgânicos. Assim que a situação permitir, reconstituirá as unidades de origem.

QUADRO DA ORGANIZAÇÃO GLOBAL DA DIVISÃO BLINDADA

I — QUARTEL GENERAL

1) Comandante	{ 1.ª Secção 2.ª Secção 3.ª Secção 4.ª Secção
2) Estado Maior	
3) Comando de Armas	
4) Chefias de Serviços	
5) Serviços do Q. G.	{ Artilharia Engenharia Transmissões Motomecanização Material bélico Intendência Engenharia Fundos Postal Polícia Justiça Militar Transporte auto Escolta Secção de Observações Secção de Estafetas Gerais

II — TROPA :

1)	BDA. Mec.	1 R. C. Mec.	Q. G.	Cmdo. e E. M. Secção de Transmissões Escolta	Comando e E. M.	
					Esq. extra	Pel. Comando Sec. Saúde Sec. Sapadores Sec. Manutenção T. C. e T. E. Carros de reserva
2)	BDA. Motor	1 R. C. Motor	1 Btl. Mec.	Cmdo. e E. M. Secção de Transmissões Escolta	Grupo Comando 1 Esq. Carros médios 3 Esqs. carros leves	
					1 Btl. Mec.	Idêntico ao de cima
2)	BDA. Motor	1 R. C. Motor	Q. G.	Cmdo. e E. M. Secção de Transmissões Escolta	Idêntico ao de cima	
					1 R. C. Motor	Pel. Comando Sec. Saúde Sec. Sapadores Sec. Manutenção
2)	BDA. Motor	1 R. C. Motor	1 Btl. Motor	Cmdo. e E. M. Secção de Transmissões Escolta	Br. de comando 1 esq. de reconhe- cimento 3 Esq. de Fuzileiros 1 Esq. Mtrs. E...	
					2 Btl. Motor	— Idênticos ao anterior
					1 Esq. de Engs. C. A.	
					1 Esq. de Auto-canhões C.	
			1 R. C. Motor	—	Idêntico ao anterior	

	Comando e E. M.	
	Esq. Extra	Pel. Comando Sec. de Saúde Sec. Sapadores Sec. Manutenção T. C. e T. E.
Grupo de reconhecimento	2 Esqs. Rec. — a 4 Pels. Rec. cada um. 1 Esq. de Carros Leves 1 Esq. Motor fuz. 1 Esq. Motor. mtrs. engs.	
Esq. Eng. C.A.	Comando Pel. Extra 4 Pels. engs. C. A. (de 4 peças cada um).	
Esq. Auto Ca- nhões C.	Comando Pel. Extra 4 Pels. Auto canhões (de 4 peças cada um).	
Q. G.		Comando e E. M. Tropa do Q. G.
A. D.	R. A. Auto. propulsado	Comando e E. M. Bia. { Sec. Cmdo. Extra { T. C. 2 Grupos 105 C. 1 Grupo 105 L.
Engenharia	Comando e E. M.	
	B. Engenharia	Comando e E. M. Cia. Extra 1 Cia. Sap. Mineiros 1 Cia. Pontoneiros
Transmissões	Comando e E. M.	
	Btl. Trns.	Comando e E. M. Cia. Extra 2 Cias. de Trans.
Aeronáutica	Comando e E. M.	
	Elementos adidos	1 Sec. de Aviões de Q.G. 2 Secs. Aviões estafetas 1 Sec. foto aérea 1 Sec. rádio-elétrica
	1 esquadrilha de Observação.	

III — SERVIÇOS :

1) Motomecanização	} Chefe } 1.ª Cia. Manutenção } 1. Sec. Auto-combatente
2) Material Bélico	} Chefe: Cmt. da A. D. } 2 Secs. de Munições de } Artilharia } 1 Sec. de Munições de Inf.
3) Intendência	} Chefe } Intendencia Divisionária } Grupo de Exploração
4) Engenharia	} Chefe: Cmt. da E. D. } 1 Cia. de Eq. Pnt.
5) Saúde	} Chefe } Ambulância especial } 2 Secs. Auto-sanitárias
6) Fundos	} Chefe } Pagadoria
7) Postal	} Chefe } Agência Postal
8) Polícia	} Chefe } 1 Destacamento policial
9) Justiça	Conselho de Guerra
10) Transporte automóvel	} Chefe: Chefe da 4.ª Sec. do E. M. } Secção Transporte } Secção de carne verde } Secção de viveres de reserva } Dest. do Q. G. } Secção de Manutenção

EXCERTOS

General DAUDIGNAC. — As Realidades do Combate; fraquezas, heroismos, pânicos.

Tradução. — Cel. R. B. NUNES, da Reserva de 1.^a classe.

NOTA DO TRADUTOR.

Os grãos de areia formam dunas, e as gotas d'água oceanos. Há muitas outras grandes cousas que se fazem de pequenos nadas. A leitura refletida dos bons livros é um fator poderoso na formação das mentalidades. De tudo quanto se lê, vão se sedimentando em nosso espírito idéias ou noções que, diante de circunstâncias particulares, e por elas despertadas, nos acodem à lembrança, como acontece com um perfume ou uma melodia, que tantas vezes acordam um mundo de reminiscências que julgávamos sepultadas para sempre no esquecimento.

E fato psicológico vulgar sentir-se alguém reprimido por uma reação salutar quando, diante de uma situação difícil, se lembra de que outros triunfaram de iguais ou piores contingências, as quais já não se lhe apresentam, aos olhos como um fato inédito, inesperado, desconcertante, modalidade da surpresa moral, que tanto é preciso evitar em situações de guerra, por ser a mais perigosa de todas, a que pode tolher a faculdade de raciocinar justamente no momento em que os minutos podem salvar ou perder, e quando se faz mister preaver-se contra as manifestações do próprio instinto de conservação e das que prejudicam a segurança da alma coletiva das tropas.

Se a experiência pessoal ainda falta, como sucede em regra aos jovens condutores de homens, o melhor recurso não será o exercitamento do espírito, isto é, a leitura meditada da-

quilo que a experiência autorizada de outros registrou com fidelidade? Por esta razão, procuramos explorar o fecundo tesouro de ensinamentos esparsos nas páginas de bons livros, e fazer colheita que julgamos proveitosa para os jovens camaradas que ainda não hajam tido tempo ou oportunidade de hauri-los integralmente nas fontes originais.

Com este intuito, e visando, particularmente as questões de ordem psicológica, base do moral das tropas, iniciamos no número de outubro desta Revista, um resumo do admirável livro "Estudos sobre o Combate", do coronel Ardent du Picq, grande pensador militar, oficial "sans peur et sans reproche", que viveu e morreu como autêntico herói, honra de uma raça.

Uma observação, entretanto, se faz mister.

Este estudo, como os que se seguirão, têm de longa data, por vezes até, bastante recuada no tempo; mas não importa que as armas e os processos de combate sejam antiquados; tudo isto é moldura, apenas, do quadro cujo motivo principal é pôr em relevo as manifestações de fraqueza e de heroísmo da alma humana. As observações e experiências que nêles se contêm, nada perdem de sua significação e oportunidade porque, "no evolvimento dos meios e processos de combate, só uma cousa não mudou: o coração do homem".

O medo, sentimento visceralmente humano, mas dominável, que o espectro da morte lhe infunde, tem que ser combatido por todos os meios, a fim de que não se transforme em terror pânico, puramente animal e, portanto, cousa de instinto, que foge à razão, que é brutal e indomável.

O fato fundamental é o psicológico; o tempo não é fator nesse domínio, pois que a morte é sempre a morte, quer venha numa bala humanitária (?) encamisada de mailechor, ou num abala de chumbo; num caco de bala esférica de canhão, ou num estilhaço de granada aerodinâmica, primorosamente torneada e polida.

Esta nota devia ter sido preliminar, mas não foi. Entretanto, não vem fora de tempo. E' que, a princípio, não tencionávamos dar a estes excertos maior continuidade, mas pareceu-

nos depois que seria proveitoso, notadamente para os "novos", ler e meditar as palavras autorizadas dos veteranos, pois este é sempre um meio de evitar o sofrimento angustioso e a pressão a quem, num momento difícil, se julga com razões para excluir: "esta só a mim acontece!"

Não, meus jovens camaradas, não é vergonhoso sentir medo; o que é desonroso é não saber dominá-lo e readquirir o domínio de si mesmo, no momento em que todos os homens que devem ser conduzidos ao perigo têm os olhos voltados para o chefe.

Lembrai-vos sempre do grande Turenne, ao dizer de si para consigo: "Treme, carcassa!... tremerias muito mais ainda, se soubesses aonde te vou levar daqui a pouco!" E levou mesmo. E destruiu o inimigo.

Ademais, a instrução da tropa será tanto mais objetiva quanto melhor o instrutor conhecer as fraquezas do homem ante as realidades do combate, que lhe cumpre evitar ou prevenir. Devem ser conduzidos ao perigo têm os olhos voltados para o

* * *

I

PSICOLOGIA DO COMBATE. FRAQUEZAS E HEROISMOS

A 15 de agosto de 1870 o exército francês, partindo de Metz, retraía-se para Verdun; desfilava pela estrada que margia o Mosela pela esquerda, ao sair de Metz.

Um atravancamento incrível, resultante da acumulação de tropas e comboios numa estrada só, causava paradas contínuas, e a divisão Tixier (2.^a do 3.^o corpo) aproveitando uma dessas paradas, preparava o café à beira da estrada, perto de Longueville-les-Metz.

Súbitamente, surgem cavaleiros inimigos nas alturas que coroam a outra margem do Mosela e, momentos após, estouram tiros de canhão cujos projéteis vão cair no meio da divisão.

A infantaria precipita-se para os sarilhos, a artilharia desloca rapidamente algumas peças para fora da estrada, mas quando ia responder ao fogo do inimigo, já êste havia desaparecido.

Era um reconhecimento de cavalaria prussiana acompanhado por duas bôcas de fogo que, percebendo a reunião francesa, não resistira ao prazer de perturbar-lhe a tranquilidade.

Infelizmente, os dois únicos tiros de canhão tinham acertado em cheio; oito ou nove soldados foram atingidos, e um dos pelouros caíndo num grupo de oficiais que palestravam na estrada, lançara cinco por terra.

O tiro de canhão do reconhecimento prussiano ferira mortalmente, entre outros, o Coronel Ardant du Picq, que comandava o 10.^º regimento de infantaria.

O coronel é imediatamente transportado para o lado oposto da estrada, no meio de seus soldados, e trata-se de procurar um médico, pois os do regimento estavam ocupados com outros feridos. Enquanto esperava, o coronel Ardant du Picq mandou chamar o tenente-coronel Doleac, entregou-lhe sua sacola que continha papéis importantes referentes ao regimento, e lhe ofereceu seu binóculo. Depois, sem dar o menor gemido, apesar do ferimento horrível que lhe devia causar dores atrozes, acrescentou: "Meu profundo desgôsto é ser ferido assim, sem ter podido conduzir meu regimento ao inimigo".

Querem dar-lhe um pouco de aguardente, que êle recusa, para aceitar a agua que um soldado lhe oferece.

Chega, enfim, o médico. O coronel, mostrando-lhe a perna direita, rasgada em dois lugares, faz-lhe com a mão um gesto de serrar acima da coxa, e diz: "Doutor, é preciso cortar esta perna aqui."

Nesse momento, um soldado ferido no ombro, e colocado junto ao coronel, gemia alto. Esquecendo seus próprios sofrimentos, o coronel disse logo ao médico: "Doutor, veja primeiro o que tem êste bravo homem; quanto a mim, tenho tempo."

A amputação não podendo fazer-se em plena estrada, como queria o coronel, por falta de instrumentos, transportaram para o hospital de Metz êsse chefe tão deplorado.

Quatro dias depois, o coronel Ardant du Picq morria como um herói antigo, sem proferir o menor queixume, longe de seu regimento, longe dos seus, pronunciando de vez em quando estas palavras que resumiam suas afeições: "Minha mulher, meus filhos, meu regimento, adeus!" — Extrato do histórico do 10.^o regimento — Nota do Trad.).

Este foi o nome que escolhi para simbolo, ao iniciar esta conferêncie sobre a Psicologia do Combate, porque é o do escritor militar que escreveu as cousas mais profundas sobre o combate.

Recomendo-vos a leitura e meditação dos estudos por êle feitos a respeito do combate antigo e do moderno, se vos anima a curiosidade de conhecer bem os móveis íntimos do coração humano e o desejo de descobrir os segredos da vitória.

Oficial instruído e chefe enérgico, o coronel Ardant du Picq era também um observador que fixava a atenção sobre o moral do soldado no combate e que se comprazia em meditar a respeito.

As páginas que escreveu sobre o combate são de extraordinária pujança, e constituem até hoje a obra mais importante que versa o aspecto moral de uma ação de guerra.

* * *

Outros escritores militares, entretanto, têm estudado o soldado no combate, assinalando algumas de suas fraquezas; mas apenas levantaram uma ponta do véu. Limitaram-se a um traço ou uma frase; tais são, por exemplo, Maurício de Saxe e o príncipe de Ligne.

Ardant du Picq, aprofundou-se muito mais; analizou as energias, os temores, os sentimentos, os desejos e os instintos que animam o combatente; fez obra profunda, que desvenda a verdade inteira e que, da ressurreição do passado, faz despon-

tar a visão do futuro. Antes dêle, sómente um escritor estudara a mesma questão. Foi o general Trochu que, em seu livro *"O Exército francês em 1867"*, dedicou um capítulo magistral ao estudo do moral no combate.

Cumpre citar ainda, como um dos que se ocuparam da psicologia do combate, o general Dragomirow que, no tocante à educação moral do soldado, é um mestre que se ouve sempre com proveito; enfim, para referir o último, cronologicamente, deve mencionar-se também o general Negríer, no *"Moral das Tropas."*

Tais são as fontes principais a que recorrerei para dizer-vos algumas verdades relativas ao estado d'alma do combatente e às *realidades do combate*, com o intuito de tirar delas algumas conclusões úteis, no que respeita às disposições que prever, e aos meios que empregar a fim de atenuar as consequências deploráveis das fraquezas humanas.

* * *

Insuficiência das narrativas históricas. — Se limitardes os estudos militares às narrações históricas, como as de Thiers e Jomini, formareis uma idéia muito incompleta do que seja um combate. . .

Conheceríeis os planos de campanha, os movimentos das divisões, às vezes, os de alguns batalhões, mas muito raramente os das companhias; vereis os ataques vitoriosos, porém nada das derrotas parciais e de suas causas; apreciareis alguns traços de heroismos, nunca, porém, as fraquezas que sempre existiram.

Parece, entretanto, que seria útil conhecer o que pensam os principais atores, chefes e soldados, a ação que exercem sobre os outros, as lutas que travam consigo mesmos; tudo isto desaparece nos grossos volumes e, de um ato em que se arriscaram milhares de vidas humanas, percebereis apenas as grandes linhas e os contornos; é como uma moeda muito gasta da qual desapareceu a efígie.

E' mister, portanto, não se limitar à leitura dos grandes historiadores, se se quizer compreender o combate.

Para o que respeita à história da Revolução e do Império, podeis explorar as Memórias das testemunhas oculares. No que toca à história militar contemporânea, lêde principalmente as monografias e as lembranças escritas, pelos oficiais.

A escola histórica militar, depois de 1870, não desdenha o estudo dos sentimentos dos combatentes e, expondo o conjunto das operações, desce às vezes até aos atos das pequenas unidades; utiliza os relatórios oficiais tanto quanto as narrativas das testemunhas oculares.

As narrações da guerra de 1870, como as que fez o coronel Rousset, o major Lehaucourt e a Seção Histórica do Estado Maior do Exército, são suficientes para a compreensão das peripécias das ações militares, suas causas e efeitos.

Se quizerdes, porém, conhecer os pensamentos que podem agitar uma alma humana submetida às comoções de um combate, lêde as *"Lembranças de Sebastopol"* escritas por Tolstoi, e também seu grande romance histórico *"A Guerra e a Paz."*

As páginas do filósofo russo que foi, em sua mocidade oficial de artilharia, e, como tal, tomou parte na defesa de Sebastopol, essas páginas, disse, com as de Ardent du Picq, são o que existe de mais empolgante sobre os pensamentos íntimos dos combatentes e da psicologia, que é causa dos triunfos e dos revéses.

O general Dragomirov afirma que as páginas militares de Tolstoi constituem o apêndice mais útil que se possa juntar a um curso de arte militar.

É um apêndice semelhante que desejo fazer, falando-vos da Psicologia do combate.

* * *

EXAME DAS PRINCIPAIS FASES DO COMBATE

Examinemos com os diferentes escritores militares já citados e segundo as recordações dos oficiais que, se não escreveram, pelo menos viram, as realidades do combate.

Antes do engajamento. — Em primeiro lugar, os momentos que precedem o engajamento; sobre esta fase, deixemos falar o general Troehu :

“O combate, na realidade, é um drama empolgante. Agita profundamente a alma humana e a submete, ainda quando esteja preparada por aspirações generosas, pela educação, pelo hábito, a provas repetidas, variáveis, imprevistas.

“As que assaltam os oficiais incumbidos do comando nos diferentes postos e com responsabilidades proporcionais, diferem das que atingem a multidão dos combatentes, mas cada qual tem sua parte, e a mais pesada, naturalmente, cabe ao comandante-chefe.

“Diante dessas provas os homens são muito desiguais entre si, e acontece, por vezes, serem muito desiguais em relação a êles próprios, isto é, em relação ao que foram noutros combates.

“E’ que o ânimo, o ímpeto, a bravura e até a inteligência, têm seus dias bons e maus.

“Preocupações de família ou de negócios, o estado moral, o estado de saude, o excesso de frio ou de calor; a fadiga, a sede, influem sobre a disposição com que cada qual se atira à luta.

“Sabe-se que nas guerras do Império se distinguia entre o valor de certos chefes quando o Imperador se achava presente ou ausente, e que a confiança dos soldados, nas mesmas circunstâncias, se exaltava ou se enfraquecia.”

Os momentos que precedem o engajamento são particularmente pungentes; todos estão decididos a cumprir o dever, não há dúvida, mas sentem que a vida está em perigo; e a carne estremece.

Nesses momentos, aqueles que receberam educação cristã, e até, creio eu, os que não o confessam, sentem que estão nas mãos de Deus e a êle se recomendam; os outros, segundo seu culto, invocam Maomé, Buda ou os maus fados; mas acredito que todos, cristãos ou ateus, pedem a proteção de um poder

supremo, porque nos momentos de perigo iminente o homem sente sua pequenêz.

Alguns, sem dúvida, os estreiantes, os que ainda não entraram em fogo, como eu mesmo em 1870, têm também este pensamento íntimo: "Praza a Deus que eu não tenha mês!"

Os mais bravos, de maior reputação, não escapam a estas comoções; lembrai-vos da frase de Turenne: "Tu tremes, carcassa, porém tremerias muito mais se soubesses aonde te vou levar daqui a pouco."

Também Skobeleff, general russo, para citar um dentre os mais bravos, não estava isento de perturbações. Eis o que conta, a seu respeito, o notável pintor russo Vereshtchagin, que fôra autorizado a acompanhar as operações militares de 1877, na Bulgária:

"Admirava em Skobeleff, sua naturêza verdadeiramente extraordinária, sempre impassível, até nos momentos de maior perigo.

"Um dia, quando lhe exprimia minha admiração, disse-me:

"— E' telice pensar que sou bravo e que nada receio; confesso que sou poltrão. Tôdas as vezes que marcho para um engajamento, digo a mim mesmo que será o último para mim."

"Senti-me satisfeito por saber que Skobeleff, êle próprio, não olhava a morte com absoluta indiferença, mas que havia aprendido a ocultar suas impressões; agora, estou convencido de que, em fogo, nenhum homem fica perfeitamente calmo." (Extraído das "Recordações" de Vassili — Vereshtchagum, morto em 1904, em Porto Artur, quando se achava com o almirante Makkaroff no encouraçado posto a pique por um torpedo, na baía.

Retornemos, porém, ao início do combate e vejamos o que diz o general Trochu:

"... Esta agitação dos espíritos, cuidadosamente contida por cada qual, permanece latente durante o curso dos movimentos que precedem o combate e, quando a tropa chega à zona em que os primeiros obuses sibilam, atirados de longe e

ainda mal regulados lhe advertem que o perigo se aproxima, suas impressões se manifestam por um *silêncio profundo*.

“É o momento, para os chefes que comandam franceses, de atuar sobre o espírito das tropas, às quais é preciso mostrar uma fisionomia serena e dizer palavras inflamadas com voz vibrante. Era nesses momenos que Napoleão percorria as linhas prestes a se engajarem, encontrando palavras que eletrizavam os soldados.”

Marcha para a frente. — Começa, enfim, o movimento ao encontro do inimigo; abandonam-se as depressões do terreno, ou os abrigos que mascaram a tropa às vistas terrestres do adversário, e marcha-se nas direções indicadas.

Vamos verificar a diferença existente entre a ordem dada e os resultados alcançados, e, ao mesmo tempo mostrar como a execução dessa ordem foi influenciada pela comoção dos combatentes.

• • •

A 11.^a BRIGADA PRUSSIANA DIANTE DE FLAVIGNY.

em 16 de agosto de 1870. (Ver fig. 1).

Tomemos, como exemplo, o episódio da batalha de 16 de agosto de 1870: a partida da 6.^a divisão prussiana para o ataque, pela manhã, das aldeias de Vionville e de Flavigny, ocupadas pelos franceses.

Vejamos, em primeiro lugar, as ordens dadas; a execução virá depois.

A 6.^a divisão, vindo de Gorze, chegou às elevações de Tronville: está reunida em brigadas justapostas numa baixa, a 500 metros desta aldeia.

O comandante da divisão deu a seguinte ordem: as duas brigadas vão avançar; a 12.^a brigada marchará contra Vionville, a 11.^a brigada para a elevação ao sul desta aldeia e, depois, contra Flavigny.

Inicia-se o movimento; sigamos a 11.^a brigada: os dois regimentos marcham em coluna, o 35.^º na testa, seguido pelo

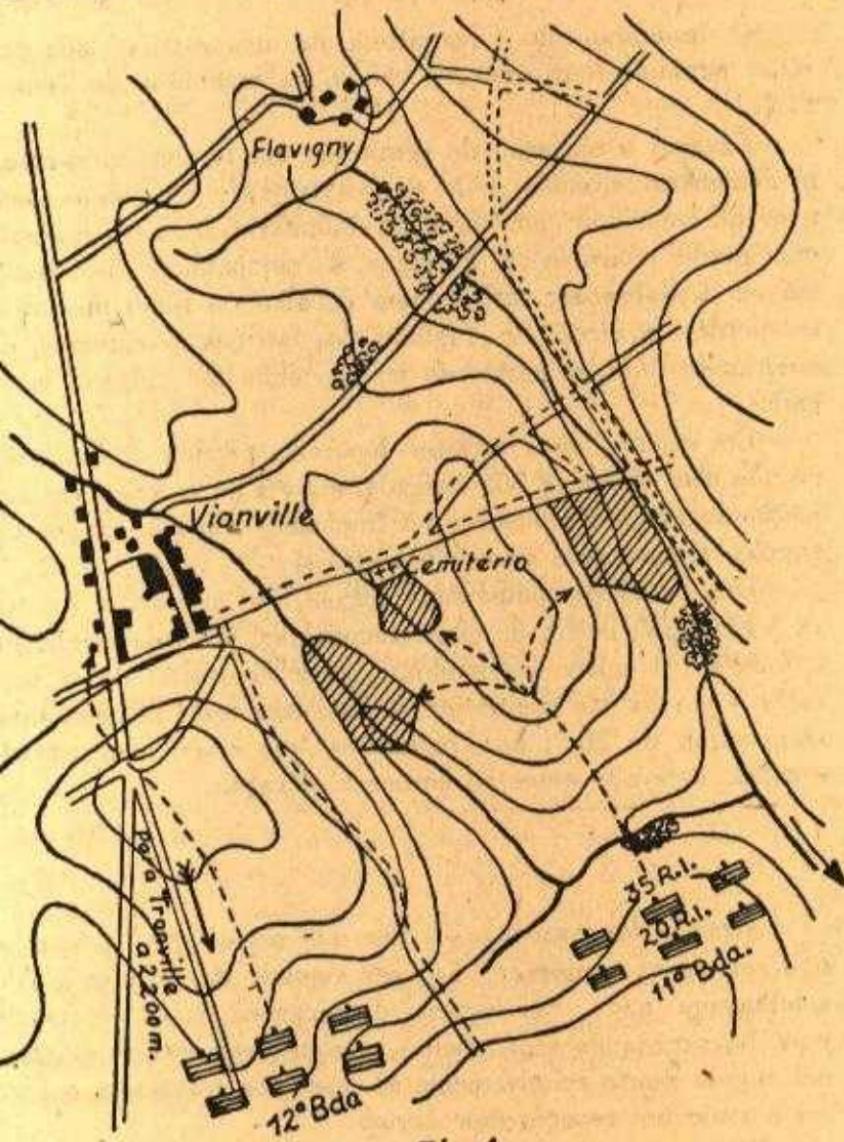


Fig. 1

A 11º Bda. Prussiana diante de Flavigny.

20.^o; em cada regimento os três batalhões estão em linha, e cada batalhão em coluna dupla e aberta.

O desdobramento é magnífico, de uma regularidade perfeita; acreditar-se-ia estar no campo de manobras de Tempehof.

Chegam à elevação do cemitério, em terreno inteiramente descoberto, e então, tudo se desconchava; recebidos com tiros de canhão e com fogos da infantaria francesa estabelecida desde Vionville até Flavigny, as companhias prussianas tentam desdobrar-se; turbilhonam debaixo do fogo, misturam-se, perdem a direção e, fugindo dos espaços descobertos, esgueiram-se para as partes do terreno onde se julgam abrigadas.

Em resumo, vinte minutos depois da partida de Tronville em tão bela ordem, a 35.^a brigada, em vez de se achar em formação regular de combate, está fracionada em três grupos desiguais, francamente separados entre si.

Um, de cinco companhias, encontra-se na ravina fronteira a Flavigny; outro, de duas companhias, atrás do cemitério; o terceiro, de cinco companhias, numa depressão do terreno entre Vionville e o cemitério; há, até, com estas últimas, duas companhias do 20.^º; este regimento, que estava em segundo escalão, deteve-se antes de coroar a elevação.

* * *

Atração das cobertas. — Por quê nesses três pontos, e não em outros quaisquer? Foi por vontade dos chefes? Absolutamente, não. Os homens dirigiram-se espontaneamente para lá, arrastando seus oficiais, porque êsses pontos estavam em ângulo morto relativamente ao fogo dos franceses; o fogo fez o vazio nos espaços descobertos.

Diante do perigo intenso, debaixo de uma chuva de balas, o homem cede ao instinto de conservação; não avança mais, deita-se por terra aonde encontra uma depressão de terreno, atrás de abrigos, em toda a parte onde se julga coberto; não reflete, cede ao instinto; mete-se tanto atrás de uma sébe que as balas atravessam, como num buraco, onde procura cobri-

se; os chefes são impotentes para tirá-los de lá; faz-se mister o concurso de outras frações ou de outras armas, a chegada de reforços.

E, com efeito, não será a 11.^a brigada que tomará, por si só, o povoado de Flavigny; não irá até lá sem o concurso da 12.^a brigada; esta, ocupou facilmente Vionville, mal defendida, e desembocando dessa aldeia sobre Flavigny, foi dar coragem aos infantes emboscados do 35.^º os quais, sentindo-se pouco a pouco reanimados à vista dos camaradas que avançavam e com o estrondo dos tiros da numerosa artilharia prussiana que coroou a crista mais ao sul, e cujas peças êles vêem atirar sobre os franceses; sómente então, os homens do 35.^º retiram a coragem e se lançam contra Flavigny que os franceses haviam evacuado parcialmente.

A partida do ponto de reunião perto de Tronville se efetuara por volta das 10 e 1/2 horas, e sómente depois do meio-dia os prussianos entraram em Flavigny; fôra necessário mais de hora e meia para progredir três quilômetros.

* * *

A atracão dos abrigos, a tentação das cobertas, é um fato iniludível, de que é preciso cogitar no combate; pode causar sérios perigos porque arrasta os homens, como se viu, a se acumularem nos pequenos capões, (como em Loigny), nos terrenos cultivados (como em Froeschviller), simples cobertas que não protegem a tropa contra as balas do adversário, mas ao contrário, facilitam mais a tarefa do inimigo, assinalando-lhe, de maneira evidente, para aonde deve dirigir os tiros e concentrar os fogos.

* * *

Em torno de Saint-Hubert, (18 de agosto de 1870) —
Ainda esta procura de abrigos e cobertas, resultante do sentimento instintivo de conservação, levou, pouco a pouco, *quarenta e três* companhias alemãs, pertencentes a sete regimentos diferentes, durante a batalha de Saint-Privat, a se amontoarem atrás da granja de Saint-Hubert, cujas casas proporcio-

navam um ângulo morto contra o fogo dos franceses instalados na crista do planalto de Point-du-jour.

O espaço abrigado era restrito, e os que aí se refugiaram eram muitos: por volta das 7 horas da tarde havia 5 a 6 mil homens; comprehende-se bem a expressão do escritor militar Hoenig, quando chamou a êste amontoado de *angú de infanaria*.

Os 5 mil homens escondidos atrás da granja poderiam, de um só lance, conquistar a crista francesa que não estava a mais de 600 metros dêles; mas não querem lançar-se em terreno descoberto, não ousam mais avançar nem recuar: estão desmoralizados.

Haviam atravessado, não sem custo, o terreno descoberto e batido pelos fogos, que separa a granja da ravina do Mance; não querem fazer mais nada.

Pois bem! o que aconteceu, nesse dia, a tropas de um exército vitorioso, sucederá a muitos outros. Em circunstâncias semelhantes, a tropa que divisar uma cobertura em suas proximidades, se lançará instintivamente nela; os oficiais nada conseguirão; tentarão opor-se, a princípio, mas a massa os arrastará, e cederão, por sua vez, à atração do abrigo.

* * *

Sair da posição de espera para o fogo, e lançar-se para a frente.

Retornemos à tropa que avança ao encontro do inimigo: ganhou-se terreno, atingiu-se uma dobra atrás da qual se parou: abre-se o fogo e o inimigo responde; sente-se que é preciso avançar mais, a despeito das balas que chovem.

Então, um comandante de pelotão, indica outro ressalto do terreno, que é mistério alcançar d eum lance; designa-o precisamente a seus homens; depois, lança-se ele próprio para a frente.

Acredita-se impossível, por vezes, se o fogo é denso, e mesmo que não seja, que seus homens não o sigam? nem todos, pelo menos?

Pois bem! isto pode acontecer, como tem acontecido a outros, até entre os vencedores!

Ouvi isto: é a narrativa de um oficial prussiano, publicada em 1887, na Alemanha, sob o título: *Sonho de uma noite de verão*.

"Um jovem oficial comanda um pelotão, em pôsto avançado, diante de uma fortaleza francesa. Ouve, à sua frente, viva fuzilaria e decide avançar com seus homens até à orla do bosque no qual se encontra. Esperaver de lá, o que se passa.

"Os homens se instalaram num fôssos, na saída do bosque; têm à sua frente, uma linha de atiradores que fazia nutrido fogo. Estes atiradores estão muito longe para que sejam atingidos pelos tiros dos fuzis de agulha.

"O inimigo ainda não havia percebido êsses homens; o oficial proibiu que sua tropa atirasse e ordenou-lhe que avançasse até cerca de 600 metros do adversário.

"Coloca-se à frente de seu meio-pelotão e comanda: passo de ginástica! e corre à tôda velocidade para o lugar de onde se deve abrir o fogo.

"Qual não é sua angústia quando, ao chegar lá verifica que sómente três homens o acompanharam.

"A vergonha e a raiva apoderaram-se dêle, mas não teve outro remédio senão voltar para tentar trazer o meio-pelotão."

Eis outro fato semelhante: passou-se a 16 de outubro de 1870, durante o ataque que a brigada Wedel desfechou contra a direita francesa na ravina de Cuve.

E' uma testemunha de vista que conta o episódio; cita nomes e números, e foi até ferido nêsses recontro: o tenente Hoenig.

"... O ataque partira e aproximava-se da crista sul da ravina; encontrava-me a trinta metros à retaguarda e à direita da 12.^a e 9.^a companhias do 16.^º regimento, perto do tenente-coronel Roëll. Nesse momento, chegou da esquerda o sargento-mór Thiel que comandava uma seção da 2.^a companhia do 57.^º, e disse ao coronel o seguinte: — "Tenho a honra de participar a V. S. que minha seção não quer mais seguir-me. Os homens

deitaram-se por terra; lancei-me várias vezes para a frente sem resultado nenhum.”

“Ah! patifes! bradou o coronel Roell; vá com este comandante de seção, disse-me êle.

“Lá cheguei e, graças aos esforços do bravo sargento, alguns sub-oficiais e soldados se levantaram.

* * *

Fuga das fileiras — Julgais, talvez, que isto acontece com a ordem dispersa e que na velha coluna de ataque de outrora, no tempo da ordem unida forçada, os desfalecimentos não eram possíveis?

E' um êrro. Eis o que diz o coronel Ardant du Picq:

“... Numa coluna batida pelo fogo, o número de homens que cãem voluntariamente em marcha, porque deram um tropeção qualquer, espécie de deserção de momento, é enorme. A metade dos homens cai no caminho e, às vezes, mais da metade.

“Em Wagram, a famosa coluna de ataque do centro austriaco, tinha 22 mil homens lançados para a frente; 3 mil, talvez mil e quinhentos, apenas, atingiram a posição; chegaram, numa palavra; mas, certamente, a posição não foi conquistada por êles, e sim pelo efeito moral e material da grande bateria de 100 canhões.

“Os 19 mil restantes estavam fora de combate? Não! um terço, quando muito, podia ter sido ferido. Os 12 mil que faltavam, que lhes teria sucedido? Estavam caídos pelo caminho, fingiam-se mortos ou feridos para não irem até ao fim.

“Na massa, tão confusa, de batalhões desdobrados, em que a vigilância é impossível, onde os quadros não se podem deter para verificar um suposto ferimento, nada mais fácil que esta espécie de fuga pela inércia, e nada também mais comum.”

Notai que se trata de soldados de Napoleão e que, depois de tudo isto, a posição foi conquistada, a despeito da enorme fuga das fileiras.

“... A mesma cousa acontece em toda a tropa que avança debaixo de fogo, qualquer que seja a formação; e o número de homens que cãem assim voluntariamente é tanto maior

quanto menos firme fôr a disciplina, a vigilância dos chefes e dos camaradas mais difícil, e quando os soldados menos penetrados se acharem do espírito militar."

E' bom saber, únicamente, que esta fuga cujo quadro acabamos de ver, não é absolutamente peculiar aos soldados de uma nação determinada; isto acontece em todos os exércitos.

Eis um testemunho colhido nas recordações do oficial prussiano do *Sonho de uma noite de verão*:

"... Chegamos tarde ao campo de batalha; a ação continuava com violência. Atravessamos um lugar onde o combate fôra prolongado.

Que visão! Já estava, desde muito, habituado a ver mortos e feridos, mas nunca via espetáculo comparável ao que tinha diante dos olhos.

"O campo estava coalhado de soldados que haviam deserto as fileiras, não participando do combate.

"Poder-se-ia formar batalhões com êles! de um lance d'olhos, viam-se centenas.

"Uns, estavam caídos por terra, com o fuzil voltado para a frente, como uma linha de atiradores que aguardasse o retorno do inimigo. Era evidente que tinham permanecido deitados enquanto seus camaradas mais bravos se lançavam para a frente; outros, estavam entocados nos sulcos do terreno, como lebres.

Outros se tinham reunido nos lugares abrigados, detrás de um arbusto ou num buraco, cômodamente instalados. Mostravam-se todos indiferentes; parecia-lhes bastante que pertencessemos a outro corpo de exército para que nos olhassem sem vergonha.

"Ouvi até bradarem: "Eis ainda quem se quer deixar matar!"

"Vimos também seis homens acocorados atrás de uma arvore que não era suficientemente grossa para proteger um deles, sequer; o sexto, era um sub-oficial.

"Nas proximidades imediatas da arvore havia uma dobra do terreno na qual êstes seis homens teriam encontrado um bom abrigo."

Nova concepção do recrutamento

Seleção, distribuição e convocação

Tte. Cel. OLYMPIO MOURÃO FILHO

1) Seleção

1 — Como vimos, o sistema de recrutamento repousa inteiramente sobre o alistamento operação básica e de estatística.

Si o mesmo tiver uma infra-estrutura legal conveniente, conforme expôsto, obterá o máximo de eficiência nos seus resultados.

A seleção destes variará de acordo com a idade adotada para o serviço Militar, conforme será expôsto abaixo.

2 — Entretanto, seja qual a idade escolhida, as Fichas de alistamento conterão um certo número de dados indispensáveis para caracterizar os indivíduos e orientar sua seleção. Estes dados são:

- 2 — Data completa do nascimento;
- 1 — Nome completo;
- 3 — Nomes completos dos pais;
- 4 — Município e distrito do alistamento;
- 5 — Idem de residência com endereço;
- 6 — Altura aproximada (quando possível);
- 7 — Peso aproximado (quando possível);
- 8 — Cór;
- 9 — Estado civil;
- 10 — Sabe ler ? Escreve ? Assina o nome ?
- 11 — Linha para assinatura do nome, caso seja afirmativa a última pergunta;
- 12 — Profissão. Oficial ? Aprendiz ?
- 13 — Situação econômica (miserável, pobre, remediado, abastado).

3 — 1º. caso — A idade militar é de 18 anos.

Neste caso a seleção visa exclusivamente separar os Disponíveis para a Reserva, à priori, (habitantes das zonas preferenciais de disponibilidade) e os que apesar de habitarem zonas preferenciais para o serviço venham a exceder das necessidades do mesmo, bem como uns outros, os que deverão frequentar os Centros de Instrução.

Adiante será descrito com minúcias o sistema seletivo.

2º. caso — A idade militar continua a ser a atual, isto é, 21 anos. Neste caso os homens já têm profissão definitiva em geral, isto é, já estão encarreirados. Será introduzido mais um importante critério seletivo.

Com efeito, não interessa em nada às Forças Armadas, prepararem para as suas fileiras homens que, pela sua profissão, em caso de guerra, não devem jamais ser afastados de suas atividades. Caberá ao Estado, por um dos seus órgãos (Conselho de Segurança Nacional, ou Estado Maior do Exército etc.) definir *á priori* quais os setores da economia nacional de onde não deverão ser afastados seus trabalhadores. Os principais são:

- indústrias dos transportes em geral incluindo uma percentagem dos transportes urbanos de certas grandes cidades;
- indústria siderúrgicas;
- indústrias extractivas matérias primas;
- indústrias de máquinas matrizes e certas oficinas mecânicas;
- indústrias de tecidos etc. etc.

Não basta, porém, definir os setores, é necessário, no âmbito de cada qual, nomeiar as funções cujos serventuários deverão permanecer como Reservistas da Indústria, abrangendo exclusivamente as técnicas, impossíveis de substituição imediata por mulheres ou outros indivíduos incapazes para as fileiras.

No ato do alistamento, o indivíduo enquadrado em indústria e função de Reserva Industrial, além dos documentos próprios, apresentará um Certificado de Profissão, passado pelo Diretor ou Empregador, revestido de todos os característicos que impeçam as falsificações.

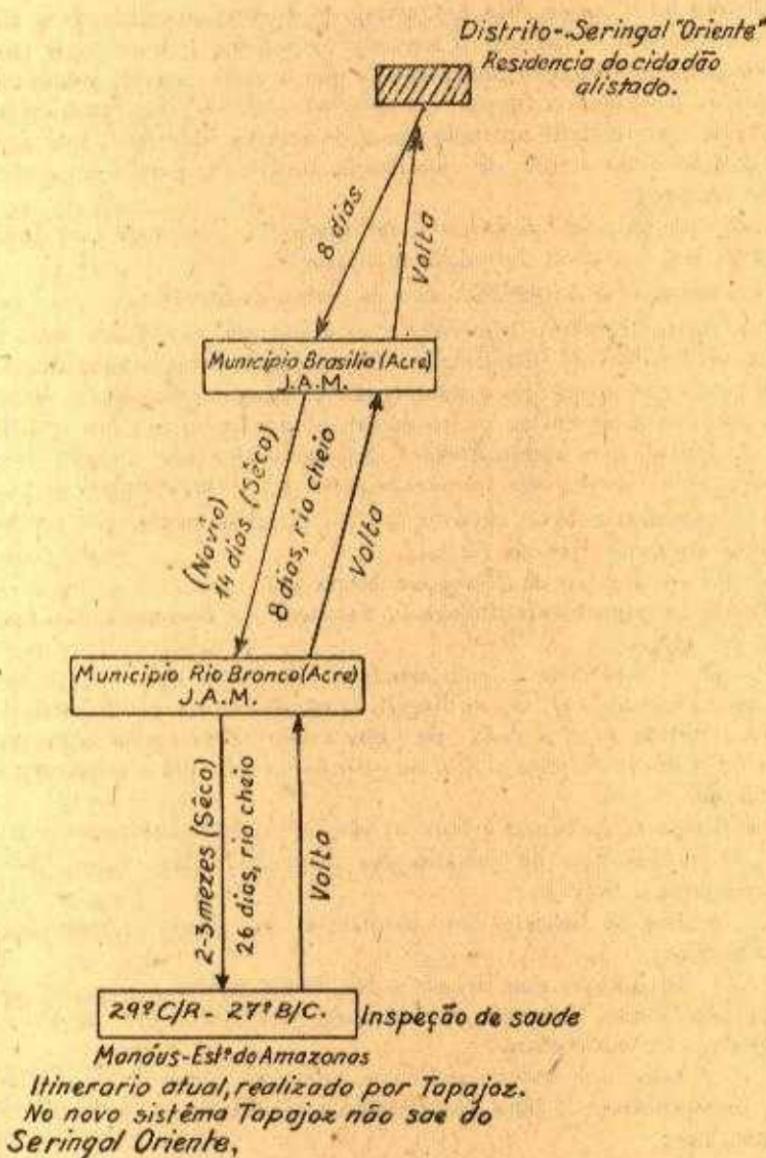
E' claro, outrossim, que as empresas ficarão obrigadas a comunicar às repartições competentes as alterações referentes à admissão de novos reservistas de indústria (provindos de outras empresas) e as demissões ou abandonos de empregos.

Nenhum reservista de indústria poderá mudar de profissão ou de empresa, sem comunicar à autoridade militar competente.

Si passar de uma profissão na qual era considerado Reservista industrial para outra não classificada nesta categoria, desde que esteja ainda em idade militar (18 aos 40 anos) ficará obrigado a:

- 1º. — Si menor de 30 anos — à prestação do serviço;
- 2º. — Si entre 30 e 40 — à instrução militar em Centro de Instrução ou

3º. — em qualquer caso, desde que resida em zona preferencial de disponibilidade ou onde não há Centro de Instrução do 2º. grau — disponibilidade para a Reserva.



Por difícil que pareça o controle, há necessidade absoluta em se proceder desta forma, pois, obrigar indistintamente homens maiores de 21 anos ao serviço ou à instrução sabendo que muitos não poderão ser mobilisáveis, é pouco econômico, se não pouco lógico.

Quanto ao 1º. caso, isto é, tratando-se do serviço militar aos 18 anos, é necessário estabelecer o seguinte mecanismo indispensável aos problemas da mobilização total: depois que o reservista for admitido num ofício, emprêgo ou função, *comotitulado, oficial* de permanência presumida, em atividade arrolada como de reserva industrial, terá sua ficha deslocada do destino de mobilização de fileira, para o de mobilização industrial.

Esta manipulação do fichário, indispensável, por mais complexa que possa ser, é a alma de toda a mobilização.

Outro tanto terá de ser feito com as fichas dos mortos.

Não basta formar o reservista e arrolá-lo. É necessário manter em dia os fichários de mobilização. São indispensáveis alguns dispositivos legais que assegurem a manutenção da triagem, devendo-se levar as exigências até mesmo ao ponto de ser exigida a entrega dos certificados de quitação às administrações dos Cemitérios que ficarão responsáveis pela remessa dos mesmos às repartições competentes.

4 — Conforme ficou expôsto, no áto do alistamento, são preenchidas as seguintes vias da Ficha:

- 1º. via — arquivo da Delegacia Municipal;
- 2º. via — arquivo da Delegacia Estadual — destinada aos trabalhos de Seleção;
- 3º. via — destinada à transformação em Ficha Adressograf Seletiva que, oficiará no Q. G. da Região (caso de convocação Regional) ou será remetida para a Zona de Convocação (convocação feita em grupos de regiões) ou para o Rio, no caso de ser adotada a convocação centralizada.

Na Delegacia Estadoal, é feita a seleção, cujas linhas gerais são:

- 1º. — organização do fichário dos disponíveis das regiões preferenciais para o Serviço;

- 2º. — idem do fichário dos habitantes das Zonas preferenciais para o Serviço;

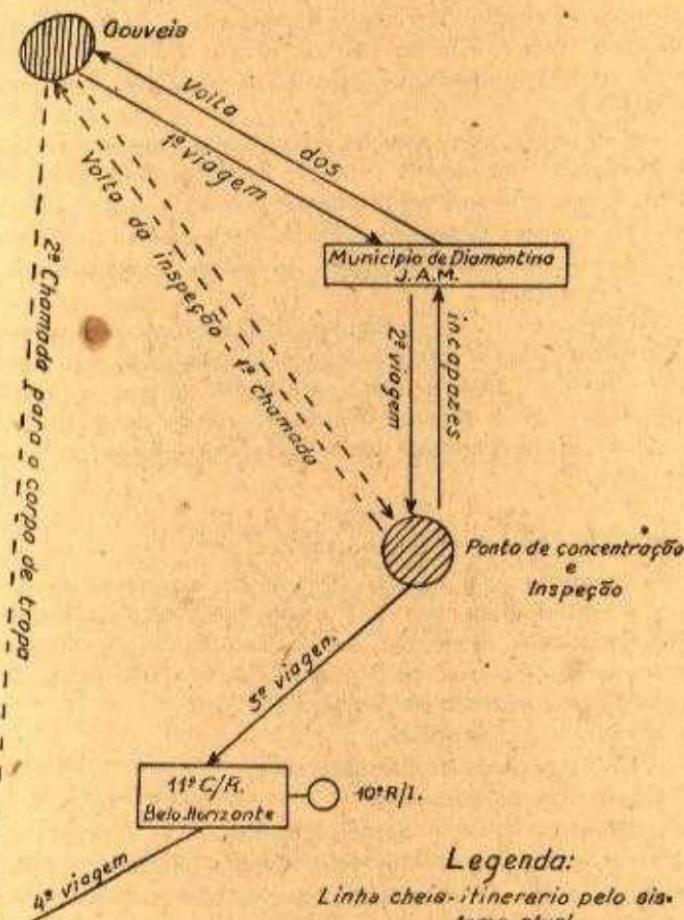
- 3º. — distribuição dos fichados das Zonas preferenciais para o serviço, até o limite da lotação dos corpos e estabelecimentos do Exército, Armada e Aeronáutica.

5 — A seleção *à priori* das Fichas, operação demorada, mas não menos indispensável, é feita nas Delegacias Estadoais e comporta os seguintes átos:

1º. — Organização do Fichário das Zonas de disponibilidade *à priori*, fichário este dividido em duas secções:

- a) — Secção dos disponíveis habitantes de localidades onde possam receber instrução militar de 2º. grau;
- b) — Secção dos disponíveis que não receberão instrução militar.

Distrito - Residência do cidadão alistado



Legenda:

Linha cheia: itinerário pelo sistema atual

Linha interrompida: itinerário pelo sistema da nova concepção.

2. — Organização do Fichário dos Reservistas Industriais cuja única instrução deverá ser a de 2º. grau;

3. — Idem do fichário de atistados para a convocação para os Corpos de Tropa e Estabelecimentos das Forças Armadas, compor tando:

- 1º — Secção — Exército
- 2º — Secção — Armada.
- 3º — Secção — Aeronáutica.

6 — Quanto à seleção final, para convocação para o Serviço Instrução Militar nos Corpos de Tropa e Estabelecimentos de cada Força Armada (Exército, Marinha e Aeronáutica), depende do critério a ser adotado (convocação ou não de toda a classe, *á priori*, com seleção por sorteio ou mediante gabarito de condições físico-psíquicas preestabelecidas).

Vamos examinar com atenção os vários processos que aparentemente poderão ser adotados. A *condição essencial de possibilidades* de um sistema é que o mesmo seja aplicável sempre nos dois casos:

- a) — classe menor ou igual às necessidades do Serviço;
- b) — classe mais numerosa do que as necessidades de incorporação.

E' claro que, no 1º. caso, qualquer sistema torna-se possível, visto como a escolha refere-se exclusivamente às condições físico-psíquicas dos convocados cujo número nunca será maior do que as necessidades de incorporação. Mas, quando se passa ao estudo do 2º. caso, o problema é de tal modo complexo que se duvida de possível solução diferente da do sorteio.

Iº. PROCESSO — Sorteio prévio.

O mecanismo atual é simples. Depois de organizadas as listas ou Fichário dos alistados, em cada C. R., após o cômputo das necessidades ou encargos atribuídos às mesmas, faz-se a escolha dos *cidadãos a serem convocados* para o Serviço, pelo processo do sorteio. Depois deste que os homens são submetidos à inspeção.

Os claros são provenientes:

- a) — dos casos de incapacidade;
- b) — dos insubmissos.

Para cobri-los, fazem-se novas chamadas.

A distribuição dos sorteados pelos Corpos de Tropa é feita antes da inspeção de saúde, visto tratar-se de operações demoradas, em face de várias circunstâncias a serem atendidas, e impossível de improvisação à ultima hora. Deste modo, os reservistas de 3º. categoria não são inspecionados e o Exército nada sabe a respeito de suas condições físicas.

A inspeção é feita depois do sorteio, do contrário o cidadão teria de se deslocar duas vezes de sua residência:

- a 1º., para ser inspecionado, depois de alistado;
- a 2º., depois de sorteado para inspeção e incorporação.

Chamamos a atenção para este ponto que vai ser discutido mais adiante.

O sistema de sorteio vem sofrendo muitas críticas: algumas justas, outras mal aplicadas. As falhas do recrutamento são devidas muito

mais à inficiência do alistamento e à *faculdade de poder o individuo se fazer reservista de 2. categoria*, antes da chamada da sua classe, do que propriamente ao sorteio.

Uma das acusações que mais pesam referem-se à fidelidade de seus resultados.

Ora, o sorteio poderá perfeitamente ser executado com uma única loteria, na Diretoria do Recrutamento, no Rio, e, por isso mais economicamente e perfeitamente garantido quanto à lisura, desde que seja orientado como se segue:

a) — o indivíduo ao se alistar, recebe um *número* que figurará no seu Certificado de Alistamento, na Ficha da Delegacia, na 2. via da C. R.. Depois de sorteado aquele número, sua troca torna-se impossível porque seria necessário fazê-lo em 3 documentos situados em lugares diferentes. No ato da apresentação, é conferido o número do seu certificado de alistamento e arquivado o documento.

b) — Mecanismo do sorteio

1º. — Suponhamos que sejam em número de 250 as Juntas de Alistamento atuais.

O indivíduo ao se alistar recebe um Certificado numerado: sua Ficha tem o mesmo número, bem como à 2. via que vai ter à C. R. Nomes e números são publicados antes do sorteio.

2º. — O Sorteio para todo o Brasil será realizado na Diretoria de Recrutamento.

3º. — Serão colocados na Urna tantas esferas numeradas quantas necessárias para alcançar o mais alto número do alistamento.

Suponhamos que, nas 250 Juntas, foram alistados 250.000 homens, sendo 3.000 o número mais alto verificado em 50 Juntas e 500 o número mais alto comum a todas as Juntas.

4º. — Cada número extraído da Urna convoca todos os iguais aos das Juntas.

Suponhamos que a 1.ª esfera dê o número de 3.000, como o número de Juntas que alistaram até 3.000, são 50 somente, teremos apenas 50 indivíduos convocados; se sair o número 500, serão convocados 250 indivíduos.

Cada número abaixo de 500 e sorteado, convoca 250 indivíduos, como é claro.

Cálculo teórico do número de operações para convocar 100.000 homens, com os dados acima:

$10.000 - 250 = 400$, isto é, se todos os números sorteados forem abaixo de 500, com 400 operações (ou seja com 400 esferas numeradas) serão sorteados 100.000 indivíduos.

Como não há probabilidades matemáticas de acontecer tal cousa, pode-se tomar este número como *mínimo* de operações e o *máximo*, provavelmente nunca excederá de $400 \times 2 = 800$.

7 — Somente depois de sorteado será o indivíduo submetido à inspeção de saúde e aí reside, no atual sistema, um grande, sinão o maior dos inconvenientes, porque:

- a) obriga a uma 2^a cnamada para cobrir os claros provenientes das incapacidades físicas;
- b) — o restante da classe não fica sujeita a qualquer inspeção e o Exército nada fica sabendo, a tal respeito, dos chamados reservistas de 3^a categoria.
- c) — a seleção dependerá do sorteio, *a priori*.

Vajamos que *passos* percorrerá, em sua triste *via-sacra*, o sorteado convocado JOSE' DA SILVA, do distrito de Gouveia, Município de Diamantina, Estado de Minas Gerais, na autal situação.

E' necessário estudar o caso (que não é dos peiores) afim de não se taxar de loucura ou de fantasia inexequível a modificação que mais adiante será apresentada.

JOSE' SILVA, cidadão paupérrimo, miserável mesmo, tem notícia pelo cabo comandante do destacamento policial da Gouveia (Silva é analfabeto e não pôde ler o "Minas Gerais") que o seu nome figura na lista dos sorteados, pregada na porta da Casa da Câmara ou Palácio da Municipalidade conforme pomposamente hoje é denominada.

No dia seguinte cêdo, despede-se dos seus e segue à pé para Diamantina, chegando lá ao cair da noite.

Procura abrigo no Velho Mercado Municipal, hoje reliquia formidável e rara do Patrimônio Histórico, e lá passa à noite, tendo comido farinha que os tropeiros lhe deram por caridade. No dia seguinte, si não fôr domingo ou feriado, si tiver a sorte de encontrar o Presidente da Junta consegue logo uma passagem de 2.^a classe para Corinto, Ponto de Concentração. Como porém, não há trens diários para Corinto, é provável que JOSE' SILVA passe à farinha mais um dia e durma na reliquia histórica mais uma noite. De qualquer modo, embarcará em Diamantina às 11 horas da manhã de 3^a feira e chegará em Corinto às 19 horas, sempre à farinha, si a conseguiu dos tropeiros em quantidade suficiente. hegado a Corinto, as cousas melhoram para élle, porqu eo E. M. da 4.^a R. M. organizou o Ponto com todas as minúcias que lhe permitiram as aperturas orçamentárias e lá élle encontra poussada para dormir e já pôde receber a magra diária que lhe promoverá da farinha para o pão com banana.

No dia seguinte pela manhã, é examinado pela Junta Médica e declarado apto. Embaraça com uma turma de outros companheiros, chefiada por um dêles, para Belo Horizonte, no mesmo dia (si teve

sorte) às 21 horas e chega à Capital Mineira às 6 horas da manhã do dia seguinte.

Descrever as dificuldades que semelhante turma de indivíduos vai ter para conseguir alcançar a C. R. que fica distante da estação, é perder muito tempo. A regra seria, no próprio Posto de Concentração, tomar o convocado conhecimento do Corpo de destino e viajar direto até o mesmo. Frequentemente, porém, em face de várias dificuldades quanto às atribuições para requisição (comumente surgem dúvidas no caso) — os convocados vão até às C. R. antes de seguirem aos seus destinos. Si JOSE' DA SILVA é homem de sorte e vai ser encorporado no 10º R. I., terminou sua odisséia; caso contrário, ainda vai ficar encostado no 10º R. I. (com grande desespero da administração) até embarcar para Ouro Preto afim de ser encorporado ao 10º B. C.

Deste modo JOSE' SILVA faz as seguintes viagens:

- 1º. — à pé de Gouveia a Diamantina;
- 2º. — de trem, de Diamantina a Corinto;
- 3º. — de trem, de Corinto a Belo Horizonte;
- 4º. — de trem, de Belo Horizonte a Ouro Preto si for mandado encorporar no 10º B. C.

No mínimo 3 viagens. Estas viagens são inevitáveis quando:

- a 1º. — o indivíduo reside em distritos, fóra da sede da Junta
- a 2º. — quando o ponto de concentração não coincide com o Município da residência do convocado (o que se verifica para a maioria)
- a 3º. — quando no Ponto de concentração o indivíduo não recebe passagem direta para o Corpo — (caso comum, devido a várias dificuldades concernentes a requisições etc.).

O exemplo apresentado é um caso ótimo. Vejamos, um caso destes nos estados do Amazonas e Pará.

Tomemos o infeliz JOSE' TAPAJOZ, residente no seringal Oriente, distrito de Fólia Larga, Município de Brasilia, Território do Acre. Notemos, antes de mais nada, os seguintes pontos:

- a 3º. — não há delegados militares de Juntas naquela região; os prefeitos desempenham o papel;
- b) — a convocação coincide com o período das secas dos rios — péssima para a navegação;
- c) — não há ponto de concentração, com juntas de inspeção etc.. Todas as inspeções são feitas em Manáus (29º C. R. e 27º B.C.).

O infeliz Tapajoz consegue saber que foi convocado e marcha à pé, do Seringal Oriente até a sede do Município de Brasilia. Vai mar-

char cerca de 40 km. e, como é um doente, na certa leva 3 a 4 dias para chegar em Brasília. Deus sabe como vai se alimentar até lá.

Em Brasília, o Prefeito dá-lhe uma passagem para Rio Branco, viagem fluvial. Se o rio estivesse cheio, TAPAJOZ viajaria sómente 8 dias, no máximo. Como o rio está na seca, vamos admitir que TAPAJOZ tenha uma sorte incrível e o navio consiga chegar em Rio Branco com apenas 14 dias de viagem.

Lá, nova passagem, novo navio.

Quantos dias até Manaus? Com o rio cheio, seriam *apenas* 26 dias; com o rio em seca, TAPAJOZ que tem sorte, segundo nossa hipótese, faz a viagem em 2 meses! Finalmente, depois de ter viajado 2 meses e 17 dias, ele entra no quartel do 2º B. C., pronto para a inspeção. O médico Chefe da Junta, vaqueano no assunto, prático da região, comanda logo: "Siô TAPAJOZ, arregaca as calças"! TAPAJOZ obedece tímido, e o médico escreve na ata: "Incapaz definitivamente, úlcera flagelônica"!

TAPAJOZ recebe a passagem de volta e daí a 2 meses e 17 dias estará de novo no seu seringal e, embora rústico, subalimentado e doente, terá inteligência suficiente para refletir: "com tanto moço forte em Manaus, pra quê chamar agente nêste mundão de Deus?"

(Veja-se esquema nº. 2)

E' comum chegarem a Manaus levas de convocados quando já está quasi encerrado o 1.º período de instrução.

Assim mesmo, com todas estas dificuldades, os convocados próximos, esperam exgotar todo o prazo, afim de verem si escapam, à custa dos apresentados que vem de longe.

CONCLUSÃO

"E' impossível adotar para todo o Brasil um sistema único de recrutamento; no caso citado, temos uma zona característica de quitação *à priori*, da qual o indivíduo apenas deve ser *arrolado para a reserva* (reservista de 3.ª categoria, em linguagem imprópria).

Si for possível colocar em Brasília um Centro de Instrução de 2.º grau, o Estado poderá convocar TAPAJOZ para frequentá-la, si sua aptidão física e proximidade de residência permitirem.

2º. Processo

Abolição do sorteio, com a convocação de toda a classe (a parte destinada ao Exército) para:

- a) — Serviço nos Corpos de Tropa e Estabelecimentos do Exército;
- b) — Instrução de 2º. grau nos Centros de Instrução;

- c) — relacionamento *à priori* para a reserva, dos habitantes das zonas preferenciais para tal fim.

E' claro que não havendo sortejo, si a classe convocada for superior em número às necessidades dos Corpos de Tropa e Estabelecimentos, será necessário adotar-se *um outro critério de seleção* que substitua o sorteio.

Examinemos os possíveis. Antes, porém, fixemos que não tem base certa a afirmação de que devido às condições de saúde do nosso pôvo, a classe selecionada em inspeção médica é sempre menor do que as necessidades.

Não tem base, porque:

- a) — quais são as necessidades? Si elas variam de acordo com a situação (depois da guerra, quem saberá dizer quais os efetivos necessários em tempo de paz?), não é possível fazer afirmações sobre bases variáveis.

De fato, admitamos, apenas como argumento, que si a classe é inferior às necessidades de um Exército de 400.000 homens, quem pôde garantir que ela não seja superior a um exército de 80.000?

- b) — *Não temos a menor idéia a respeito* da percentagem de incapazes.

Diante desta afirmação, advinho o espanto do leitor que há de me taxar de leviano ou ignorante. Então para que servirá a Diretoria de Recrutamento que nem ao menos procura recolher os dados estatísticos e calcular a percentagem referida?

Claro leitor, a D. R. cumpriu seu dever, dentro dos limites de suas possibilidades. Mas, os dados é que são inaceitáveis e, no sistema atual, será impossível obter outros. Efetivamente, sómente são submetidos à inspeção, os seguintes indivíduos:

- a) voluntários
- b) — alunos de escolas, C. P. O. R., etc.
- c) — candidatos a T. G.
- d) — sorteados.

No total, a categoria d) — Sorteados — é a massa, o que pesa como número, mal e mal contrabalançada pela categoria c) — Candidatos a T. G.

Para raciocinar, deixemos de lado as categorias a b e c e examinemos a categoria d). A denominação está dizendo tudo: *escolhidos à priori pela sorte dentro os alistados*.

Para argumentar ainda, admitamos que o sorteio tenha a caracte-

ristica de amplitude desejável sobre toda a carta geográfica e sobre todas as classes — o que não é absolutamente uma verdade.

Mesmo assim, o sorteio é acaso. Si certa porcentagem dos alistados é de inécapazes há esta porcentagem de *probabilidades* de, da urna, sair a mesm apercentagem de incapazes e a percentagem dos *incapazes sorteados* ficar *próxima* da dos *incapazes alistados*.

Mas, como disse há somente probabilidades. Nesta fase de trabalhos, a estatística não opera com probabilidades.

Apezar destas, todavia, pôde não sair das urnas uma percentagem equivalente, mas, sair exatamente o contrario, isto é, ser sorteada uma *percentagem maior de capazes*. Tomemo sum exemplo, para melhor compreensão: admitamos 100 cidadãos alistados, dos quais 25 doentes isto é, 25 %. Si sortearmos 25 %. Si sortearmos 25 homens, há probabilidades de sairem:

6 a 17 — capazes
18 a 19 — incapazes.

Mas, assim como acontece com os tiros de artilharia pôdem os resultados ser:

6 a 7 — capazes
18 a 19 — incapazes
ou
20 — capazes
5 — incapazes etc.

Mas, a hipótese do alistamento amplo, geral, abrangendo todas as regiões do paiz todas as classes sociais, é falsa.

Na verdade o alistamento incide especialmente nos meios rurais e nas classes mais pobres, visto como os cidadãos apressam-e à quitação matriculando-se nos T. G., antes da idade de alistamento e convocação. Qual o resultado disto?

O alistamento arrola os individuos nas piores condições gerais de alimentação e saúde pois sabemos que os nossos homens do campo vivem em condição de alimentação e higiene mai atrasadas do que os da cidade.

Deste modo, a percentagem de sorteados incapazes está sujeita a probabilidades de ser maior do que a de capazes.

Quanto aos candidatos aos T. G., dá-se justamente o contrario: elos são oriundos de meios cidadãos e classes sociais em melhores condições e neste caso, a percentagem de capazes terá de ser maior.

Dou aqui a título de exemplo, a percentagem verificada num dos ultimos anos:

Sorteados incapazes	39 %
Reservistas convocados incapazes	41 %
Candidatos a T. G. incapazes	1 %
Voluntários incapazes	20 %

Os números estão falando alto, fazendo verdadeira gritaria e provam o que foi afirmado, quanto à diferença de situação de cada categoria. Veja-se a diferença de percentagem entre os candidatos a T. G. (homens da cidade, mais civilizados) e os sorteados.

E' claro que a soma das percentagens dividida pelo número de categorias nada representaria como resultado. Nada podemos saber com relação à percentagem de capazes sem que :

ou toda a classe seja inspecionada

ou

o alistamento seja geral, embora seguido de sorteio.

Sendo assim é perigoso basear qualquer estudo ou *decisão* sobre uma percentagem que, com todas as probabilidades oferecerá surpresa completa. Como?

Si facar estabelecido que :

1.º — Nenhum individuo pôde fazer instrução em T. G., antes da idade militar;

2.º — Todos os individuos serão *forçados* a se alistarem,

é bem possivel que a classe *apta* seja *mais numerosa* do que as necessidades de encorpulação nas fileiras.

1.º *criterio* — gabarito de condições físicas predeterminadas. Tomemos um exemplo. Admitiamos o seguinte gabarito de condições físicas :

A — Excepcional para o Serviço — todos os órgãos perfeitos, dentes em condições, relações de peso e altura corretas;

B — Normal para o Serviço — órgãos perfeitos exigências menores quanto aos dentes, tolerância maior nas relações de peso e altura;

C — Recuperaveis no prazo de um ano;

D — Incapazes definitivamente.

Suponhamos uma classe alistada e apresentada por convocação, de 400.000 homens. Examinada apresenta os seguintes resultados:

A — Excepcionais	20.000
B — Normais	150.000
C — Recuperaveis	20.000
D — Incapazes	210.000
 Total	400.000

Admitamos ainda que as necessidades de encorporaçãoorcem em 150.000.

Que se passa?

E' encorporada toda a classe A;

Resta, pois, ainda incorporar 130.000.

Mas a classe B contém mais 20.000 homens do que as necessidades.

Como operar sem lançar mão do sorteio?

Uma resposta infalível: "aperte-se o gabarito da classe B; por exemplo convoquem-se somente os homens de 1,60 de altura".

Vamos fazer-lhe a vontade. Que pôde acontecer? Que em lugar de conseguir eliminar os 20.000 excedentes, venha se a cair em falta de 20.000 homens.

E' extremamente difícil estabelecer um gabarito e com ele selecionar um número predeterminado de indivíduos.

2.º critério — Não há gabarito algum.

Após a inspeção convocar por ordem alfabetica de sobrenome, desempatada com ordem alfabetica do 2.º nome e assim por diante!

Inexequível por complicado. Não tardariamos a ter uma quantidade enorme de indivíduos com nomes assim: Xisto Yperides de Zelandia.

3.º critério — Sortear anualmente os 12 meses do ano e colocá-los na ordem do sorteio. Exemplo:

1 — Outubro, 2 — Janeiro 3 — Abril.

4 — Junho 5 — Agosto, 6 — Julho.

7 — Dezembro, 8 — Fevereiro, 9 — Novembro.

10 — Março, 11 — Maio, 12 — Setembro.

e convocar por ordem de meses de nascimento na ordem sorteada.

Ainda aqui, uma injustiça *a priori* seria cometida. A estatística demonstra maior quantidade de nascimentos nos meses de Junho, Julho e Agosto!! Além disto, seria igualmente um processo complicadíssimo, obrigando a uma organização de fichário por meses.

"quando a classe convocada e apta exceder às necessidades de encorpuração, só há um meio garantido de seleção: *o velho sorteio em moldes novos*, conforme foi estudado no inicio deste trabalho.

Reflitam todos aqueles mais esclarecidos que o modesto articulista e que, para bem do recrutamento eficiente, sejam adotados de uma vez por todos os seguintes princípios básicos:

- 1.º — Um *sistema compulsorio* de alistamento, em idade próxima da do serviço militar estruturado de tal sorte que o individuo seja *compulsado* a correr aos escritórios de alistamento e não o *alistador* *obrigado à sua caça*;
- 2.º — Uma inspeção de toda a classe alistada, nos moldes que descreveremos abaixo;
- 3.º — Um sorteio centralizado no Rio, afim de escolher os *alistados aptos* para encorpuração, quando o número deles for superior às necessidades da mesma.

II) — Novo sistema proposto —

1 — Pelo sistema atual, conforme vimos, as operações de recrutamento constam das seguintes fases:

- 1.º — Os individuos são alistados ex-oficio, pelas Juntas — sistema a ser abolido, por ineficiente e inexequível;
- 2.º — as C.R. organizam as listas e executam o sorteio — uma loteria em cada C. R., ou sejam loterias em todo o Brasil — processo igualmente a ser abolido, caro, confuso, sujeito a fraudes;
- 3.º — os sorteados são convocados para Pontos de Concentração afim de serem inspecionados e daí serem encaminhados às C. R. ou Corpos onde serão encorporados;
- 4.º — os claros, oriundos dos casos de insubmissão e de incapacidade, são cobertos por novas chamadas.

2 — Sistema novo.

1.ª fase — consta do alistamento, não mais feito ex-oficio. Em lugar do Estado *alistar o individuo*, este é que vai se alistar. Para isto, não bastam sanções *à posteriori*, para os casos de insubmissão ao sorteio.

NOVA CONCEPÇÃO...

São necessárias várias medidas coercitivas de caráter permanente e já expostas em artigo anterior. De acordo com elas, sem o Certificado de Alistamento o indivíduo fica impedido de praticar uma série de atos *indispensáveis* para qualquer cidadão maior de 19 anos, de qualquer classe social tais como não poder:

- viajar, para fora do seu Município em qualquer empresa de transporte;
- alugar casa hospedar-se em hoteis, pensões e similares;
- matricular-se em qualquer curso ou escola, ou continuar qualquer curso;
- fazer parte de qualquer sociedade benéfica, de diversões ou esportivas;
- exercer qualquer emprego ou profissão;
- receber em Bancos ou Caixas, além de outras mais que serão cuidadosamente estudadas.

Uma vez alistado, recebe o indivíduo o Certificado de Alistamento numerado e contendo já as *passagens livres* em qualquer empresa de transporte, dentro dos limites de data indicados nas mesmas.

O Certificado contém :

- Nome do alistado; número do Certificado;
 - Data na qual ele perde todos os efeitos;
 - Ponto de concentração para inspeção;
 - Data de apresentação no Ponto de Concentração.
- 2.ª fase — Na data indicada nos Certificados, os alistados comparecem nos Pontos de Concentração afim de serem submetidos à inspeção médica. Os P ontos serão organizados com barracas para pouso, cozinhas de campainha, etc., etc.. Os alistados usam a 1.ª passagem do Certificado para se transportarem até o Ponto. Depois de inspecionados, a Junta Médica fará carimbar no local apropriado do Certificado, o resultado: *Apt.*, *Incapaz temporariamente* (sempre até o ano seguinte), *Incapaz definitivamente*. O Certificado carimbado como *Incapaz definitivamente* fica valendo definitivamente como documento permanente de quitação. Os carimbados com *Incapaz temporariamente*, terão sua data de validade prorrogada até o ano seguinte; os carimbados com *Aptos.*, terão sua validade prorrogada até a data da encorpação que já estará marcada *à priori, em vermelho*.

O Chefe do Ponto de Concentração, fará numerar, por Municípios, os inspecionados julgados aptos, carambando o Certificado de Alistamento com o número correspondente, *número este que servirá para o sorteio*. Deste modo, os aptos voltam para suas residências conhecendo já os números do sorteio que foram registrados em seus Certificados.

3.ª fase — O Chefe do Posto envia a 1.ª via da Ficha do inspecionado para o Município correspondente; a 2.ª via — para a Delegacia Estadoal, bem como a relação dos *números máximos* de cada Município e aptos. As Delegacias Estadoais remetem por telegramas, confirmado por ofício, a relação dos *números máximos* para a D. R. onde será feito o sorteio, de acordo com o mecanismo já exposto.

4.ª fase — A D.R., efetua o sorteio que é amplamente publicado de modo a chegar o mais rapidamente possível ao conhecimento dos indivíduos atingidos.

As Delegacias Estadoais, tendo em vista o resultado do sorteio, lotam os Corpos de Tropa e Estabelecimentos e fazem a 2.ª convocação já com o destino prefigurado para cada cidadão a saber::

- sorteados — Corpos de Tropa;
- não sorteados, para os T. G. (nos Municípios ou localidades onde existirem tais centros de intrução);
- expedirá os Certificados de 3.ª categoria (para os Municípios) afim de serem entregues aos indivíduos não convocados para a tropa ou T. G., e não moradores das zonas de relacionamento *à priori*, para os quais, o Certificado de Alistamento já é expedido pelos Municípios, com a característica de quitação definitiva.

5.ª fase — O sorteado — convocado, utilizando a 2.ª passagem do seu Certificado de Alistamento, *embarca diretamente para a séde do corpo onde vai servir*.

III) — Acompanhemos, neste mecanismo, o que acontece com JOSÉ SILVA, moradór na Gouveia (Diamantina, Minas Gerais) e o infeliz TAPAJOZ, do Seringal do Oriente.

TAPAJOZ, reside em zona preferencial para arrolamento *à priori* para a reserva.

Envia seus documentos por intermedio do representante distrital do Delegado Municipal de Brasilia, para a séde da Delegacia Municipal. Estando tudo em Ordem isto é, a prova de sua idade (note-se que para as zonas de arrolamento *à priori* pode ser dispensada a prova da idade, bastando simples declaração) recebe de volta o Certificado de Alistamento e Quitação definitiva e fica admirado e feliz porque não precisa viajar, como já aconteceu com outros conterraneos em outros tempos, assim de receber a declaração de que é incapaz para o serviço militar e louvará a sabedoria do Governo.

JOSE SILVA entrega seus documentos ao sr. Miguel Absalão, ilustre dono da venda principal de Gouveia e delegado civil da polícia. Este envia os papeis ao Delegado Municipal do Alistamento em Diamantina.

O Delegado tudo estando em ordem alista **JOSE SILVA** e remete o ambicionado Certificado ao sr. Miguel que o entrega a **JOSE**.

JOSE SILVA ficá sabendo que, entre outras coisas está escrito o seguinte no seu Certificado :

— “Válido até o dia 15 de julho de 1945 data da 2.^a convocação”.

— “O portadôr deverá se apresentar em Corinto, entre os dias 1.^o e 15 de Abril de 1945 para a inspeção de saúde”. Explicam ainda a **JOSE SILVA**, que o Certificado tem 2 passagens válidas em qualquer empresa de transporte, a saber :

a 1.^a — ida e volta — válida até o Ponto de Concentração marcado no certificado entre 1.^o e 15 de Abril de 1945; a 2.^a — ida e sómente — até o Corpo de Tropa, no caso de convocação —; válida de 15 de a 20 de Junho.

Si **JOSE** deixar passar os prazos fica insubmisso, perde as passagens e seu Certificado já está perempto.

No dia 2 de Abril, **JOSE SILVA** segue para Diamantina, a tempo de chegar lá para apanhar o trem das 11 horas e não ter que dormir na *reliquia histórica*; chega em Corinto às 7 horas da noite e vai para o Ponto de Concentração onde encontra comida e lugar para dormir. No dia seguinte, *entra na fila do registro*, é inspecionado e o Chefe do Posto carimba seu Certificado de Alistamento do modo seguinte :

“Apto — N. do Sorteio — 225”.

JOSE SILVA pega o trem de volta para Diamantina, onde chega às 15 horas e como não gosta positivamente de dormir na *reliquia* se-

gue na mesma tarde para Gouveia, aproveitando um caminhão de um conhecido seu.

Retoma suas atividades normais esperando o sorteio e a convocação.

No dia 30 de Maio o Delegado distrital comunica a JOSÉ ILVA que o número 225 foi sorteado no Rio.

Um ouvinte do Rádio já tinha contado a novidade a JOSE SILVA desde o dia 15 de Maio.

Em Junho, o mesmo delegado entrega a JOSE' SILVA a carta de chamada que diz simplesmente:

JOSE' SILVA filho de Antonio e Maria Silca, número 225 sorteado deverá se apresentar no 10.º R. I. em Belo Horizonte até o dia 15 de Julho de 1945".

JOSE' SILVA embarca para Belo Horizonte e vai iniciar o novo e glorioso trecho de sua vida de revigoramento físico alfabetização e exaltação patriótica.

MESBLA

ARTIGOS PARA VIAGEM

MALAS, VALISES
SACOS PARA ROUPA
ESTOJOS COMPLETOS

MALAS ESPECIAIS
PARA ÁVIAO

COMPRE EM 10 PRESTAÇÕES
COM CARNET CREDI-MESBLA



RUA DO PASSEIO, 48-54 - RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 - NITERÓI

A ARTE FLORAL

Jorge Heuseler
(Brasileiro)

Recebe diariamente as mais lindas e variadas flores das culturas de
PETRÓPOLIS E BARBACENA

Especialidade em "Bouquets" de noiva, cestas, cordas e decorações para
banquetes e casamentos

Rua Gonçalves Dias, 17

Telefones: 28-8260 - 22-3901

RIO DE JANEIRO

Metralhadora "Browning"

Pelo 1.º Ten. Res. Conv. NUNO DA GAMA LOBO D'FEÇA.

(Para a "Desesa Nacionál").

METRALHADORA

Calibre 12.7 — M2 — refrigerada a água

I — DADOS

A — METRALHADORA

a)	peso da metralhadora com água na camisa	50 ks.
b)	peso da metralhadora sem água na camisa	46 ks.
c)	comprimento da extensão do cano	0, m29
d)	comprimento do cano sem extensão	1m,15
e)	diâmetro total da camisa	0, m12
f)	comprimento da camisa	1m,00
g)	número de ráias	8
h)	número de cheios	8
i)	cadência de tiro	500 a 650 tiros por minuto

B — MUNIÇÃO E COFRE DE MUNIÇÃO

a)	peso do cofre de munição vazio	13 ks.	300
b)	peso do cofre de munição carregado	40 ks.	800
c)	peso da correia de alimentação	3 ks.	700
d)	peso de 200 cartuchos	23 ks.	900
e)	número de projétils numa correia de alimentação	200	
f)	côr do projétil perfurante	clara	
g)	côr do projétil traçante	vermelha	
h)	côr do projétil anti-carro	aço de côr preta	
i)	intervalo do tiro traçante	9 a 10 disparos)	
j)	munição usada	traçante e perfurante	
k)	velocidade inicial	980 metros por segundo	
l)	composição da correia de alimentação	lonas e metal	
m)	penetração entre 300 a 400 metros:		

1)	em aço	0m,007
2)	em madeira	0m,80
3)	em areia	0m,80
4)	em homens	7 pessoas

n) — observação do tiro traçante:

1) — à noite, até	2.500 metros
2) — ao dia, até	600 metros

o) — alcance:

1) — útil	2.900 metros
2) — máximo	6.550 metros

Q — REPARO

a) — peso do reparo completo	179 ks.	700
b) — peso do pedestal	43 ks.	100
c) — peso do de cada perna	18 ks.	400
d) — peso do bérço com espião	25 ks.	900
e) — abertura do tripé, do lado direito ao esquerdo	2m.70	
f) — abertura do tripé da frente às costas	2m.20	
g) — altura do solo a o eixo da alma em posição horizontal	1,47	
h) — elevação máxima	68°45''	
i) — depressão máxima	15°	
j) — campo de tiro horizontal	360 ou sejam 64,00	milésimos

D — RESERVATÓRIO CUBICO

a) — peso do reservatório	32 ks.	500
b) — comprimento da mangueira dupla	14 metros	
c) — comprimento da mangueira simples	7 metros	
d) — capacidade do reservatório	91s.	500

II — FUNCIONAMENTO SUMA'RIO

A — DA METRALHADORA

a) — Metralhadora Brozning Automática, calibre 12,7 m/m. M2, refrigerada a água de recuo operado pelo choque da explosão da carga de projeção, é alimentada por meio de uma corrente de alimentação a qual é desintegrada durante o funcionamento da arma, sendo os cartuchos recolhidos por uma bolsa de lona.

B — DA REFRIGERAÇÃO

a) — A refrigeração é feita por intermédio de um cilindro metálico denominado camisa, que envolve o cano; um reservatório cúbico, com capacidade para 9,5 litros dágua e dois braços de mangueira com 7 metros cada um.

Os braços da mangueira fazem comunicação contínua da água entre o reservatório e o cilindro mediante o açãoamento da manivela que gira uma palheta. A palheta impulsiona a água pela saída inferior do reservatório até o cilindro, fazendo-a voltar desta áquele pela superior, num mecanismo idêntico ao da refrigeração do automóvel.

C — DA FIXAÇÃO PARA O TIRO

a) — Sob a culatra existe ua mola de recuo e equilibradora que permite fixar, automaticamente, a peça em todas as fases de elevação e atua como amortecedor do recuo e da trepidação, durante o tiro.

III — NOMENCLATURA

1) — A metralhadora Browning comprehende: Metralhadora propriamente dita; Reparo.

METRALHADORA PROPRIAMENTE DITA

Consta das seguintes partes: a) — cano com aparêlho de refrigeração; b) — caixa da culatra; c) — mecanismo da culatra; d) — aparêlho de pontaria contra avião; e) — apôio do atirador.

A — CANO E APARELHO DE REFRIGERAÇÃO

O cano, tubo interno de aço com paredes próprias para resistirem às vibrações da arma e capazes de se resfriarem pelo aparêlho de refrigeração durante um tiro prolongado. O aparêlho de refrigeração mantem a arma sempre em temperatura necessária ao bom funcionamento. Compreende: Cano, camisa dágua e reservatório cúbico.

No cano notam-se: externamente — bucha com eventos elíticos e cinta de dois eventos circulares, tubo interno de aço, reforço, anéis de fibra para a regulação do atarrachamento, anel serrilhado contendo 30 serrilhas, rosca com 5 estrias; internamente — corte da boca, 8 ráias, 8 chêios, câmara de explosão.

Na camisa notam-se externamente — coifa anterior, valvulas com rosca para mangueira, base das valvulas, massa de mira com protetor e base, reforço dentado da boca, rosca do reforço dentado, torneira de esvaziamento da camisa dágua, coifa de adaptação da camisa à caixa da culatra, buchas, corrente, tampas das valvulas, chumaceira; internamente — camisa dágua, dois tubos condutores de água e vapor, alojamento do cano, embuxamento, bloco e cavilhas. No reservatório cúbico notam-se: internamente — palheta, peneira, bomba; externamente — tanque, manivela, punho, valvulas, alças, tampas, mangueira.

B — CAIXA DA CULATRA

Cofre de aço onde se encerram e funcionam os mecanismos da culatra e alimentador; onde se adaptam os apoios do atirador, cofre de munição, bolsa de lona para recolher os cartuchos, aparelho de pontaria contra avião e o amortecedor estabilizador central. Compreende: Caixa, alimentador, chapa trazeira, gatilho da esquerda, setores dentados do amortecedor estabilizador central, borboleta fixadora da coberta, espião, amortecedores laterais, suporte do cofre do carregador, mesa guia do carregador, descanso semi-círculo, munhoneiras, sobre-munhoneiras com fixadores, borboleta, ponte cilíndrica, amortecedor estabilizador central, berço com suporte de pontaria contra avião, depósito de peças acessórias.

Na caixa notam-se: externamente — chapa quadro, parador, transmissor, bloco, suporte superior, suporte anterior, arruelas, lâmina com olhal; internamente — arruelas, porca, parafuso do fecho, desvio, parador dianteiro, parador trazeiro, barra, pino, cavilha.

No transmissor notam-se: corpo, eixo.

Na chapa trazeira notam-se: quadro, gatilho da chapa trazeira com duas hastes, punho, batente do fecho quadro, passagem da cabeça da mola recuperadora da culatra móvel, dente do gatilho, êmbolo com 9 discos para graduar a cadência do tiro, parafuso com fenda, tubo, fixador da chapa trazeira, cravo, parafusos de fixação da chapa e tranca.

No dente do gatilho: mola, eixo, talão, chanfro e ponta.

No fixador da chapa trazeira: pino, mola, eixo e asa serrilhada.

Na aldraba de fixação da chapa: mola, dente duplo, montante e bico.

No gatilho da esquerda notam-se: alavanca do gatilho, ferrólho de segurança, parafuso do ferrólho, pino de fixação à alavanca, manivela, braço esquerdo de ligação, pino de ligação do braço esquerdo, base, braço direito de ligação, suporte interno, suporte externo, rampa de acesso, pino, mola, parafuso do cubo da mola, elevador, porca, olhal, indicador de abaixamento e elevação, setores dentados do amortecedor estabilizador central e abaixador do gatilho.

Nos setores dentados do amortecedor estabilizador central notam-se: calço do amortecedor estabilizador central, cavilha de ligação, ponta com mola, corpo, braço.

Na borboleta fixadora da coberta notam-se: ferrólho, mola.

No espião: anel em ranhura, gola, reforço, depressão cônica, orifício de alojamento, cruzeta.

No alimentador propriamente dito notam-se: alavanca do alimentador, linguete, rampa da cabeça do conjunto extrator-ejetor.

Na alavanca do alimentador: ramo curvo, eixo com mola, ramo com pino de comando.

C — MECANISMO DA CULATRA

Conjunto de peças destinado a executar a recuperação, alimentação e engatilhamento, fechamento da arma, a introdução e per-

cessão do cartucho e a extração e ejeção do estojo. Compreende as peças seguintes: extensão do cano, culatra móvel, aparêlho de aceleração, alavanca de manejo, regulador da cadência de tiro, cobertura e conjunto chave.

Na extensão do cano notam-se: batente da culatra móvel, ligação em forma de T, tranca da culatra com pino, mola de ligação do cano, dois alojamentos da tranca, dois lojamentos dos abaixadores da trança, duas corrediças da culatra móvel, duas corrediças externas da culatra móvel, quadro com rosca para atarrachar o cano, rosca com 5 estriadas, abertura do escapamento dos gases, rampa de saída do cartucho, corrediça da extensão do cano, tubo guia, fecho, bloco depressor.

Na culatra móvel notam-se: conjunto extrator-ejetor, alojamento cônico do desvio, desvio, pino de apoio da alavanca de manejo, alojamento do desvio, chaveta da alavanca de manejo, detentor do fiador, fiador com mola, parador do fiador, conjunto percussor, acelerador, aparêlho de aceleração, mola interna recuperadora da culatra, alojamento da mola recuperadora da culatra, alojamento do conjunto extrator-ejetor, nervuras guias da culatra móvel, caneluras de alijamento entalhe da trança, entalhe da garra do acelerador, apoio da viróla do cartucho, orifício da passagem da ponta do percussor, abaixadores da trança (2), alojamento do eixo do acelerador, desvio, parador, alavanca e cubo.

No conjunto extrator-ejetor: alavanca, eixo, garra, extrator, ejetor e mola.

Na mola interna recuperadora da culatra: haste, mola, pino, tópo e coleira.

Na chaveta da alavanca de manejo: bico, mola, corpo, cauda e eixo.

No detentor do afiador: eixo, ponta, corpo.

No conjunto do percussor: contra-percussor e agulha percussora.

No contra-percussor: entalhe da alavanca de armar, dente do conjunto percussor, alojamento da mola, alojamento da gola.

Na agulha percussora: mola, talão, gola, ponte.

No acelerador: eixo, passagem do eixo, garras (2), batente, entalhe da mola, entalhe do grande T.

No aparêlho de aceleração notam-se: quadro, eixo, mola, crema híbrida, chave do eixo, parador, parafuso do cubo, cilindro de óleo, quadro, cabeça, engrenagem simples, engrenagem dupla.

No quadro: cilindro de óleo, mola recuperadora do cano com 12 espirais, apoio, garra.

No cilindro de óleo: pistão com hastes, êmbolo, apoio, garra.

Na alavanca de manejo notam-se: punho de madeira com eixo de aço, braço, olhal, mola 8 com pino e duas espirais, discos de reforço, porca dentada, cavilha, pino de apoio, corrediças da alavanca de manejo.

No braço: abaixador, parador e munhão.

No pino de apoio: anel, hastes (2).

Nas corredeças da alavanca de manejo: alojamento, graduações
(2) parafuso com fenda, pino com rosca.

No regulador da cadência de tiro notam-se: porca da cavilha do eixo, cavilha do eixo, rampa de acesso, mola, porca externa do eixo, mola do eixo, rolamento, chapa.

Na cobertura notam-se: alça de mira, eixo de articulação da cobertura, tampa, alavanca, cavilha, mola, braço de armar, abaixador guia.

Na alça de mira: suporte, mola, batente, cursor, detentor, orifício de visada, lâmina graduada, abertura da alça, engraxadores, serilha de derivação, parafuso de derivação, mola U.

Na tampa: munhões e transmissor.

Na cavilha: cavilha, chaveta e eixo.

No abaixador: abaixador e munhão.

Na guia: cabeça, mola, pino e guia.

D — APARELHO DE PONTARIA CONTRA AVIÃO

A metralhadora "BROWNING" M2 calibre 12,7 m/m., possue dois aparêlhos de pontaria: um é compôsto de massa de mira e alça de mira, colocadas, massa no cano, um pouco atrás do corte da boca e a alça sobre a cobertura.

O outro é colocado sobre a metralhadora mediante suportes e constitue o aparêlho de pontaria contra avião.

Em vista de não ter sido estudada a nomenclatura do aparêlho de pontaria contra avião e não ter sido apresentado no curso de metralhadora "BROWNING" realizado pela 7.ª Região Militar na base aérea, em Novembro de 1942, no Ibiara, limito-me a apresentar os desenhos, traduzindo-lhes unicamente, os nomes que êles trouxeram no regulamento.

E — APOIO DO ATIRADOR

O apôio do atirador é um braço curvo revestido de borracha, colocado á retaguarda da peça e destinado a apoiar o servente, permitindo-lhe dirigir a arma em todas as direções no campo de tiro horizontal e no do tiro contra avião.

No apôio do atirador notam-se: ramo curvo, ramo de ferro revestido de borracha, ramo reto com encaixe e braçadeira.

R E P A R O

2) — O reparo é uma armação articulada sobre a qual repousa a metralhadora propriamente dita.

No reparo notam-se: alojamento do espião, gola, fixador do espião, disco com rosca de fixação das pernas, anel de apôio, anel inferior, filetes da rosca do disco de fixação, pedestal triangular, jun-

as de articulação dos joelhos (3), gancho de fixação ao solo, joelhos com peça de fixação, joelhos com porcas de fixação, pernas.

No fixador do espigão: mola, alavanca, dente curto.

Nas pernas: pá, pé, garra.

IV — FUNCIONAMENTO

A — DA REFRIGERAÇÃO

a) — a água é colocada no reservatório cúbico e acionada por uma manivela, vindo à camisa dágua pela mangueira adaptada no orifício inferior.

Chegada à camisa dágua por uma das válvulas laterais, parte se torna vapor pelo aquecimento oferecido durante o funcionamento da arma.

A água que veio impulsionada pela bomba centrífuga do reservatório, expande-se no interior da camisa, sofrendo pressões nas paredes, escapando pela valvula juxtaposta à da entrada; volta ao reservatório, condensando o vapor que se mistura novamente com a parte líquida que se resfria conjuntamente, num movimento semelhado ao do aparêlho de refrigeração do automóvel, assim sucessivamente, enquanto o servente estiver acionando a manivela do reservatório.

B — DA ALIMENTAÇÃO

a) — A alimentação pode ser feita pela direita ou esquerda, conforme necessidade, bastando para isso, mudar o desvio do gatilho, calço, alavanca do alimentador e impulsor.

A alimentação mais frequente é pela esquerda.

C — DO FREIO RECUPERADOR

a) — A recuperação é realizada por intermédio da mola recuperadora do cano que se distende de trás para frente e que antes havia sido comprimida pelo recuo da parte à qual se acha ligada no ato do tiro.

O choque do impulso é amortecido por duas molas que estão ligadas nas partes laterais da camisa dágua.

D — DAS OPERAÇÕES

a) — Duas fases distintas existem na operação da metralhadora: a manual, executada pelo servente, no ato do primeiro tiro e a mecânica, pelo automatismo peculiar ao movimento.

E — DA METRALHADORA ENGATILHADA

a) — Acionando o gatilho, a alavanca comprime o fiador que vence a resistência da mola e liberta o talão do contra-percussor; a mola do conjunto percussor que se acha por sua vez comprimida, impulsiona o percussor e fere a capsula de fulminato.

F — DO MOVIMENTO DURANTE O RECUO

a) — Devido à força dos gases da carga de projecção, a culatra móvel recua, comprimindo a mola do cano, também, recua 0m,02, aproximadamente, com sua extensão, até encontrar a respectiva mola recuperadora, comprimindo-a.

b) — As duas molas, voltadas as suas posições normais, fazem o conjunto recuado voltar em bateria.

G — DO ENGATILHAMENTO (ARMAR)

a) — A arma engatilhada tem as peças nas seguintes posições: — culatra móvel em contacto com a parte anterior da extensão do cano (batente da culatra móvel);

b) — percussor com a ponta fóra do orifício e a mola em repouso;

c) — alavanca de armar com a cauda á retaguarda, alojada no encaixe, na cobertura e o bico localizado dentro do entalhe do contra-percussor, respectivamente;

d) — mola do percussor com a ponta apoiada em seu descanso e a posterior no pino;

e) — tranca da culatra erguida pelo movimento do respectivo calço, encaixada em seu alojamento e localizada no fundo da culatra móvel;

f) — alavanca de manejo á frente sobre o pino de apôio que se acha na parte posterior da culatra móvel;

g) — mola recuperadora da culatra móvel comprimida.

H — DO RECUO DA CULATRA

No recuo da culatra dão-se os seguintes movimentos:

a) — deslizando pelas corrediças, quer seja pelas ações automática ou manual, a culatra móvel vem de encontro ao batente (amortecedor da placa do punho), sendo então a mola recuperadora atada á culatra e comprimida dentro do seu alojamento, simultaneamente;

b) — a alavanca de armar que na posição normal mantinha a cauda caída para a retaguarda descreve um semi-círculo sobre o eixo, arrastando durante este movimento, para trás, o conjunto percussor até que o dente do contra percussor obrigue a mola do fiador a ceder e seja presa pelo dente do fiador, ficando assim a arma engatilhada e a câmara aberta em condições de receber o cartucho;

c) — a alavanca de manéjo sendo solta pelo servente ou pela cessação do choque dos gases é impulsionada para frente pela mola recuperadora da culatra móvel, esta por sua vez, condus o cartucho a posição idêntica, introduzindo-o na câmara;

d) — com o movimento de avanço da culatra a alavanca de armar executa o movimento inverso ao descrito na letra b, afim de permitir livremente a ação do percussor para frente.

I — DA AÇÃO DO GATILHO

Posição inicial:

a) — percussor recolhido, mola comprimida, talão engrazado no dente do fiador;

b) — ponta e cauda da alavanca intermediária apoiadas (primeira sobre o fiador, segunda, no bico do gatilho da chapa trazeira);

c) — alavanca de armar apoiada na parte trazeira do seu alojamento.

J — DA AÇÃO DO GATILHO DA CHAPA TRAZEIRA

a) — Feita a pressão sobre a técla do gatilho é vencida a resistência da mola, decorrendo daí a suspensão da ponta da alavanca intermediária, que por sua vez força o fiador para baixo, suspensendo o contra-percussor (dente) e o dente existente no fiador, sendo, finalmente o fiador impulsionado para frente, por intermédio do conjunto e o percussor atravessando a ponta, pelo orifício, fere a estopilha.

K — DO RECUO DO CANO E CAIXA DA CULATRA

Posição das peças:

a) — cano em posição normal (à frente);

b) — unhas do acelerador alojadas para frente, com a parte côncava apoiada na posterior da extensão do cano e a convexa no entalhe das garras com o acelerador entalhado no grande T;

c) — mola do acelerador e cano em repouso;

d) — dente do T engrazado na haste do pistão;

e) — tranca da culatra erguida pelo respectivo ressalto (pendendo-a);

f) — culatra móvel avançada enquanto a alavanca de armar mantém-se com a cauda para retaguarda e o bico penetrado no entalhe existente no contra percussor, este também à frente com sua mola recuperadora;

g) — fiador suspenso.

L — DA CULATRA MOVEL

a) — vindo a culatra móvel para tras, quer pelo golpe da mão, na alavanca de manejo, quer pelo choque dos gases da carga de pro-

jeção, condús consigo, o cano com extensão até que a tranca, depois de deslizar sobre o calço, caia atraída pela gravidade, libertando a culatra do cano e recúa até apoiar-se no seu amortecedor, na chapa trazeira;

b) — durante o recuo, a culatra móvel obriga a alavanca de armar a descrever um arco de trás para diante, em torno de seu eixo, fazendo com que a cauda arraste o conjunto de percussão e faça o dente do contra-percussor engrasar-se no dente do fiador;

c) — durante o recuo, o cano força as garras do acelerador a girarem para trás, o resalto do grande T empurra o pistão para a retaguarda comprimindo o óleo do cilindro e a mola recuperadora do cano que fica presa pelo acelerador;

Nesta operação, a mola recuperadora do mecanismo da culatra é também atingida pela compressão de suas espirais.

M — DO AVANÇO DO CANO E CAIXA DA CULATRA

a) — A culatra móvel depois de fazer o contacto no amortecedor existente na chapa trazeira pela retaçao da mola interna recuperadora da culatra, é impulsionada para frente quando a referida mola se estende e então a culatra desliza pelas suas corrediças;

b) — durante o percurso a culatra obriga as asas do acelerador a girarem para frente libertando assim a mola recuperadora do cano. A mola impele o pistão para frente, obrigando o cano e extensão a voltarem à posição normal, no mesmo tempo que a mola interna recuperadora da culatra continua impulsionando a culatra para frente até o fechamento seguido do trancamento.

N — DA ALIMENTAÇÃO

a) — durante o recuo da culatra, o guia da alavanca do alimentador desliza pelas ranhuras existentes na culatra, levantando o transmissor à esquerda e forçando a garra do braço no sentido vertical afim de adaptar-se por cima do cartucho.

b) — finda esta operação, encaixa e empolga o cartucho pela gola;

c) — no regresso da culatra o guia faz o transmissor executar um movimento da esquerda para a direita, arrastando o cinto de metal no mesmo sentido até que fique calçado pelo respectivo retém e coloque um cartucho no alinhamento da culatra móvel.

O — DO CONJUNTO EXTRATOR-EJETOR

a) — Para execução do primeiro tiro, levanta-se a coberta, ergue-se com a mão o conjunto extrator-ejeto e puxa-se o cinto metálico até apresentar-se um cartucho na direção do bloco da culatra. Ainda com movimento manual, abaixa-se o conjunto para que a garra prenda a viróla do cartucho, fechando-se a culatra em seguida;

b) — quando a culatra recúa, a cabeça do extrator-ejetor desliza pela rampa abaixa ora existente na coberta até o final, sendo conduzido, durante o recuo, pela parte superior da corrediça. Atingido o fim da rampa a alavanca cai pela falta de amparo juntamente com o cartucho, ajustando-o nas corrediças a ele destinadas;

c) — quando a culatra móvel avança, a alavanca do extrator-ejetor volta á frente deslizando pelas corrediças inferiores, abaixando o cartucho que depois de deflagrado solta o estojo pela janela de ejeção;

d) — em seguida a alavanca alinha outro cartucho da camara, com repetição continua dêsse funcionamento, até que se deixe de atirar;

e) — no fechamento da culatra para o tiro, o extrator se eleva por um guia particular, vencendo a resistência da mola abaixadora e ultrapassando a viróla do culote do projétil, indo engatar noutro cartucho, pela mola elevadora, e assim sucessivamente.

P — DOS AMORTECEDORES

a) — Existem á esquerda e direita do berço, duas molas que se destinam ao amortecimento da trepidação da arma durante o tiro e são auxiliares do amortecedor estabilizador central. Esses amortecedores são compostos de dois alojamentos cilíndricos, duas molas e duas hastas, sendo uma para cada flanco. O amortecedor estabilizador central, acima mencionado, é composto de uma mola que se acha situada á retaguarda da peça, na parte inferior, ao centro, tendo por função fazer com que a arma volte em bateria e aí se mantenha em qualquer posição angular.

V — DESMONTAGEM

A — DA METRALHADORA

a) — Chapa trazeira: retirar a chapa trazeira, puxando-a pelo punho vertical soltando ao mesmo tempo a mola e a aldraba de segurança;

b) — mola recuperadora do cano: fazer pressão na cabeça da mola até desprendê-la do seu alojamento e em seguida puxar a alavanca de manejo;

c) — pino de apoio da alavanca de manêjo: trazê-lo até os cavados das corrediças da alavanca e sacá-lo para a direita;

d) — cobertura: dar uma semi-volta para cima na borboleta do registro de segurança da cobertura e suspendê-la até que tome a posição perpendicular á caixa da culatra;

e) — culatra móvel: impulsionar, com a mão introduzida na caixa da culatra, a culatra móvel para trás depois de soltar o pino que a fixa na respectiva caixa e retirá-la do alojamento livre da chapa trazeira;

f) — cano com extensão: um servente deve empurrar o cano pela boca da peça, enquanto saca o pino e faz pressão sobre a mola do fecho

do cano pelo respectivo alojamento, retirando em seguida, pela parte traseira da culatra;

g) — extensão do cano: desligar a extensão do cano, fazendo girar a extensão no sentido do desatarrachamento, isto é, da direita para a esquerda;

h) — mecanismo da culatra; primeiro, retirar o extrator-ejetor, deslocando-se da direita para a esquerda, depois de estar na posição perpendicular à culatra móvel, sacando-se num movimento de baixo para cima;

i) — alavanca de armar: fazendo pressão sobre o seu eixo, da direita para a esquerda, com o saca-pino;

j) — calço do fiador: fazendo-se com que a ponta da alavanca seja imprensada para a direita até que seja parada e se estabeleça no seu alojamento;

k) — parada do fiador: mediante pressão sobre o fiador e puxando-a no sentido da esquerda.

B — DO FIADOR E MOLA

a) — Inicialmente deve ser libertado do respectivo registro de segurança, puxando-se para cima.

C — DO CONJUNTO PERCUSSOR

a) — Levantando-se a parte anterior e baixando-se a posterior do bloéo da culatra, o conjunto percussor se desprende facilmente.

D — DO FECHO DA CULATRA

a) — Retirar o acelerador: basta retirar o seu eixo impulsionando-o da direita para a esquerda com o saca-pino.

E — DO CONJUNTO PISTÃO

a) — Fazendo-se uso de uma chave universal, gira-se o pistão até que a parte chanfrada fique em coincidência com a mola do acelerador e mediante pressão (com os dedos) de frente para trás, retira-se o bloéo composto do cilindro e da mola recuperadora do cano.

VI — MONTAGEM

A — DA METRALHADORA

a) — A montagem como é natural, obedece á ordem inversa da desmontagem;

b) — na montagem do cano, atarracha-se completamente, retrocedendo-se depois de 7 dentes da serrilha do cano.

VII — TRANSPORTE

a) — No transporte da mudança de posição, a braços, os serventes conduzem a peça, executando as funções abaixo:

C2 solta as sobre-munhoneiras e a cavilha, recebe a peça dos C1 e C3, coloca nos ombros e condus á posição indicada.

C3 posto no corte da bôca, empurra a peça para trás, até que si que liberta da cavilha do fixador da mala do recuo. Vai, depois á direita, no centro, junto ao C2, auxiliar o C1 a suspender a metralhadora para colocar no ombro daquele.

C4 afrouxa os fixadores das pernas, separando-as do corpo do reparo e transporta em seguida á posição indicada. Imediatamente volta e auxilia o C5 a conduzir o reservatório cúbico e a mangueira do aparêlho, de refrigeração, assim como depois de disponivel dêsse trabalho, volta para buscar a munição.

C5 carrega duas pernas e volta, juntamente, com o C4 para auxiliar o transporte do aparêlho de refrigeração e da munição. O C3 carrega o pedestal.

C1 coloca-se junto a chapa trazeira, recebe a peça empurrada pelo C3, libertando-a da cavilha do fixador da mola do recuo, suspendendo com auxilio do C3, a metralhadora para ser colocada nos ombros do C2. O C. P. carrega uma perna.

b) — Na montagem ou em nova posição, os serventes procedem segundo se descreve abaixo: C4, com o corpo do reparo, C5 com as pernas fazem a ligação dessas peças. C1, na caixa da culatra; C3 no centro e á direita, recebem a metralhadora do C2 colocando-a nas munhoneiras. C2 fecha as sobre-munhoneiras e o respectivo registo, enquanto o C1 firmando no cano e apoiado no apôio do atirador empurra a metralhadora para a frente.

VIII — ESCOLA DA PEÇA

A — DA PEÇA

a) — A peça comprehende o pessoal, material e meios de transporte. O pessoal abrange os serventes motoristas; compondo o material, as metralhadoras, reservatório cúbico, cofres de munição e de acessórios, mangueira e viaturas motorizadas.

b) — A peça está em posição de tiro quando sobreposta sobre o reparo tem a bôca dirigida para o inimigo ou para a direção geral de tiro e os cofres de munição á esquerda na altura da caixa da culatra, o reservatório cúbico á retaguarda no lado esquerdo e com as mangueira ligadas no lado oposto ao do que se vai executar o carregamento.

c) — A direita ou esquerda da peça é determinada pela direita ou esquerda do C1 na posição sobre as pernas do reparo e recostado no apôio do atirador.

B — ESCOLA DOS SERVENTES

a) — A guarnição da metralhadora BROWNING é composta de 5 serventes e um chefe de peça.
(C1 — C2 — C3 — C4 — C5 e C.P.).

b) — O C1 — apontador-atirador — arma, trava e destrava a metralhadora, gradua a alça, coloca ou tira o aparelho de pontaria contra avião, faz as pontarias, inicia ou cessa o fogo e observa se o alimentador está em condições de funcionar perfeitamente.

c) — O C2 — carregador da esquerda — carrega a arma, fiscaliza o funcionamento da corrente de alimentação e a alimentação.

d) — O C3 — carregador da direita — adapta a sacola de lona para receber os cartuchos vazios, retira as coifas e capas da metralhadora, esvazia a sacola, carrega a corrente de alimentação e fiscaliza a alimentação quando estiver sendo realizada pela esquerda.

e) — O C4 — municiador — abre e fecha os cofres de munição, prepara as correntes de alimentação, zela pela munição e perfeito carregamento, distribue a munição ao C2, auxiliando-lhe a colocar os dispositivos de alimentação da arma para o tiro, observa se os acessórios estão completos e se há munição suficiente.

f) — O C5 — encarregado da refrigeração — enche o reservatório d'água, liga as mangueiras, examina o aparelho de refrigeração e aciona a manivela do reservatório cúbico durante o tiro, verifica se os braços das mangueiras estão perfeitamente ligados ao reservatório e à camisa d'água, observará também o estampido, renovando a água do reservatório se ele for muito forte, pois isto indica superaquecimento da arma.

g) — O C.P. — comandante da peça — fiscaliza e auxilia a execução dos trabalhos dos serventes de sua peça e verifica se a alma da peça está limpa, se as partes móveis estão limpas e lubrificadas, providenciando a lubrificação caso seja necessário, se o cilindro de óleo está cheio (importante), se o parafuso do amortecedor estabilizador central está ajustado em seu eixo, observa a exatidão na ajustagem do cano e verifica o estado de limpeza dos orifícios do aparelho de pontaria.

C — DA ESCOLA DA PEÇA

a) — Ao comando de "Guarnecer" os serventes ocupam rapidamente os seguintes postos:

C1 — sobre as pernas strazeiras e recostado no apôio do atirador;

C2 — junto ao alimentador da esquerda;

C3 — junto à sacola de lona, à direita;

C4 — junto aos cofres e caixa de acessórios;

C5 — à retaguarda do reservatório cilíndrico e

C.P. — à retaguarda do C1.

b) — ao comando de "Formar guarnição" os serventes vão em acelerado, formar a 6 passos à retaguarda do apôio do atirador, o

C1 no prolongamento d'este. C4 à direita e C5 à esquerda, na 2.ª fileira, C. P., C2 e C5 cobrindo os C3, C1 e C4, respectivamente;

c) — ao comando "Em ação", os serventes executam o comando de guarnecer, carregam a metralhadora, movimentam o aparelho de refrigeração e ficam prontos para iniciar, imediatamente, o tiro, em qualquer dos planos comandados;

d) — ao comando "Alto", interrompem, imediatamente, o trabalho e olham atentos para o instrutor;

e) — ao comando de "Continuar" prosseguem na execução do trabalho que estavam fazendo.

f) — ao comando "Peça formar" os serventes entram em forma em coluna por dois, serventes do C1 à esquerda e serventes do C. P., o direita;

g) — ao comando de "trocar postos" os serventes revezar-se-ão nos postos cujas trocas foram comandadas.

IX — INCIDENTES

A — DE TIRO

1) — Precauções: não fechar a coberta com a culatra móvel para trás;

2) — um cartucho perfeito não detonado não deve ser conservado no cano;

3) — verificar se o recuperador de óleo está cheio;

4) — não atirar com munição de alta velocidade sem o pistão próprio;

5) — falha — nega: puxe a culatra e solte, tente novo tiro;

6) — negou: verificar se a tampa está fechada, ajuste a cinta da munição e coloque a mão para verificar se os cartuchos estão no lugar apropriado, puxe a culatra para trás e solte;

7) — a cinta limenta: tente atirar, se ainda falhar troque a culatra;

8) — se a cinta não alimentou: levante a tampa e remova o primeiro cartucho da cinta e verifique se há um cartucho na câmara;

9) — se existir um cartucho da câmara, remova-o, carregue de novo e atire; se não existir, carregue de novo;

10) — estôpilha defeituosa;

11) — cartucho curto;

12) — cartucho defeituoso;

13) — orifício muito apertado na corrente de alimentação;

14) — culote muito fino, permitindo que a ogiva desça abaixo da câmara;

15) — cinta defeituosa;

16) — buraco vazio;

17) — munição mal alinhada na cinta;

18) — virela grossa ou amassada;

19) — falta de extração;

20) — extrator arranca o culote e o estojo fica na câmara;

- 21) — projétil solto na gola do estojo;
- 22) — percussor curto ou quebrado;
- 23) — mola do percussor fraca ou quebrada;
- 24) — ligação defeituosa entre percussor e fiaor;
- 25) — mola do fiaor quebrada;
- 26) — alavanca quebrada, torta ou gasta;
- 27) — mola da garra faltando ou fraca;
- 28) — pino da garra faltando ou fora da posição;
- 29) — mola do extrator quebrada, fraca ou faltando;
- 30) — alavanca de alimentação virada para cima ou fora do guia;
- 31) — extrator quebrado ou danificado;
- 32) — mola, faltando ou fraca;
- 33) — haste de ligação em forma de T danificada causando deslinhamento no culote do cartucho quando a culatra móvel vai à frente;
- 34) — mola do ejetor fraca;
- 35) — extensão do cano quebrada;
- 36) — mecanismo do gatilho defeituoso;
- 37) — desvio da culatra defeituoso ou quebrado;
- 38) — braço torto ou quebrado;
- 39) — coberta aberta.

X — OBSERVAÇÕES A REALIZAR

A — Das PRECAUÇÕES ANTES DO TIRO

- a) — Verificar si a alma do cano está clara e limpa;
- b) — si as partes móveis estão limpas e lubrificadas e se funcionam perfeitamente;
- c) — si o cilindro de óleo está cheio (importante);
- d) — si o parafuso do amortecedor está ajustado em seu eixo;
- e) — si o ajuste do cano está perfeito (7 estalidos em ordem inversa!);
- f) — si os orifícios do aparelho de pontaria estão limpos;
- g) — si o reparo está ajustado;
- h) — si a correia de alimentação está em condições;
- i) — a presença dos accessórios, colocados em lugar de uso;
- j) — si ha quantidade suficiente de munição.

B — DURANTE O TIRO

- a) — Observar o funcionamento de modo a prevêr as falhas e lubrificar as partes móveis quando necessário;
- b) — quando o estampido for muito forte, indica super-aquecimento, fazendo-se a refrigeração com água nova (fria).

C — DEPOIS DO TIRO

- a) — Desmontar a metralhadora;
- b) — colocar o cano em uma vasilha com água quente e sabão ou solução de sódia cáustica;
- c) — usar vareta de limpeza e trapo de flanela para enxugar a alma;
- d) — uma escoya de fio macio deve ser usada para remover as partículas que aderem à alma;
- e) — secar e limpar o cano, cuidadosamente;
- f) — aplicar uma fina camada de óleo lubrificante;
- g) — inspecionar constantemente e repetir o tratamento, até que a alma não mostre sinal de corrosão;
- h) — o óleo usado para a lubrificação da arma, é o óleo pesado de automóvel (camada fina) e com frequência.

D — DO ENCHIMENTO DO CILINDRO

- a) — Remover os parafusos do cilindro;
- b) — usar a almotaia cheia com óleo especial (fino);
- c) — enquanto o óleo continua a derramar, introduzir o bico da almotaia no cilindro até enchê-lo.

E — CUIDADO CONTRA GAZES

- a) — Durante o ataque cobrir a munição;
- b) — colocar óleo na metralhadora e reparo, para evitar a corrosão (efeito de 12 horas);
- c) — cobrir a metralhadora com a lona impermeável
- d) — depois do ataque, lavar todas as partes com solução neutralizante, na falta desta, lavar com solução de sódia cáustica, com água fervente, secar e cobrir com fina camada de óleo;
- e) — retirar todos os vestígios de gazes com solução e água, e secar cuidadosamente;
- f) — em tempo frio põe-se petróleo no óleo;

F — CUIDADO COM A MUNIÇÃO

- a) — Reparar as caixas quebradas;
- b) — só abrir para uso;
- c) — proteger contra areia, lama e água;
- d) — limpar sem polir;
- e) — não usar óleo ou graxa;
- f) — não permitir que a munição seja exposta a raios de sol;
- g) — guardar a munição traçante separadas das outras;
- h) — colocar 0m,20 do sólo para evitar a humidade;
- i) — em caso de incêndio, ficar a 200 metros, para cí
dentes produzidos pelos arrebentamentos;

XI — ACESSORIOS

A — CADA PEÇA POSSUE O SEGUINTE:

- a) — Caixa metalica;
- b) — chave T;
- c) — coleção de chaves conjugadas;
- d) — coleção de chaves de bôca;
- e) — saca-pino;
- f) — braçadeiras;
- g) — caixeta de munição;
- h) — sacola de lona para receber os estojos vazios;
- i) — maquina de carregar.



Banco do Distrito Federal S.A.

Fundado em 1919

Capital: Cr \$ 60.000.000,00

Reservas: Cr \$ 10.000.000,00

**PARA SERVIR AO COMÉRCIO
E À INDÚSTRIA DO BRASIL**

RUA DA ASSEMBLÉIA, 72-74 — RIO DE JANEIRO — TEL. 22-2116 (RÉDE INTERNA)

Inter-American — BDP-14

Sucursais, Agências e Cor-
respondentes nas prin-
ciais cidades do país.

Chocolates Gardano

BLOCK - MILK-MEL e TIJUCA

QUALIDADE INSUPERAVEL

A VENDA EM TODO O BRASIL

Chocolate Gardano S. A.

Rua do Senado, 184-B

—

Rio de Janeiro

Emprego Tático do Batalhão de Transmissões»

Ten. Cel. ADALARDO FIALHO — Biblioteca Militar. — 1945.

Acaba de ser posto em circulação em volume correspondente aos meses de Fevereiro e Março, o livro *Emprego Tático do Batalhão de Transmissões*, editado pela “Biblioteca Militar” e de autoria do Ten. Cel. Adalardo Fialho.

Trata-se de notas de aula professadas na Escola de Estado Maior pelo Ten. Cel. Fialho, Instrutor daquele estabelecimento de ensino militar.

O livro, como seu nome indica, estuda a ação do Btl. de Trns., no âmbito da Divisão de Infantaria, nas diversas situações da Defensiva e da Ofensiva. Todos os casos tratados são precedidos da apresentação de um tema de Divisão, acompanhado da respectiva solução, o que torna o trabalho interessante para os estudantes e candidatos à referida Escola.

CASA ALIANÇA Bancaria Ltda.

fundada em 1911

Saque, Câmbio, Moedas e Passagens

13-A — AVENIDA RIO BRANCO — 13-A

End. Teleg.: «TOPIN» — Telefones: 23-2215 e 43-7630

RIO DE JANEIRO

LIVROS NOVOS

PSICOLOGIA — RECRUTAMENTO — INSTRUÇÃO (SUGESTÕES)
— Ten. OTAVIO ALVES VELHO — Imprensa Militar — 1944.

(Conclusão)

Para terminar o Ten. Otavio Alves Velho formula umas sugestões no sentido de ser organizado, em novas bases, o ensino fundamental da Escola Militar. Nesse terreno colocamo-nos em divergência com algumas das suas propostas. Logo o exame de admissão, que inclue Português, Geografia, Historia do Brasil, Física, Química, Biologia Geral, alem de Aritmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria Retilínea, Desenho Projetivo e Noções de Geometria Descritiva, parece-nos sobrecarregado inutilmente. A nosso sentir o exame vestibular a um curso superior deve constar apenas de materias que vão ser necessárias ao desenvolvimento desse curso com maior amplitude que as outras materias do curso secundário. Assim, a Escola Militar exigiria mais livros e extensos conhecimentos de Matematica Elementar (naquele desdobramento previsto) e Desenho Projetivo. Julgamos também de bom alvitre a incorporação daquelas "Noções de Geometria Descritiva", como forma de aliviar o Curso Fundamental de uma disciplina

Das outras materias — Português, Geografia, Historia do Brasil, Biologia, colocam-se fóra do criterio que estabelecemos. São materias de interesse geral, estudadas no curso secundário em grau suficiente. Não ignoramos que, muitas vezes, são mal aprendidas, mas é óbvio que não devemos organizar o exame de admissão à Escola Militar levando em conta deficiências de execução do curso secundário.

8) — Cargo atualmente ocupado pelo autor do artigo.

9) — Como observação final não podemos deixar de externar nossa admiração pelo senso prático, progressividade e grande descentralização com que os norte-americanos levaram a cabo este notável programa aqui exposto.

Si essas deficiencias, porém, ocorrem, como é o caso atual, com uma frequência tal, que quasi se tornam *normais*, então caberia criar um curso previo o que, aliás, praticamente já existe, com as Escolas Preparatorias. Só não admitimos é que se promova uma verificação pré-escolar tão extensa, quasi a repetição, num unico lance, de todo o curso secundário pois que, exceptuadas as linguas estrangeiras, tudo o mais entraria no exame de admissão. Não cremos mesmo que, com tamanho volume de estudo, o resultado pratico fosse interessante. Provavelmente relaxar-se-iam as matérias de *segunda importância*, e só o estabelecimento dessa hierarquia já condenaria o sistema...

Somos, por princípio, até contrários à inclusão da lingua nacional nesse exame. Depois de estudá-la em todos os anos do curso secundário, sob todos os aspectos, a verificação parcial e apressada, nas provas de admissão, pouco dirá, ou facilmente iludirá. Seria, talvez, preferível, não só para cobrir possíveis deficiências vernaculas dos novos cadetes, como para ajustá-los ao tom e às exigências de clareza e concisão da linguagem militar, abrir-lhes no 1.º ano uma aula de lingua. Aí se faria, inicialmente, uma revisão dos conhecimentos essenciais à redação escorreita e ao domínio dos problemas correntes de linguagem. Depois ministrar-se-iam umas lições de Literatura Militar, desde a técnica de ordens e partes do serviço de rotina, até o estudo da linguagem dos regulamentos, dos diários de campanha, das ordens do dia, e mais documentos militares. Isto sim, contamos, seria mais proveitoso que uma arbitrarria e tateante prova na ante-sala da Escola.

Quanto à Física e à Química igualmente atreladas à longa fila de matérias vestibulares, bem compreendemos a intenção do autor, de vez que as vimos eliminadas do Curso Fundamental, com o recuo das Ciências Aplicadas para o 1.º ano.

Não nos convertemos, porém, a essa solução. A Física e a Química, justamente por serem matérias de larga aplicação no campo militar, devem ser revistas no Curso Fundamental, e mais do que revistas, devem ser estudadas com insistência em certas partes que vão ser solicitadas a fundo nas Ciências Aplicadas.

A podagem da Mecânica, a restauração da Geografia Militar da América do Sul, a introdução da Eletrotécnica, bem como da História Militar do Brasil, além das matérias cujos direitos são a própria razão de ser do ensaio do Ten. Alves Velho, são iniciativas merecedoras do nosso franco aplauso. Voltamos, todavia, a discordar do autor é quando surge o enunciado da 4.ª aula do 2.º ano: "Noções de Sociologia Geral e de Direito Constitucional".

Em primeiro lugar julgamos que não devem constituir uma só aula, a Sociologia e o Direito. São duas matérias perfeitamente auto-

nomas: a primeira, puramente especulativa, investiga fatos, fenômenos de relação, ao passo que o Direito é exclusivamente normativo. Não ha como juntá-las, até porque os professores devem ser diferentes.

No tocante ao Direito, isoladamente, observaremos que o enunciado "Direito Constitucional" não cobre com precisão todo o campo a explorar. Seria, preferível dizer "Direito Público e Constitucional", porque ficariam então implícitos dois sentidos: o lato, quando se trata das normas que regem o Estado considerado força social a serviço do Direito, e ai temos a teoria jurídica do Estado; o sentido restrito, quando estuda a estrutura constitucional de determinado Estado.

Notamos também que foram esquecidas duas partes complementares essenciais, do estudo de Direito proposto para os nossos cadetes: o Direito Penal Militar e o Internacional (público).

Por fim, repelimos a colocação do "Direito" no 2.º ano do Curso Fundamental. Verdade é que essa era a posição clássica, consagrada desde a Praia Vermelha, e que prevaleceu no Realengo durante muitos anos, até que uma recente reforma a recuasse para o 1.º ano. Ora, o "Direito", no curso da Escola Militar, é uma cadeira destinada, sobretudo, a abrir horizontes, a estabelecer contacto com os problemas fundamentais da organização do Estado. Por ele, na parte doutrinária, forra-se o oficial com uns tantos conhecimentos que o habilitarão, no futuro, a orientar-se e firmar seus próprios princípios políticos. E das sementes lançadas no curso de "Direito", na E. M., vai depender em forte escala, podemos estar certos, muito do equilíbrio político nacional. Com efeito, se os problemas básicos da estruturação estatal são a apresentados e discutidos perante as sucessivas turmas de próximos oficiais, sem subordinação a interesses mesquinhos, mas à luz da experiência universal, fixada na doutrina dos tratadistas, é claro que o Exército terá esmagadoras possibilidades de discernir, e já não será possível acumpliciá-lo ou utilizá-lo para subverter os valores estabelecidos da organização política da nação. Nesse aprendizado formar-se-á a parte do cidadão que deve haver na mentalidade de todo militar, afim de que este não venha a ser simplesmente militarista.

Quantos equívocos, decepções e dificuldades poupar-se-iam ao Brasil se esse resultado fosse alcançado! Pois bem, para obtê-lo, umas das condições primordiais seria uma localização mais racional do "Direito" na seriação escolar. O 1.º ano é, seguramente o ano mais penoso para o cadete. Se de um lado ele é impulsionado pelo entusiasmo do ingresso recente na Escola, de outra parte enfrenta uma adaptação difícil — intenso trabalho físico paralelo ao maciço estudo de ciências matemáticas. Dificilmente o estudante se alçará das disciplinadas deduções algebricas, dos misteriosos rebatimentos da Descritiva, ou dos arrevesados problemas da Física, para as especulações sobre a origem do Direi-

to, os elementos do Estado, o conceito de soberania, as formas de governo, a divisão de poderes, o sufrágio, a evolução constitucional do Brasil. E ainda quando o estudante consiga ter razoável aproveitamento nessa matéria tão vasta, tão cheia de sugestões e de oportunidades para a investigação pessoal, em oposição às outras, essencialmente limitadas, matérias feitas, numa rotina de teoremas, fórmulas e questões típicas, ainda quando consigna subjugar o peso desse contraste e mais a mentalidade, que necessariamente se forma, de que as matérias *importantes* são as do gênero que está em predominância, pouco ou nada subsistirá como sedimento cultural na formação do cadete, que atravessará mais dois anos de estudos especializados.

O "Direito ministrado no 2.º ano padece, a nosso ver, desses mesmos inconvenientes, embora naturalmente atenuados. No 3.º ano é que ficaria verdadeiramente bem situado. A essa altura a matemática já está em minoria; o estudo de "Direito" então se empareiraria com o de outras matérias de *embromação*, como se diz na linguagem escolar. O cadete, por seu turno, está com uma mentalidade mais favorável, já terá curiosidade pelos assuntos da cadeira, reconhecerá facilmente, em muitos dos problemas ventilados em aula, os seus próprios problemas de consciência e de conduta civil, na atividade profissional que vai inaugurar. Além de tudo sairá da Escola com noções frescas, que se ampliarão, ou quando menos, se cristalizarão, ao contacto com o meio *exterior*, e sob os estímulos da autonomia que vai ter, ao passar bruscamente do regime de internato, subordinação 100% e aprendizado, para o de ar livre, comando e instrutor.

Havemos de convir que se o "Direito" foi ministrado no 1.º, ou mesmo no 2.º ano, nenhum desses resultados se alcançará. Ficará matéria soterrada, esquecida, privada de qualquer sentido prático, pela imensa solução de continuidade entre o momento do estudo e a oportunidade da aplicação.

Parece-nos que uma simples consideração arredaria quaisquer dúvidas sobre a distribuição do "Direito" na seriação do curso da E.M.: é a da principal finalidade da matéria, que é alertar e orientar o futuro aspirante, com respeito às questões de estruturação estatal, tão estreitamente ligadas, em certo sentido, à própria função do Exército.

Estamos, porém, debatendo fóra de tempo todas essas graves questões, pois que, agora mesmo, foi posto em vigor um novo Regulamento para a Escola Militar de Rezende, o qual não consagra nenhuma das reformas sugeridas no ensaio do Ten. Otávio Alves Velho. Em todo caso, as suas idéias ficam registradas, e terão sempre o prestígio das coisas justas e poderosamente fundamentadas. E, em qualquer tempo que se reforme a organização do curso de formação dos nossos oficiais, o legislador avisado há de recorrer a esse estudo audacioso, que hoje não ultrapassou o destino de agitar e criar o caso...

REVISTAS EM REVISTA

a "REVISTA DE CABALLERIA" do Chile — Número de Julho-Agosto de 1944. — "A INCOGNITA DO ATAQUE ALEMÃO À RUSSIA" — Pelo Ten. Cel. MARCIAL VERGARA GUEVARA.

Quando a Wehrmacht chega às últimas consequências de sua derrota que é a mais completa e a mais severa já imposta a uma força das suas proporções e prestígio, será interessante examinar, não propriamente as causas dessa derrota, mas os motivos que conduziram os chefes nazistas a um passo que se constituiria em fator preponderante dela, isto é, o ataque à Rússia.

E o que se propõe esclarecer o articulista da "Revista de Caballeria".

Inicialmente diz o Ten. Cel. Marcial Vergara Guevara que não apenas uma simples curiosidade o impulsionou nessa pesquisa. Em verdade, assinala ele, o esclarecimento dessa questão, isto é, a fixação dos motivos que levaram os alemães a considerar necessário o ataque à Rússia, contra a sua doutrina de não engajar-se em duas frentes, equivale a apreciar a situação da Alemanha.

Sabe-se hoje, afirma o articulista, que planos táticos e técnicos utilizados na campanha da Polônia e na batalha da França foram delineados muitos anos antes da guerra e aperfeiçoados, tanto no referente amaterial como a métodos, durante a guerra civil espanhola. Parece certo que o Alto Comando germânico tinha bons conhecimentos sobre o poderio soviético. Assim se explica que o exército alemão tenha entregue aos russos grande parte dos territórios ocidentais da Polônia e tenha permitido que os soviéticos, instalando-se nos Estados bálticos

transformassem o que antes era um facil caminho da Alemanha para Leningrado, num poderoso baluarte fortificado. Quando a Russia arrebatou Hangoe à Finlândia, obstruindo a rota marítima para Leningrado, os alemães tambem tiveram que conformar-se, embora sabendo que desse modo os russos melhoravam a sua posição estratégica contra a futura pressão da Alemanha.

Antes de começar a guerra o Estado Maior alemão informou a Hitler que as possibilidades alemãs de vitória dependiam de a Rússia manter-se neutra. Revela o "Livro Amarelo" francês, que o embaixador da França em Berlim, M. Coulondre, informou em 1.^o de junho de 1939, baseado em elementos fornecidos por personagem ligado a Wilhemstarse, ter o "fuehrer" perguntado ao Gen. Keitel, chefe do Estado Maior, e ao Gen. Von Brauchitsh, comandante em chefe do Exército, se ao ver deles, nas condições existentes, um conflito armado teria resultados favoráveis à Alemanha. Ambos opinaram que muito dependia da circunstância de a Rússia manter-se ou não neutra, porque se a Alemanha tivesse que lutar contra a nação soviética não poderia alimentar muitas esperanças de êxito.

As conquistas territoriais da Rússia, no primeiro período da guerra, não tiveram outro escopo que o de formar uma cortina amortecedora, destinada a absorver os golpes germânicos enquanto se completaria a mobilização russa.

O exército alemão estava, indubitablemente, em melhor posição que nenhum outro para apreciar a potência exata do exército russo. O Alto Comando alemão iniciou o desenvolvimento de sua teoria sobre guerra mecanizada antes de Hitler subir ao poder. Os oficiais da Reichwehr anteriormente ao advento do regime nazista fizeram estagios de estudo no Exército Vermelho e missões militares russas frequentaram as escolas da Alemanha.

Com respeito à aviação a cooperação russo-alemã foi também intensa. Durante os anos de 37 e 38 as revistas de aeronáutica comentavam e dissertavam livremente sobre os problemas de aviação na Rússia, com o apoio de elementos técnicos

dessa nação. O regulamento russo para o emprego da aviação foi amplamente difundido na Alemanha. E uma análise das operações aéreas alemães na atual guerra sugere, diz o articulista, que a maioria delas teve por modelo o regulamento russo, seja nas operações independentes da força aérea, seja nas operações táticas em cooperação com as forças terrestres. E isto nada tem de surpreendente se tivermos em conta que a maioria dos generais mais destacados da Luftwaffe aprenderam suas primeiras lições, no concernente à guerra aérea, na Rússia, antes de 1933, quando o Alto Comando alemão e russo trabalhavam em estricta colaboração para organizar as suas forças armadas.

E, pois, evidente que o Estado Maior alemão estava certo de que o Exército Vermelho constituía um inimigo formidável. Talvez, impressionados por suas fáceis vitórias na Polônia e na França, os alemães tenham em um dado momento, menosprezado o Exército russo; mas, de certo, nunca o acreditaram uma presa fácil. A propaganda alemã de que "a Wehrmacht podia atravessar a Rússia como uma faca na manteiga", desempenhou naturalmente papel de certa importância ainda quando os alemães puderam estar melhor informados. Esta propaganda, e isto é muito esclarecedor, visava depreciar o valor da aliança com a Rússia e provavelmente retardou por meses o envio de abastecimentos aos exércitos vermelhos.

A teoria mais aceita é a de que os alemães atacaram a Rússia para assegurar-se os abastecimentos de que necessitavam. Esta teoria é lógica e encerra, inquestionavelmente, parte da verdade. Sem embargo, o desejo de apoderar-se de fontes de abastecimentos não pode, de nenhum modo, explicar todos os motivos do ataque. Como se sabe, a Alemanha estava recebendo alguns abastecimentos da Rússia, antes de atacá-la. Ao mesmo tempo alguns materiais estratégicos vinham do extremo Oriente através da Transiberiana. A invasão da Rússia logo suspenderia, ao menos por algum tempo, esses abastecimentos. Por outro lado, o Estado Maior alemão conhecia a tática russa

de "terra arrazada", de sorte que não podia haver dúvida que os territórios ocupados não dariam rendimento imediato.

Em 1941 os alemães sabiam que na Rússia não existia 5^a coluna alemã e sabiam que não podiam esperar auxílio popular de nenhuma espécie, o que bem se patenteia no fato de nem ao menos terem tentado estabelecer governos títeres nos territórios ocupados.

Com a invasão da Rússia não sómente existia o risco de perder as importações dessa origem sem ganhar novos recursos, como também o combate em larga escala constituiria um peso do desgaste dos recursos e reservas alemãs. As forças necessárias a uma campanha na Rússia tinham que ser pelo menos o dobro das forças utilizadas contra a França. Com esse imenso esforço humano se ressentiria a produção alemã pela falta de braços. Nos Balcãs também a mobilização de soldados rumenos, hungaros e bulgaros esgotaria as forças de trabalho e reduziria a produção a serviço dos alemães.

Se o motivo primordial da invasão da Rússia pelos alemães foi assegurar-se dos recursos russos, e já que a campanha resultou num tremendo desgaste dos recursos nazistas, sem que fosse alcançado um proveito substancial, os abastecimentos do Exército alemão deveriam estar quasi esgotados. Mas o certo é que só no verão de 1942 a situação alemã de abastecimento começou a tornar-se má. Opinam, porém, os entendidos na economia alemã que, não fôra a guerra contra a Rússia, a Alemanha poderia fazer frente à guerra quasi indefinidamente.

Assim, Hitler teve um motivo poderoso para atacar a Rússia. E este motivo o articulista pretende que esteja enunciado no seguinte trecho de um discurso de Hitler, na manhã da invasão :

"Enquanto nossos soldados, desde 10 de maio de 1940, destruíam no oeste o poderio franco-britânico, continuava em nossa fronteira oriental o desenvolvimento militar russo em proporções cada dia mais ameaçadoras."

Assim, Hitler invadia a Rússia não para criar uma nova frente, senão para eliminar uma segunda frente já existente em

potencial. Churchill, colocando a Inglaterra ao lado da Rússia, imediatamente após o ataque germânico, teve as seguintes considerações :

“Quando falei da ansia de sangue que animava Hitler e dos odiosos apetites que o impeliam ou tentavam à aventura russa, expressei que havia um motivo mais profundo por trás de seu ultraje. Deseja ele destruir a potência russa porque espera que, alcançando êxito, poderá transferir a potência máxima do seu exército e da força aérea do leste para atacar esta ilha que sabe deve conquistar ou sofrerá o castigo de seus crimes.”

Se se aplica a definição de Clausewitz, de que a guerra é “continuação da política por meio da força”, o ataque alemão à Rússia se apresenta como uma continuação violenta da luta silenciosa que se vinha desenrolando por meios diplomáticos desde o princípio da guerra.

A história da guerra atual não difere muito da história da guerra de 1914-18. A Alemanha teve o mesmo problema em ambas as guerras (inimigos em duas frentes) e tratou de resolvê-lo de forma, até certo ponto, análoga. Em 1914 e 1939 o Estado Maior alemão viu claramente que a vitória podia ser obtida mais depressa na frente ocidental. Então, enquanto se derrotava o inimigo no oeste procurava-se ganhar tempo cedendo terreno no leste. Desse modo, em 1914, os alemães estavam dispostos a ceder a Prussia Oriental, se necessário, ao passo que 1939-40 entregaram uma parte da Polônia, os Estados Bálticos e posições estratégicas na Filandia, Bessarabia e Bucovina do norte.

Em 1914 a batalha do Marne, que devia ter aniquilado os franceses falhou em parte porque três corpos de Exército foram retirados da França para fazer frente à invasão russa no leste. Em 1940 os alemães conseguiram aniquilar os franceses antes que os russos pudessem influir na batalha, isto não só devido ao seu acelerado ritmo, como porque os russos superestimaram a resistência francesa e porque o incidente de Munique havia por tal forma abalado as relações franco-russas que não havia um plano conjunto de ação. Depois da derrota da

França os alemães se prepararam para atacar a Inglaterra que estava praticamente desarmada. Mas nesta altura, enquanto os britânicos se dispunham a vender suas vidas o mais caro possível, entrou em ação uma aliança formal entre os Estados Unidos e a União Soviética. Ambas compreendendo que seus interesses estavam ligados à resistência britânica entraram a prestar-lhe auxílio. Os Estados Unidos proporcionaram armas à Inglaterra, ao passo que os russos realizaram grandes concentrações no leste para atrair forças alemães, afastando o maior número possível delas do canal.

No inverno de 1940-41 Hitler tentou subjugar a Grã-Bretanha cortando as suas linhas de abastecimentos, mas fracassou devido à vigorosa defesa britânica e à ajuda americana. E quando os Estados Unidos anunciaram em 30 de abril de 1941 que patrulhariam as zonas de defesa americana no Atlântico Norte, os alemães tiveram que escolher entre acautelarem-se na campanha submarina ou correrem o risco de arrastar os norte-americanos à guerra. Em 1917 haviam assumido esse risco, em 1941 recuaram.

Um ataque à Russia se apresentava, assim, com muitos atrativos para os alemães. O Estado Maior alemão esperava destruir o Exército Vermelho antes que a Inglaterra estivesse suficientemente forte para voltar ao continente. E uma vez eliminada a frente russa, as forças militares alemães seriam lançadas maciças, sobre as Ilhas de Churchill.

O ataque alemão à U.R.S.S. foi, pois, na opinião do ariulista, uma desesperada tentativa para eliminar a frente oriental, que sempre existiu, embora permanecesse em estado potencial até junho de 1941.

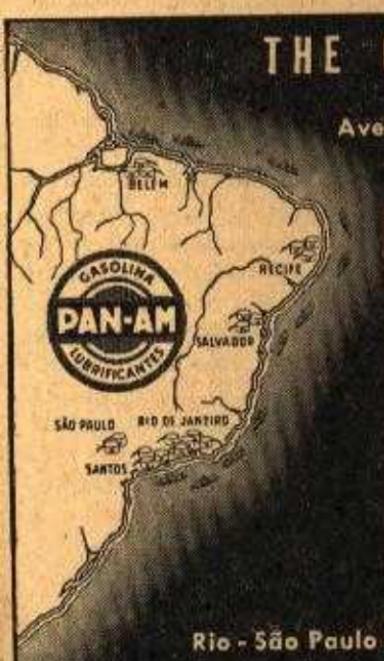
Que pensar da tese do Ten. Cel. Marcial Vergara Guevara?

Por certo é procedente. Mas não exclue algumas ideias que devemos reter: I — A Alemanha sempre pretendeu atacar a Rússia; separou-a dos franco-britânicos afim de que pudesse destruí-los em segurança. II — Não podendo subjugar a Inglaterra no mesmo impulso que prostou a França, decidiu aproveitar-se da incapacidade ofensiva dos ingleses para eliminar

a Rússia; depois voltar-se-ia de novo contra as ilhas, podendo inclusive emprender a guerra longa, de desgaste e bloqueio, ao geito dos ingleses, pois teria à sua disposição todos os recursos do continente europeu e mais os que a Rússia inteira lhe proporcionaria. III — Subestimou o poderio militar vermelho, a começar pelo que se refere ao valor dos seus chefes. IV — A vez dos Estados Unidos serem atacados chegaria fatalmente nessa escala de um por um.

THE CALORIC COMPANY

Matriz - Rio de Janeiro
Avenida Presidente Wilson n.º 118



Fornecedor há longos anos de óleo combustível e óleo Diesel às principais linhas brasileiras de navegação, com entregas rápidas feitas por meio de encanamentos e chatas-tanque. THE CALORIC COMPANY está colaborando com as marinhas de guerra das Nações Unidas, e estará em condições para prestar seus serviços à navegação mundial no após-guerra.

DEPÓSITOS:

Rio - São Paulo - Santos - Salvador - Recife - Belém
Representantes nas principais cidades do país.

Toda a cidade compra
LOUCURAS DE MAIO DE 1945
O CAMIZEIRO

BOLETIM

"O Cruzeiro do Sul", jornal da F.E.B., editado no front, estampa no número de 1.º de março próximo passado, na sua principal coluna, um artigo intitulado: "Desleais, deshumanos e traiçoeiros". Aí são narrados e comentados, com as expansões de revolta de quem os sofreu, todos os monstruosos crimes dos soldados alemães.

Eis a palavra do órgão da F.E.B. :

"A conquista do Monte Castelo permitiu comprovar os processos desleais e deshumanos dos inimigos. A poucas dezenas de metros das posições alemães foram encontrados 42 corpos de camaradas nossos mortos nos primeiros assaltos. Mais de dois meses ficaram insepultos. A neve chegou para cobri-los e protegê-los; desapareceu agora, nas vésperas do último ataque, para revelá-los aos que vinham vencer e vingar. Os alemães deixaram-nos insepultos, indiferentes aos sentimentos de piedade cristã e de respeito aos bravos o que, em qualquer país civilizado, é ponto de honra para os militares."

"Ainda mais. A ignomínia e a selvageria dos que se intitularam senhores do mundo, excede a qualquer expectativa. Os seus próprios mortos foram utilizados para preparar traiçoeiras armadilhas. Cadáveres alemães foram deixados no terreno para que os brasileiros os recolhessem. Sob êles, porém, a tirania e a deslealdade se uniram ao colocar "booby-traps" para matar aqueles que desejassem recolhê-los e dar-lhes sepultura."

"São assim os nossos inimigos" — exclama "O Cruzeiro do Sul", ao cabo de descrever em minúcia os seus revoltantes processos de combater. E dizer-se que em dado momento, quando ainda estávamos à margem da luta, alguns camaradas se iludiram sobre o valor e a honra desses nazistas que hoje ferem tão rudemente os nossos sentimentos de soldados e de homens.

* * *

Esta guerra tem sido uma voraz devoradora de generais. Ingleses, americanos, russos, alemães, perderam notáveis chefes no correr das operações. Sobretudo os dois últimos exércitos, o soviético e o nazista, foram mais sangrados no seu alto comando. E entre as baixas alemães inclui-se a do Marechal Rommel.

Singular destino teve esse famoso rival de Montgomery.

Atingiu o apogeu da sua carreira na luta do Deserto e na luta do Deserto sofreu a sua maior derrota: El Alamein.

Foi como comandante da 7.ª Divisão Panzer, no ataque contra a França, que apareceu; a 7.ª, apelidada "Divisão Fantasma", foi a primeira a ir até o mar em Abbeville. Pois bem, na França, em 1944, bati-

do e incapaz de sustar a marcha da invasão, foi Rommel ferido de morte e encerrou sua carreira.

* * *

As instruções sobre o prêmio que a Biblioteca Militar vai instituir para comemorar o Tri-centenário das batalhas dos Montes Guararapes, ao qual já nos referimos aqui, prescrevem o seguinte :

- 1.º — O trabalho deve abranger as duas incursões: Baia e Pernambuco.
- 2.º — Deve conter a obra de 200 a 400 páginas de 60 linhas dactilografadas cada página. A cartografia deve ser apropriada.
- 3.º — O estudo será feito do ponto de vista político, econômico e militar.
- 4.º — Haverá um capítulo especial sobre o armamento dos beligerantes e o modo de combater da época.
- 5.º — As duas batalhas devem ser descritas em capítulo próprio e com minúcia.

* * *

Ninguem mais que o Presidente Roosevelt merecia ver a conclusão da grande vitória de que foi um dos esteios, e o mundo tanto precisava do seu idealismo, de sua força moral e da sua experiência para a organização de pa.

* * *

Algumas números sobre o auxílio dos E.E. U.U. à Rússia: até 1 de dezembro, haviam sido fornecidos 331.000 veículos a motor, sendo 45.000 "jeeps"; até novembro 1.045 locomotivas, 7.164 vagões abertos, 1.000 fechados 100 vagões-cisternas, 2.120.000 toneladas de aço, das quais 478.000 em trilhos e 110.000 em rodas e eixos, 638.000 toneladas de produtos petrolíferos, 12.200 aviões, 135.000 metralhadoras, 294.000 toneladas de explosivos, 6.000 "tanques", 1.800 canhões de auto-propulsão, 11.000.000 de pares de botas, 97.000.000 de jardas de tecidos de algodão, 50.000.000 de jardas de tecidos de lã (dados da Administração da Economia Exterior).

Se só isso foi cedido à Russia, calculemos o que terá sido a produção norte-americana...

* * *

O Comandante do V Exército, General Lucian Truscott, condecorou 6 membros da F.E.B. com a Estréla de Prata e 21 com a Estréla de Bronze.

Foram condecorados postumamente, com a Estréla de Bronze, o sargento José Carlos da Silva e o soldado João Peçanha de Carvalho, ambos do 1.º Regimento, que pereceram em combate. O 1.º tenente Emílio Vároli, do 11.º Regimento, que está desaparecido, foi também condecorado com a Estréla de Bronze. A Estréla de Prata foi concedida ao capitão João Tarciso Bueno, capitão Salvador Gonçalves Mandin, os quais já foram evacuados para o Brasil. A Estréla de Bronze foi concedida ao segundo tenente Mário Cabral de Vasconcelos, que também já foi eva-

cuado para o Brasil. Outros condecorados com Estréias de Prata foram o capitão Argen de Monte Lima, 1.º tenente José Alípio de Carvalho, 1.º tenente Apolo Miguel Rest, 3.º sargento Antônio Gonçalves Dias. Foram também condecorados com Estréias de Bronze o tenente-coronel Silvino Castro de Nóbrega, capitão João Augusto dos Reis, capitão Alvaro Felix de Sousa, capitão Lídio Mazza Kotarsky, 1.º tenente Glauco Castro e Silva, 2.º tenente Raimundo Nonato Ribeiro da Silva, 2.º tenente Osvaldo Pinheiro de Mendonça, 3.º sargento Max Wolff Filho, cabos José Leite Rios e José Vicente de Assunção, soldados Sergio Pereira, soldado Guaraci Goulart de Oliveira, soldado Antônio Fernandes de Sousa, soldado Joaquim Afonso dos Santos, soldado Manuel Prates Filho e soldado Antônio Barbosa da Silva.

* * *

Escreveu Hermes Lima, no "Correio da Manhã", a propósito de "Formação da Sociedade Brasileira", recente livro do Cap. Nelson Werneck Sodré, publicado na "Coleção Documentos Brasileiros".

"O livro de Nelson Werneck Sodré é digno da mais atenta leitura. E' já livro de pensamento amadurecido no estudo da história econômico-social do país, todo informado de interpretação, que marca, aliás, as melhores contribuições da nossa moderna inteligência em tais domínios. Cheio de ideais, denso de sugestões, oferecendo largas e seguras perspectivas do nosso desenvolvimento é, sem dúvida a melhor obra até agora escrita pelo autor, que, aliás já se afirmara em volumes anteriores, um investigador lúcido do nosso passado, de nossas tendências e das correntes de nossa formação sociológica."

* * *

O Exército Canadense acha-se representado nas frentes de batalha desta guerra, por 2 Corpos de Exército compreendendo 3 Divisões de Infantaria e 2 Divisões Blindadas, além de numerosas unidades auxiliares, a cujo cargo ficam as comunicações, serviços de saúde, etc.

O primeiro contingente do Canadá desembarcou na Inglaterra em dezembro de 1939.

* * *

Entre outubro e março últimos, as baixas brasileiras na Itália orçaram em 53 oficiais e 1.040 praças feridos; 6 oficiais e 261 praças mortos; 1 oficial e 112 praças desaparecidos.

Eis um retrato por demais expressivo do que têm sido as tarefas cometidas à F.E.B e das disposições daqueles que a integram.

* * *

Quando começará a funcionar a usina de Volta Redonda?

Responde-nos uma ampla e autorizada reportagem, estampada no último número (março) de "O Observador Econômico e Financeiro".

"A coquera e o alto-forno estão praticamente prontos. A aciaria poderá acender dois fornos nestes próximos meses. Não há, porém, ainda uma data certa para a montagem do trem desbastador, cujas peças estão começando a chegar ao Rio; o ferro-gusa deverá ser produzido três

meses antes do inicio do funcionamento do laminador desbastador; será fabricado gusa, para estoque, trabalhando o alto-forno com 60% de sua capacidade; mês e meio depois serão acesos os fornos de aço que produzirão lingotes para estoque; mês e meio após o começo de operações dos fornos Siemens-Martin é que se começará a desbastar".

* * *

A Biblioteca Militar vai distribuir, a partir do mês de abril, a "Military Review", em edição traduzida para o português.

Preço da assinatura anual — Cr\$ 60,00.

CAIXOTARIA BRASIL Ltda.



RUA GENERAL CAMARA, 313
Rio de Janeiro

Snsr. Oficiais! Ide viajar?
Procurai a «Caixotaria Brasil»
Trabalha 90% para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento sem compromisso.

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

**MARMORES E GRANITOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS**

MARMORARIA CARIOPA LTDA.

ESCRITÓRIO E OFICINAS
AV. SALVADOR DE SÁ, 18

TEL. 22-6515

RIO DE JANEIRO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

TOS OFICIAIS RELATIVOS AO MINISTÉRIO DA GUERRA PUBLICADOS NO "DIARIO OFICIAL", NO PERÍODO DE 20 DE FEVEREIRO A 20 DE MARÇO DE 1945

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Passa a ter)

O Núcleo da Divisão Moto-Mecanizado passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25, do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

Aviso n.º 637 de 13 — D. O. de 15-3-945.

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO (Adoção)

Fica adotada no Exército a "Canção do Expedicionário", de autoria de Alda Caminha e Luiz Peixoto.

Aviso n.º 520 de 28-2 — D. O. de 2-3-945.

CERTIFICADO DE ISENÇÃO DO SERVIÇO MILITAR (Ordem)

Para os efeitos do disposto nos artigos 2.º e 4.º do decreto-lei n.º 1.801, de 23 de novembro de 1939, o certificado de isenção definitiva do serviço militar em tempo de paz substituiu o certificado de reservista de 2.ª categoria, consoante o princípio firmado nos artigos 39 do Decreto-lei n.º 1.202, de 8 de abril de 1939, e 218 da Lei do Serviço Militar.

Aviso n.º 453 de 20 — D. O. de 22-2-945.

CERTIFICADO DE RESERVISTAS (Solução de consulta)

O Comandante da 5.ª Região Militar em telegrama n.º 78, de 25 de janeiro findo, declarando que o Depósito da Força Expedicionária Brasileira levou para o exterior certificados de reservistas de praças que voltaram posteriormente àquela Região Militar por motivo de incapacidade física, consulta como devem as unidades proceder por ocasião da exclusão dos reservistas.

Em solução declaro que, para não deixar as praças em questão, uma vez excluídas, sem o certificado de reservistas, deve-se-lhes fornecer outro, em caráter excepcional. Os certificados que se acharem em poder do Depósito devem ser enviados à Diretoria do Recrutamento, para incineração.

Aviso n.º 451 de 0. — D. O. de 22-2-945.

CINTO DE LONA (Determinação)

Em aditamento ao Aviso n.º 3.396 de 28 de outubro do ano findo, determino que:

CURSO DE FORMAÇÃO (Matrícula)

Tendo-se em vista que vários cursos irão funcionar na Escola de Saúde, determino que os candidatos aprovados no último concurso sejam matriculados, ainda no corrente ano, no Curso de Formação, ficando, assim, insubsistente o Aviso n.º 215, de 25 de janeiro de 1945.

CURSO DE MONITORES (Determinação)

Atendendo às considerações apresentadas pela Diretoria de Ensino do Exército, determino o funcionamento, na Escola de Educação Física do Exército, do Curso de Monitores, com início a 1 de maio do corrente ano e com a matrícula de 100 praças, assim distribuídas:

60 do Exército;
20 da Aeronáutica;
20 das Forças Auxiliares.

As matrículas deverão ser efetuadas de conformidade com o respetivo regulamento e as vagas destinadas às Forças Auxiliares serão distribuídas, de acordo com as solicitações, pela Diretoria de Ensino do Exército.

Aviso n.º 592 de 10 — D. O. de 13-3-945.

DESTACAMENTO DE EMBARQUE DE PIRAPORA (Extinção)

I — Em aditamento ao aviso n.º 512 de 27 de fevereiro de 1945, é extinto o Destacamento de Embarques de Pirapora, criado pelo Aviso n.º 1.365 de 1 de junho de 1943.

II — O pessoal e o material deve ser recolhido ao Serviço de Embarque do Pessoal do Ministério da Guerra.

III — As viaturas deverão ser entregues à 4.ª Região Militar que decidirá quanto ao seu destino.

Aviso n.º 586 de 5 — D. O. de 7-3-945.

DEPÓSITO DE MECANIZAÇÃO (Criação)

Ficam criados os Depósitos de Motomecanização de Recife e de Porto Alegre, na conformidade da letra b do art. 3.º do Regulamento para o Serviço de Material Automóvel do Exército, aprovado pelo decreto n.º 14.071, de 25 de novembro de 1943D.

O presente decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 18.039 de 9-3-945 — D. O. de 12-3-945.

DISTINTIVO (Aprovação)

Aprovo o modelo do distintivo do Curso de Enfermagem em Transportes Aéreos.

DISTRIBUIÇÃO DOS OFICIAIS DO QUADRO DO ESTADO MAIOR DA ATIVA**(Aprovação)**

O Diário Oficial n.º 46 de 26-2-945 — (página n.º 3095) publica o aviso n.º 479 de 22 do corrente, que aprova a distribuição dos oficiais do Quadro de Estado Maior da Ativa, organizado para o ano de 1945, pelo Estado Maior do Exército.

DOAÇÃO DE SANGUE (Recomendação)

Considerando a importância que na guerra atual assumiu o plasma sanguíneo e sobretudo o plasma seco, preciosa arma terapêutica de que não mais podem prescindir os Exércitos em Campanha;

Considerando que o Serviço de Saúde já dispõe de aparelhagem moderna para a fabricação do dito plasma seco;

Considerando que, para obter esse objetivo, necessário se torna incentivar a doação de sangue total;

Considerando que a doação de sangue por parte de cada militar representará o mais eficiente e patriótico tributo prestado aos camaradas que se batem pelo Brasil em terras de além-mar;

Recomendo aos comandantes de unidades administrativas que se empensem por todos os meios possíveis, junto aos seus comandados, no sentido da intensificação da doação de sangue total e de plasma seco, para atender ao Serviço de Saúde das nossas tropas, não só em plena campanha, como nas atividades comuns do tempo de paz.

Aviso n. 533 de 5 — D. O. de 6.3-945.

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS (Determinação)

Atendendo às sugestões do Estado Maior do Exército, determino que as Escolas de Formação de Oficiais, remetam às Circunscrições de Recrutamento interessadas, todos os anos, após as matrículas, relação nominal dos alunos matriculados, com discriminação do Município de origem, classe e filiação, bem assim no decorrer do ano, as alterações no caso de ocorrer exclusão, por qualquer motivo.

Aviso n. 556 de 7 — ! D. O. de 9-3-945.

ENGAJAMENTO E REENGAJAMENTO DE SOLDADOS (Fixação de quadros)

I — De acordo com os arts. 141 e 142, da Lei do Serviço Militar, fixo, para o ano de 1945 e tendo por base os quadros de efetivos aprovados, as seguintes percentagens de engajamento e reengajamento de soldados nas 1.ª, 2.ª 3.ª Zonas:

80% — Unidades e Sub-Unitades de Fronteira;

60% Contingentes dos Estabelecimentos e Repartições Militares;

50% — Unidades de Guardas; Unidades Motorizadas e Moto-Mecanizadas; Centro de Instrução de Moto-Mecanização e de Artilharia Anti-Aérea;

30% — Unidades e Sub-Unitades — Escolas;

20% Unidades de Saúde e de Intendência; Batalhão de Engenharia, quando em serviço de construção;

15% — Unidades e Sub-Unitades de Artilharia e Engenharia;

10% — Unidades e Sub-Unitades de Infantaria e Cavalaria.

II — As cotas resultantes dessas percentagens serão distribuídas dentro de cada corpo ou formação, da seguinte forma:

a) B.C.C.:

80% para os soldados de fileira;

20% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

b) R. M. M.:

40% para os soldados de fileira;

60% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

c) R. M. C.:

60% para os soldados de fileira;

40% para os soldados empregados, especialistas e artífices;

d) D.E.:

25% para os soldados de fileira;

55% para os soldados especialistas;

20% para os soldados empregados e artífices;

e) Demais unidades:

40% para os soldados da fileira;

30% para os soldados especialistas;

30% para os soldados empregados e artífices;

f) as percentagens acima serão arredondadas para mais quando os resultados fracionários forem iguais ou superiores a 0,51 e para menos quando inferiores.

III — Os músicos, clarins, corneteiros e ferradores devem ser excluídos do cômputo das percentagens.

IV — Aos reservistas de 1.ª categoria convocados não deve ser permitido o engajamento.

V — Nas recapitulações das folhas de vencimentos apresentadas às repartições pagadoras, deverão figurar em separado os soldados engajados e reengajados.

VI — Este Aviso substitui o de n.º 3.174, de 14 de outubro de 1944.
Aviso n.º 639 de 13 — D. O. de 15-3-945.

FUNCIONAMENTO DOS CURSOS DA ESCOLA DE ARTILHARIA DE COSTA

(Instruções)

O Diário Oficial n.º 51 de 3-3-1945, (página n.º 3.527) publica o aviso n.º 7.904 de 1-3-945, do Ministro da Guerra, que aprova as instruções para funcionamento dos cursos da Escola de Artilharia de Costa.

MILITARES PRISIONEIROS, DESAPARECIDOS OU EXTRAVIADOS (Situação)

O Diário Oficial n.º 61 de 15-3-1943, publica na íntegra o decreto-lei n.º 7.374 de 13, que regula a situação dos militares considerados prisioneiros, desaparecidos ou extraviados, concede pensão a seus herdeiros e dá outras providências.

OFICIAIS MÉDICOS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE (Formação)

I — Fica sem efeito o Aviso n.º 2.323 de 9 de setembro de 1942, publicado no Boletim do Exército n.º 37, de 12 do mesmo mês e ano.

II — A formação de oficiais médicos da reserva de 2.ª classe volta a processar-se de acordo com as disposições que regulavam a espécie em data anterior à do citado Aviso n.º 2.323.

Aviso n.º 635 de 13 — D. O. de 15-3-945.

OFICIAIS OBSERVADORES DA F.E.B. (Vantagens)

Em Exposição de Motivos n.º 1.053, de 14 de setembro de 1944, solicitai do Exmo. Sr. Presidente da República autorização para conceder aos oficiais observadores da F.E.B. as vantagens previstas no artigo 24 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares da Aeronáutica, independente da execução de provas aéreas, tendo Sua Excelência aprovado o parecer constante da Exposição de Motivos n.º G. 24, de 2 de corrente, do Sr. Ministro da Aeronáutica na qual são concedidas as vantagens previstas no artigo 28 do referido Código.

Para percepção dessa vantagem é indispensável que o oficial observador haja realizado, no exercício de suas funções privativas, mais de três (3) horas de voo durante o mês, não se levando em conta os simples transportes por via aérea.

Transcrevo a tabela das gratificações acima previstas:

Capitão, Cr\$ 1.384,00; 1.º Tenente, Cr\$ 1.268,60; 2.º Tenente Cr\$ 1.153,30.

A presente tabela deve ser calculada em conformidade com a letra e do art. 19 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Aviso n. 525 de 28-2 — D. O. de 2-3-945.

ASCOA DOS MILITARES (Concessão)

Atendendo ao que solicita o Presidente da União Católica dos Militares e tendo em vista os fins morais e patrióticos dessa associação, declaro que devem ser concedidas todas as facilidades para que os oficiais, sub-tenentes, sargentos e demais praças que o desejarem, possam compartilhar da Páscoa dos Militares a realizar-se nesse ano* a 6 de maio vindouro.

Tais facilidades poderão compreender a execução dos trabalhos preparatórios e a realização da cerimônia principal em locais convenientes nos próprios quartéis e de modo a delas poderem participar as famílias dos militares interessados.

Aviso n. 565 de 8 — D. O. de 10-3-945.

ESERVISTA DO EXERCITO (Permissão)

A permissão que o reservista do Exército solicitar para fins de matrícula no C.P.O.R.Aer. é concedida pela Chefia da Circuncrição de Recrutamento correspondente ao território em que o interessado tenha domicílio.

Essa permissão não poderá ser concedida quando se tratar de reservista de 1.ª ou 2.ª categoria que esteja convocado ou seja sargento, cabo, especialista ou artífice, ou ainda quando se tratar de qualquer reservista que não se encontre em dia com suas obrigações concernentes ao serviço militar.

Aviso n. 636 de 13 — D. O. de 15-3-945.

SERVIÇO MILITAR ((Aprovação)

O "Diário Oficial n.º 48 de 28-2-945, (página n.º 3235) publica o decreto-lei n.º 7343 de 26-2-945, que aprova novas disposições sobre o serviço militar e dá outras providências.

UNIDADES DO EXÉRCITO EM SERVIÇO DE ESTRADAS DE FERRO —

(Substituição)

Fica o Ministro da Guerra autorizado a proceder à substituição das unidades do Exército em serviço de construção de estradas de ferro ou de rodagem por comissões com os mesmos encargos.

Decreto-lei n.º 17832 de 20-2-945 — D. O. de 22-2-945.

Abri de 1945

A DEFESA NACIONAL

VIAGENS PARA O NORTE DO PAÍS (Ordem)

I — A partir desta data as viagens para o Norte do País, passam a ser feitas, normalmente, por via marítima e por via aérea, quando houver concessão especial d'este Ministério.

II — Em consequência:

c) — Fica extinto o Destacamento de Embarque de Joazeiro, devendo a 6.^a Região Militar tomar as devidas providências para o recolhimento do pessoal e do material do mesmo.

b) — Fica sem efeito o Aviso n.^o 2.803 de 9 de setembro de 1944 que determinava o itinerário: Rio de Janeiro — Burarama — Uruburama — Salvador — Propriá — Maceló — Recife para o transporte de pessoal desta capital para a 6.^a e 7.^a Regiões Militares.

Aviso n.^o 512 de 27 — D. O. de 23-945.



BAZAR SÃO JOÃO FERRAGENS.
Rua Bela, 580 □ (São Cristovão) TINTAS E LOUÇAS
J. S. LAGE
SUCESSOR de CAMILLO DOS SANTOS LAGE
TELEFONE 28-5515 RIO DE JANEIRO



Interventor Fernando Costa

Homenageando um grande homem de Governo



▲ gratidão do professorado pri-
mário paulista ao Interventor
Fernando Costa - A bri-
lhante alocução de chefe do
executivo bandeirante



E' pela sabedoria, pelo alto sentido patriótico, pela clarividência de governante humano e laborioso, que o Interventor Fernando Costa se ha imposto à admiração de todos os seus conterrâneos, aos quais busca sempre atender as legítimas aspirações.

Por isso mesmo, as manifestações de solidariedade e de simpatia ao chefe do executivo paulista se sucedem uma após outra pois o povo

da grande terra do café sabe, antes de tudo, reconhecer os méritos de seus governantes e, assim, traduzir, de maneira inequivoca os seus sentimentos de gratidão, o seu reconhecimento pelos favores recebidos. Acresce ainda que, nessa hora de definições políticas, de exteriorizações de provas de confiança ou de desacordo, cabe ao povo demonstrar sua simpatia ou repúdio áqueles que se encontram á frente da administração, dos postos de comando.

Habil dirigente, sincero trabalhador em pról da coletividade, governando São Paulo com patriotismo e dedicação invulgares, o Interventor Fernando Costa soube conquistar a simpatia de seus conterrâneos e sentir, a cada dia que passa, avolumar-se o seu extraordinário prestígio no seio da gente cívica e realizadora de Piratininga.

Há pouco tempo era a população do bairro de Ipiranga que comparecia ao Palácio dos Campos Eliseos para testemunhar sua solidariedade absoluta ao chefe do governo bandeirante. Agora, em manifestação de igual vulto e revestida do mesmo singular relevo, é o professorado primário paulista que homenageia o Interventor Fernando Costa, dizendo de sua imperecível gratidão pela medida governamental que melhorou os vencimentos da classe.

"O Estado de S. Paulo", onde brilham as penas de Abner Mourão e Mario Guastini, assim noticiou o extraordinário acontecimento, que marcou uma página de vibração cívica na vida de Piratininga:

"O Sr. Fernando Costa recebeu ontem á tarde a visita de mais de mil professores, que, representando todo o magisterio primário paulista, foram a Palácio a fim de expressar ao Chefe do Governo o seu reconhecimento por motivo da recente majoração de vencimentos decretada por S. Exa. em favor daquela numerosa classe.

O jardim da residência governamental estava, muito antes das 17 horas, quando se realizou a manifestação de reconhecimento ao Sr. Fernando Costa, repleto de professores, e professoras, inspetores do ensino, delegados regionais, diretores de Grupos Escolares e outras autoridades educacionais.

Quando o Sr. Interventor Fernando Costa penetrou no jardim, acompanhado dos Srs. Sebastião Nogueira de Lima, Secretário da Educação e Saúde Pública; Prof. Sud Mennucci, Diretor Geral do Departamento de Educação; Cesar Costa, membro do Conselho Administrativo do Estado e outras pessoas, foi recebido com prolongadas aclamações. Os manifestantes cercavam o Sr. Fernando Costa, dese-

josos de dirigir-lhe pessoalmente o seu reconhecimento pela medida que veio beneficiar, de modo altamente significativo, a situação da classe do magisterio primário bandeirante.

Dirigindo-se às escadarias principais da residéncia governamental, o Sr. Fernando Costa, foi ali saudado pelo Sr. Sebastião Nogueira de Lima, Secretario da Educação, que comunicou a S. Exa., os objetivos da presença daqueles professores.

PALAVRAS DO SR. NOGUEIRA DE LIMA

Foram as seguintes as palavras pronunciadas pelo Sr. Secretário da Educação:

“Sr. Interventor Federal, Dr. Fernando Costa. Da gente da organização administrativa do Estado de S. Paulo, esta que aqui está é uma das melhores: é o professorado primário da terra bandeirante, professores e professoras. Ainda há pouco dissemos, em plena praça publica, no coração da cidade, que esta gente toda, possuída de um espírito de colaboração e de uma vontade firme de trabalhar para o engrandecimento da instrução publica de S. Paulo, se reunia lá, como está reunida aqui, não para pedir mas para agradecer.”

Em seguida o titular da Educação declarou que passaria a palavra ao Prof. Sud Mennucci, Diretor Geral do Departamento de Educação, quem falaria em nome dos professores primários.

DISCURSO DO PROF. SUD MENNUCCI

O Prof. Sud Mennucci, interpretando fielmente o sentimento dos presentes, pronunciou, de improviso, o seguinte discurso, saudando o Chefe do Governo:

“Sr. Dr. Fernando Costa, eminent Interventor do Estado de São Paulo.

Compareço, aqui, com a voz do professorado de S. Paulo. Represento um símbolo. Como diretor geral do Departamento de Educação, eu expreso, em nome desta gente toda, que por sua vez representa o magisterio primário do Estado inteiro, o agradecimento dos mestres de S. Paulo pela obra notável de reerguimento da classe, que V. Exa. empreendeu no seu Governo, repondo o magisterio no seu lugar, dentro do quadro da administração publica, do qual ele tinha sido afastado aos poucos, passando mais de um decénio no esquecimento e no abandono.

Sr. Interventor: esta gente que aqui está representa a gente mais disciplinada, mais unida, mais coesa que V. Exa. teve entre os seus administrados. E' uma gente sempre a postos, que nunca negou seu trabalho, e é uma gente que sabe que a sua missão é uma missão, principalmente, de sacrifícios. E esta gente representa, dentro do Estado, a verdadeira formadora de nacionalidade bandeirante e da nacionalidade brasileira.

Todos nós sabemos que o magisterio de S. Paulo segue as tradições de uma grande figura histórica. Refiro-me ao apostolo do gentio, a Anchieta, que, iniciando aqui o seu labor de sacerdote, começou, também, neste solo, o seu labor de professor. E esta gente, repetindo-lhe o exemplo através de séculos, principalmente nestes últimos 50 anos de República, esta gente imitou Anchieta, prosseguindo na sua obra iniciada quando o Brasil era colônia.

Nós sabemos que, no bravar dos sertões paulistas, na abertura de suas estradas e na fundação de suas cidades, apareceram os pioneiros, violadores de selvas, os bandeirantes, que foram deixando aqui e alem, os marcos da sua passagem. Com essa gente, sempre apareceu o mestre de S. Paulo, que apesar de suas canseiras, apesar das dificuldades de toda ordem, debaixo de sol ou debaixo de chuva, mesmo quando se revoltava ou quando se lamuriava, nunca deixou de cumprir a sua obra de civilização e de cultura.

Sr. Interventor: — Esta gente sabia, quando V. Exa. veio ocupar o cargo de Interventor de São Paulo, que teria em sua pessoa o seu grande defensor, o seu grande advogado; e sabia-o porque Fernando Costa foi, no começo de sua vida, como nós outros, um mestrinho, um professor. Faço questão de relembrar o tempo em que ele, como professor da Escola Noturna da Sociedade Igualitária de Piracicaba, iniciava a sua vida e começava pelo mesmo caminho que trilhamos nós outros. Foi por isso mesmo que esse homem, que vem servindo ao Governo de São Paulo, fez questão de mostrar aos professores que deles não se esquecera, repondo o magisterio no quadro do funcionalismo de São Paulo, fazendo essa obra grandiosa derepo-lo na sua altura verdadeira.

Meus colegas: — Fernando Costa é credor de nossa gratidão, por uma porção de títulos, mas principalmente por um, que é o mais alto. Dando a libertação econômica ao mestre-escola, ele consolidou a defesa da infância de São Paulo. (Aplausos). Compreendendo a neces-

sidade da defesa econômica do magistério. S. Exa. estava, realmente, defendendo a criança paulista.

Sr. Interventor, aqui está esta gente, representante do magistério da Capital e do Estado inteiro, através de seus delegados, que vem para dizer, com o coração nas mãos, que V. Exa. é incontestavelmente o seu grande amigo, que V. Exa. é o maior amigo que ela encontrou até agora".

ORAÇÃO DO SR. INTERVENTOR FEDERAL

Em seguida, vivamente emocionado com as carinhosas manifestações de apreço de que era alvo, o Sr. Interventor Fernando Costa, agradecendo a homenagem, pronunciou o seguinte improviso:

"Meus caros professores.

Uma grande emoção domina, neste momento, o meu coração, impossibilitando-me, quase, de vos dizer algumas palavras de agradecimento a esta manifestação tão carinhosa e tão cheia de estímulo, que acabais de me fazer.

Generoso foi o vosso interprete, quando atribuiu ao Governo de S. Paulo, por um simples ato de justiça, tanto merecimento.

Não poderia o governo deixar de dar uma solução razoável ao apelo de vosso interesse. Como poderíeis desempenhar eficientemente a vossa vida de educadores da nossa mocidade, ganhando tão pouco, recebendo insuficientemente para a vossa manutenção? Com que espírito e com que alma poderia o professor de São Paulo reger a sua escola, se em sua casa escasseiam os recursos com que se mantém a família? Como vencer as horas amargas de sua vida, sobre carregado ainda com as responsabilidades de preparação das tarefas educativas?

Era preciso acudir ao professor, facilitando-lhe a sua preparação social. Realmente, os governos têm encontrado dificuldades na solução do magnifico problema dos vencimentos de seu funcionalismo. De um lado a necessidade dos servidores e, de outros, as aperturas dos cofres públicos, que têm que atender a tanta necessidade administrativa de educação, de saúde, de produção, de transporte e de tantos outros problemas que integram a administração pública.

E' preciso, porém, que se não regateiem esforços quando se trata de acudir às reais necessidades daqueles que servem ao Estado e ao Brasil. E ninguém mais do que os professores merecia esse patrocínio. Portanto, nada mais fiz do que um ato de justiça e o cumprimento de um dever, indo ao encontro das vossas necessidades. E fui com grande alegria alma, e se não elevei mais os vossos vencimentos foi porque as condições orçamentárias do Estado não o permitiram.

Sou daqueles que pensam que o Governo deve estar sempre vigilante para atender ás vossas necessidades, porque, assim, podereis desempenhar, com muito maior segurança e maior facilidade, a nobre missão que pesa sobre os vossos ombros, qual seja a de instruir as crianças, de formar, moral e intelectualmente, os cidadãos de amanhã, que hão de fazer a grandeza de São Paulo e a prosperidade do Brasil. (Palmas).

Meus caros amigos e professores de São Paulo.

Como bem o disse o meu caro amigo, Professor Sud Mennucci, eu, na minha juventude, dediquei-me tambem ao magisterio. Dava aulas noturnas. Ganhava uma insignificancia, mas foi com essa insignificancia que eu consegui os recursos para os meus estudos, na Escola Agricola de Piracicaba. E que horas felizes, meus caros colegas (Vozes: muito obrigado! Palmas), passei naquela bela Escola em que lecionava — Escola Igualitaria Instrutiva de Piracicaba — fundada por Prudente de Moraes e frequentada por homens analfabetos, por operarios da bela Piracicaba.

Eramos uma meia duzia de rapazes, os docentes da Escola. Parece-me que aqui está um dos professores daquele tempo, o meu velho amigo Antonio de Moraes Rosas. Com que dedicação, com que carinho trabalhavamos todos!

Dentre os mestres da Escola um houve, meus senhores, que pela carencia de recursos com que contava a Escola, não se pejava de transformar-se em servente e de fazer a limpeza do predio, para depois, mudando as vestes de operario, assumir a sua classe como professor. Que nobreza de alma! Que amor á instrução e aos semelhantes!

Hoje, como Interventor em São Paulo e como professor que também fui, eu vos concito a não esmorecerdes na caminhada. Eu vos concito a prosseguirdes nessa cruzada de sacrificios, de sacrificios benditos, porque eles se fazem no sentido da grandeza da nossa Pátria. (Aplausos prolongados.)

Não recebeis o que mereceis pelo vosso esforço. Mas, trabalhai com alegria, meus senhores e exmas. senhoras, trabalhai porque todos temos que nos sacrificar pelo bem da nossa coletividade, pelo bem do nosso país. Só pôde afirmar que vive com alegria e vive feliz aquele que cumpre o sacrossanto dever de bem servir à Pátria. (Palmas).

Vós mereceis tudo. Não precisaveis ter o incomodo de vir agradecer-me, pelo pouco que vos fiz. Eu vos desejo felicidades no vosso trabalho e no exercicio da vossa sagrada missão. Meus agradecimentos muito cordiais, meus senhores, pela generosidade da vossa manifestação."

Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários

Suas atividades e realizações no ano de 1944

O sr. Nelson Fernandes, presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários, apresentou ao Conselho Fiscal, o Relatório Balanço Geral, correspondente ao exercício financeiro de 1944, destacando-se do primeiro os seguintes tópicos, do maior interesse econômico e social :

DEPARTAMENTO DE PREVIDÊNCIA

"Procedeu-se a um acurado estudo neste Departamento, no sentido de abreviar o mais possível o andamento dos processos.

Para isso, com a devida aprovação desse Colendo Conselho, foram introduzidas radicais alterações nesse setor, a título experimental nas Delegacias do Distrito Federal e de São Paulo, cujos resultados determinaram consolidar a matéria e implantar o sistema em todas as demais Delegacias, uma vez demonstrada a possibilidade de se reduzir o andamento dos processos de certos benefícios a um mínimo, em média, de 10 dias.

Não nos limitamos a esse aspecto meramente burocrático da questão e ordenamos um estudo de profundidade com o intuito de elevar desde logo as atuais e futuras aposentadorias e pensões até a um limite que não deveria ser inferior a 50 % do salário mínimo regional.

Ainda, e como consequência, se determinou a avaliação patrimonial do I.A.P.C., o que já se fez e, naturalmente, estamos agora sob a dependência dos estudos a que está procedendo o órgão técnico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

O movimento geral de 1935 a 1944 é bem expressivo; a cifra representativa dos benefícios concedidos, compreendendo — aposentadorias por invalidez e por velhice, as pensões a herdeiros dos segurados mortos e os auxílios pecuniário, natalidade e funeral — atinge a Cr\$ 254.316.746,90.

O Instituto já pagou 34.914 seguros na impropriedade de Cr\$ 222.967.863,30 e 63.683 auxílios, no valor de Cr\$ 31.384.888,90.

Em 31.655 benefícios requeridos no ano de 1944, foram despechados, para pagamento imediato, 28.701 benefícios, 730 dependendo de homologação do Egrégio Conselho Fiscal, indeferidos 2.224; ou 90,7% com pagamento imediato, 2,3% dependentes de homologação do Conselho Fiscal e 7% indeferidos.

Esses benefícios no exercício representaram 18,16% da Receita do Instituto."

INVERSÕES DE RESERVAS

"No curso do exercício a cifra correspondente a Inversões atingiu à soma de Cr\$ 758.044.211,30.

Ainda assim encerramos o ano com uma disponibilidade de Cr\$ 519.316.558,70 que, com os valores a realizar, soma Cr\$ 769.552.931,40.

Segundo acentuamos no relatório referente ao exercício de 1943, nosso plano principal objetiva aplicar parte das disponibilidades a uma taxa de rentabilidade elevada para manter índices que, por sua vez, possibilitem uma substancial aplicação em obras assistenciais.

Foi assim que, a 24 de Julho de 1944, submetemos ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República um plano — que mereceu a aprovação de Sua Excelência — tendente a fazer larga aplicação de disponibilidades para fins assistenciais e demonstramos então ser perfeitamente praticável fazer inversões a uma taxa social tão baixa quanto necessária, desde que devidamente articulada com operações de ordem financeira a juros mais elevados, de modo a prevalecer um rendimento mínimo predefinido.

Por mais de uma vez temos procurado deixar claro que o problema da moradia não se situa na questão da casa própria. O que interessa à Previdência é dar uma casa: própria, para aqueles que a podem adquirir e isso, não apresenta problema; apropriada, é a solução que nos compete encontrar.

Para resolver o primeiro, determinamos a abertura, em todo o Brasil, da Carteira Imobiliária que, até então, funcionava apenas em seis estados, além da Capital da República.

Durante o exercício passado, os financiamentos através dessa Carteira montaram a Cr\$ 87.279.124,00, o que nos leva a esperar que no próximo exercício essa cifra atinja proporção bem maior.

No que se refere à casa apropriada, já estão prontos os planos para construção em massa de casas populares de custo aproximado de Cr\$ 25.000,00 e aluguel ao redor de Cr\$ 100,00 mensais. Ainda no primeiro semestre de 1945 daremos início à construção de: 5.000 casas no Distrito Federal; 3.000 em São Paulo; 1.600 em Porto Alegre; 1.600 em Belo Horizonte; 600 em Niterói; 400 em Curitiba; 100 em Cuiabá; 300 em Salvador e 100 em Florianópolis.

Serão atacados, imediatamente, os estudos para a construção nos demais Estados da União.

Durante o exercício ativamos a construção do núcleo residencial de Casa Amarela, em Recife, com 486 unidades, sendo que um grande número de residências, já terminadas, estão sendo alugadas à razão de Cr\$ 150,00 mensais.

Igualmente, terminamos a construção de 89 casas em Goiânia e de 12 em Porto Alegre; e do edifício-sede da Delegacia em Pernambuco, em Recife.

Ativamos as obras de Olaria — 484 unidades — e as do núcleo de 38 residências da rua Marechal Aguiar, ambas em fase de conclusão, devendo serocupadas nos primeiros 90 dias de 1945.

Foram realizados os serviços de urbanização das áreas situadas na Avenida Suburbana e à rua Torres de Oliveira, no Distrito Federal e a do Sítio da Capela, em Recife.

Prosseguem as obras do edifício-sede da Administração Central, à rua México, prestes a serem concluídas; dos edifícios-sede das Delegacias de São Paulo e do Espírito Santo.

Prontos para concorrência estão os projetos da construção de dois prédios de apartamentos na Capital Federal, um à rua Ministro Viveiros de Castro, 81, e outro à rua São Clemente, 122; e os das obras do castelo d'água, do primeiro armazém de abastecimentos, dos edifícios para o Serviço Médico, escola e centro social, todos do conjunto residencial de Olaria; da sede da Agência em Parnalha; mais três edifícios em Recife, um destinado a hotel, outro a escritórios profissionais e outro para apartamentos; e um edifício para cada uma das Delegacias do Amazonas, Pará e de Minas Gerais.

Em desenvolvimento estão os projetos dos edifícios-sede das Delegacias do Piauí, Alagoas, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Estado do Rio de Janeiro: de 4 edifícios de apartamentos, 3 no Distrito Federal, em Bustavo Sampaio, Constante Ramos e Xavier da Silveira e 1 em Petrópolis; de 4 conjuntos residenciais, 2 no Distrito Federal, em São Francisco Xavier, com 1.500 unidades e em São Luiz Gonzaga, com 36 casas e 30 apartamentos e 2 em São Paulo, na Cidade Jardim, com 358 casas e 510 apartamentos e no alto de Pinheiros, com perto de 500 unidades; ainda, 2 edifícios de apartamentos, também em São Paulo.

Igualmente estão sendo desenvolvidos os projetos dos edifícios da "Casa do Comerciário" na Avenida Passos e da "Casa da Comerciária" à rua das Laranjeiras, no Distrito Federal.

Sentindo a necessidade de dar ao jornalista profissional melhores condições de viver, de acordo com o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro, decidimos construir a "Cidade dos Jornalistas". Para isso adquiriu-se uma gleba de terra com cerca de 75.000 metros quadrados, na variante Rio-Petrópolis, nas alturas de "Manguinhos", a menos de 15 minutos da Praça Mauá, onde faremos erguer cerca de 1.000 unidades residenciais, um armazém de abastecimentos, escola, play ground, edifício para Serviço Médico e assistência social."

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA

"O problema não pode ter retardada por mais tempo a sua solução, e dai as iniciativas no sentido de elaborar-se um plano objetivo de assistência médica, com a amplitude que reclamam os interesses da nossa grande massa de segurados.

E' a previdência que inspira termos sugerido em longa exposição ao Senhor Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio a imediata execução dos serviços de assistência médica, cirúrgica, farmacêutica e odontológica do I.A.P.C. em todo o país, em ambulatórios, hospitais, casas de saúde e sanatórios e, bem assim, a realização de uma verdadeira campanha de segurança social, na prevenção contra os riscos de incapacidade de trabalho, como parte integrante da assistência social que figura na política do governo, tendente a preparar e assistir as gerações de agora e as vindouras, defendendo-as da situação de que é o quadro real a cifra espantosa das aposentadorias por invalidez, em que, num volume de 20.002 segurados do Instituto retirados das atividades, por invalidez, o número de tuberculosos é de 8.281, ou seja 41,40%, todos na idade dos 20 aos 35 anos, seguindo-se-lhes os doentes do aparelho circulatório, na percentagem de 30,85%, não sendo pequeno os de doenças danutrição do aparelho digestivo, do sistema nervoso, etc.

Dai, a iniciativa de aparelhar o I.A.P.C. para desenvolver, em todo o país, uma grande campanha de saúde física e moral, através de 45 ambulatórios, três deles já prontos no Distrito Federal e outra parte em estudos, como o de São Paulo; e mais a implantação inicial de, pelo menos, quatro ambulatórios de alta capacidade, no Rio, em São Paulo, no Recife e em Belém, destinados a cumprir alta missão social na luta contra a tuberculose, que tanto pesa no volume de nossas aposentadorias."

Biblioteca da "A Defesa Nacional"

LIVROS A' VENDA

Anuário Militar do Brasil 1935	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuário Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuário Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuário Militar do Brasil, 1942	42,00
A Arte da Guerra — Trad. Cel. Renato Batista Nunes	26,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldemiro Lima	21,00
A Revolução de 1942 — Martins Andrade	19,00
Aspéto Geográfico Sul-Americanoo — Cel. Mario Travassos	6,00
(x) — As condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro — Cel. Mario Travassos	6,00
A Compreensão da Guerra — Cel. J. J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguarda — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Atestado de Origem — Ten. Cel. Dr. E. Marques Porto	3,00
A. C. P. — Cap. Geraldo de Menezes Cortes	16,00
A Concepção da Vitória entre os Grandes Generais — Cap. Frederico Mindelo Carneiro Monteiro	21,68
Auxiliar do Instrutor de Pontes — Cap. Samuel A. A. Correia	7,00
(x) — A Defesa Nacional (Número Avulso)	5,50
Acentuação Gráfica — Cap. Antonio Pereira Lira	3,00
A Instrução na Cavalaria — Cap. João de Jesus Mena Barreto	11,00
A Técnica do Tiro de Costa — Cap. Ary Silveira	21,00
Anuário Militar do Brasil, 1943-1944	42,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Ten. Cel. Lima Figueiredo	11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11,00
(x) — Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa	7,00
Caderneta de Ordens e Partes	13,00
Caderneta de Ordens e Partes (Bloco para)	3,00
Caderheta de Campanha do Capitão — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa	13,00
(x) — Contribuição para a História da Guerra entre Brasil e Buenos Aires — Gen. Bertoldo Klinger	13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27,00
Código de Vencimentos e Vantagens — Getulio Costa	5,00
Comandar — Ten. Cel. Niso de Viana Montesuma	7,00
Código Penal Militar — Cap. Moacyr Faião Gomes de Abreu	9,00
Cooperemos para a boa Linguagem — Ruy de Almeida	11,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00

Colaborem neste número:

Gen. Silveira de Melo.
Ten. Cel. Armando Pereira de Vasconcelos.
Ten. Cel. Olympio Mourão Filho.
Ten. Cel. Adalardo Fialho.
Maj. Emanuel Moraes.
Maj. Paulo Enóas F. da Silva
Maj. A. C. Muniz de Aragão.
Cap. Rui de Alencar Nogueira.
Cap. Neison R. Carvalho.
Cap. Tasso de Aquino.
1.º Ten. Otávio Alves Filho.
1.º Ten. Nuno da Gama Lobo D'Eça.
Lydio M. Souza



Cr\$ 5,00

EDITORA HENRIQUE VELHO
(Empresa "A Nette")
Mal. Floriano, 15 — Rio de Janeiro, D. F.